

O Evangelho de

# TOMÉ



ELO PERDIDO

JOSÉ LÁZARO BOBERG



**1ª edição eletrônica:** novembro de 2020

**Copyright** © 2011 by José Lázaro Boberg

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da Editora.

**Capa / Projeto gráfico:** Hilário Silva Resende

**Projeto eletrônico:** Joyce Ferreira

**Revisão:** Lídia R. Maria Bonilha Curi, Celso Martins e Romildes Carvalho da Silva

**O Evangelho de Tomé - O Elo Perdido | José Lázaro Boberg**

Editora e Distribuidora de Livros Espíritas “Cristo Consolador”

Nome fantasia: Editora e Distribuidora de Livros Espírita Chico Xavier

Rua: Geraldo Teixeira da Costa, 292

B. São Benedito – Telefones (0\*\*31) 3636-7147 / 3637-1048

0800-283-7147

CEP – 33120-520 – Santa Luzia – MG

[www.editorachicoxavier.com.br](http://www.editorachicoxavier.com.br)

[contato@editorachicoxavier.com.br](mailto:contato@editorachicoxavier.com.br)

Todo o produto obtido com a venda do presente livro será destinado a divulgação e difusão da Doutrina Espírita e das obras assistenciais promovidas pelo Grupo Espírita “Eurípedes Barsanulfo”, de Santa Luzia.

O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor.

Ο Ευαγγέλιο de

# TOME



ELO PERDIDO

JOSÉ LÁZARO BOBERG



O impacto do Evangelho de Tomé no contexto doutrinário ortodoxo proporciona meios para uma reavaliação do Cristianismo que chegou até nós. Talvez seja – ao lado de outros textos gnósticos – uma das mais importantes descobertas arqueológicas cristãs do século XX, encontrado em Nag Hammadi, no Alto Egito, em 1945.

José Lázaro Boberg

Dos livros banidos, aquele que a maioria dos estudiosos considera mais próximo dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e da Igreja primitiva é o Evangelho de Tomé. Este documento foi descoberto em 1945, junto à vila de Nag Hammadi, no Egito. (*William Arntz, Betsy Chasse e Mark Vicente, Livro Quem Somos Nós? p. 201*).

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PREFÁCIO

1. O CRISTIANISMO QUE LEGAMOS

2. OS EVANGELHOS GNÓSTICOS

3. REINO DE DEUS: TOMADA DE DECISÃO

4. JESUS SALVA?

5. IMPERSONALISMO DA LEI UNIVERSAL

6. JESUS NÃO É DEUS

7. CONHECER A SI MESMO

8. NÃO PROVAR A MORTE

9. A QUESTÃO DA RESSURREIÇÃO

10. TRANSITORIEDADE DA VIDA

11. DEUS DOS VIVOS

12. PROVAS

13. PEDRA ANGULAR

14. REFORMA ÍNTIMA

15. O JOIO E O TRIGO

16. EM SINTONIA COM O CRISTO

17. REVELANDO O QUE TEM DENTRO DE SI

18. O JEJUM DO MUNDO

19. ALIMENTAÇÃO ESPIRITUAL

20. EU SOU O TODO

21. RENUNCIAR

22. MORADA DE DEUS

23. A VIDEIRA

24. FARDO LEVE E JUGO SUAVE

25. SEMELHANTE A UMA CRIANÇA

ALGUNS PARALELOS ENTRE CRISTÃOS

ORTODOXOS E GNÓSTICOS

O DOCUMENTO: EVANGELHO DE TOMÉ

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

# INTRODUÇÃO

Quando da publicação da 2.<sup>a</sup> edição do livro do douto escritor e pesquisador Hermínio Corrêa de Miranda, *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, pela Editora Lachâtre, em 1995, confesso que li a obra, achando-a interessante, sem, todavia, atinar com a importância de seu conteúdo para o mundo cristão e, em especial, para a Doutrina Espírita. Diz-se que o tempo é o senhor da razão. Só com a maturidade, no momento devido, é que se passa a valorizar e entender o sentido de certos ensinamentos. E este é um deles, seu valor só desperta quando estamos ‘prontos’ para assimilá-los a essência. Diz-se que “quando o servidor está pronto o Mestre aparece” (Bhagavad-Gita, 9:17). Passados alguns anos, em 2002, quando começamos a registrar nossas reflexões em livros, percebemos que, na realidade, elas muito se aproximavam – excluindo alguns excessos – das ideias gnósticas. Resolvemos, assim, estudar, além desta obra, outras que abordavam o fascinante tema.

É importante citar que, antes, já havíamos contatado com os ensinamentos gnósticos, numa outra obra do mesmo escritor, *Cristianismo: a Mensagem Esquecida*, da Editora O Clarim, de 1988. Nela, o autor reserva um capítulo do extenso livro, sob o título “Como se vê o Cristianismo primitivo refletido no gnosticismo”. Ali começou a nos despertar algo novo sobre o que foi o Cristianismo *gnóstico*, sua influência e trajetória, perseguição de seus membros, até sua proibição pela igreja nascente. Depois dessa inserção nesse livro, é que o autor aprofunda a pesquisa e escreve *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, um trabalho de fôlego, que merece ser analisado não só pelos espíritas, mas por todo cristão de ‘livre pensar’ que deseja buscar o fio da meada do Cristianismo que temos

hoje.

Na bibliografia *gnóstica* relacionada no final deste livro, passaram pelas nossas mãos obras fundamentais de autores estrangeiros, mas versadas para o português. Quem quer estudar o gnosticismo não pode deixar de ler o monumental trabalho da Dra. Elaine Pagels, uma das maiores autoridades mundiais na área de religião e história, e vencedora do *National Book Award* com o revolucionário *Os Evangelhos Gnósticos*. Trata-se do primeiro livro importante e eminente sobre o assunto, com base na descoberta, em 1945, dos textos cristãos gnósticos em Nag Hammadi, no Egito. É autora, ainda, de *Além de Toda a Crença*, que explora os primórdios do Cristianismo, remontando a esses primeiros textos e comparando-os aos escritos canônicos. As duas obras foram lançadas no Brasil pela Editora Objetiva. Para escrever o *Evangelho Gnóstico de Tomé*, o escritor Hermínio Miranda tem na Dra. Pagels grande fonte de inspiração.

Desde muito cedo, fomos atraídos pela figura majestática de Jesus, mas sempre questionando sobre certos ensinamentos atribuídos a ele, que não passavam pelo crivo da razão. Encontramo-nos, assim, entre dois caminhos: Aceitar pela fé que apenas *crê* (religiosa), ou pela *fé* que sabe (aquela que, no dizer de Kardec, pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade). O Universo dizia-nos que caminhássemos em busca da razão. A essência da filosofia ensinada por Jesus, tirando as incongruências colocadas em sua boca pelos construtores da doutrina do Cristianismo, denota a de um homem de sabedoria. Para nós, até então, as verdades sobre ele estavam assentadas apenas nos quatro Evangelhos canônicos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Ouvíamos falar que existiram outros Evangelhos, mas falsos, que, por essa razão, foram banidos pela Igreja, porque abertamente pregavam reencarnação, mediunidade, etc. Nunca questionamos, mesmo porque não tínhamos tomado contacto com os escritos expurgados pela Igreja.

De igual forma, a grande maioria segue este raciocínio, sem nada contestar. No entanto, o inesperado aconteceu. Em 1945, perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito, um camponês descobriu, numa urna de barro, uma biblioteca contendo um conjunto de textos. Eram os livros sagrados de uma das mais antigas seitas cristãs. Ao todo, eram 52 livros cristãos gnósticos contemporâneos do cristianismo inicial, sugerindo-nos que o Cristianismo que conhecemos poderia ter tomado rumo bem diferente do que nos foi legado pelos seus construtores. Inúmeros livros encontrados expressavam as ideias de Jesus de um modo diferente daquelas que foram construídas pelos teólogos da Igreja, sob a administração dos Imperadores Romanos. Serão analisados os enunciados do Evangelho de Tomé no decorrer desta obra. Segundo as pesquisas, eles parecem ser transmitidos em forma que é anterior à que temos nos Evangelhos canônicos.

Os vencedores têm o direito de escrever a História, na forma que melhor lhes aprouver. Assim foram os cristãos eclesiásticos que registraram a origem do Cristianismo. Eles se autodefiniram como *ortodoxos* – verdadeiros. Decidiram que todas as outras correntes oponentes existentes eram falsas, e seus seguidores foram designados de *hereges* (falsos). Por essa razão, estes foram rejeitados, escarnecidos, amaldiçoados, atacados, queimados, completamente esquecidos – perdidos. E, ainda, para gravar a vitória sobre os vencidos, cristalizaram na mente dos seguidores que o triunfo deles era inevitável, pois foi um trabalho dirigido pelo Espírito Santo. ‘É Deus que quis assim!’ A população sempre soube da existência de apenas 4 Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. E ainda mais, na construção dos textos, a expressão ‘Jesus disse’ passou para História que todas as palavras ali constantes eram literalmente dele. Vale a pena ler o excelente livro *Da Bíblia aos nossos dias*, de Mário Cavalcanti de Melo, da Federação Espírita Paranaense, Curitiba, 1972. Também recomendamos o livro *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?* De Bart D. Ehrman, da Editora Prestígio, Rio de Janeiro-RJ., 2005.

Vários dogmas, inseridos paulatinamente, macularam os princípios originais de Jesus, para atender aos interesses político-administrativos da Igreja nascente e do Império. Neste sentido, ideias como ressurreição da carne, doutrina da Trindade, nascimento virginal de Jesus, céu e inferno exteriores, Juízo final, milagres, penas eternas, entre outras, foram adicionadas à doutrina. O paradigma religioso passou a ser acatado pelo seguidor, geralmente, sem qualquer questionamento, pois foi recebido como ‘palavra de Deus’, quando, na realidade, foi criação do homem.

Foram descobertos, nesta biblioteca, o Evangelho de Maria, Evangelho de Filipe, O Evangelho da Verdade, O Apocalipse de Pedro, O apócrifo “Livro secreto de João”, Carta de Pedro, entre outros, mas, talvez a mais importante descoberta arqueológica cristã do século XX tenha sido *O Evangelho de Tomé*. É um documento fascinante, objeto de extensa literatura moderna. Recentemente, o professor Helmut Koester, da Universidade de Harvard, pelos exames de datação dos papiros sugeriu que a coleção dos dizeres do Evangelho de Tomé, embora compilada por volta de 140, pudesse incluir algumas tradições ainda mais antigas que as dos Evangelhos do Novo Testamento, “talvez remontem à segunda metade do século I (50-150), isto é, tão antigas, ou mais que os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João” (segundo a Dra. Pagels em *Os Evangelhos Gnósticos*). Atente-se para o detalhe de que, dentre os inúmeros livros considerados “apócrifos” e que foram banidos pela Igreja, os estudiosos sustentam que o mais próximo dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e da Igreja primitiva é esse Evangelho de Tomé.

Dessa feita, acreditam os pesquisadores que as versões dos dizeres de Jesus encontrados no Evangelho de Tomé, seriam em geral, versões mais originais do que a dos Evangelhos canônicos, que teriam sofrido modificações e editorações ao longo dos séculos. No decorrer de nossa exposição, daremos maiores detalhes sobre este documento. Para exata avaliação da importância desses textos, Hermínio Miranda afirma: “é preciso ainda considerar que, embora não se possa atestar a ‘pureza virginal’ dos escritos, é certo que pelo menos durante quase dezesseis séculos eles não sofreram manipulações mutiladoras, o que está longe de

poder ser assegurado quanto aos documentos canônicos. Daí o *frisson* que a descoberta causou nos círculos da erudição internacional”.

Para melhor entendimento dos estudos que serão desenvolvidos alertamos os leitores quanto às expressões utilizadas para expor o pensamento de Jesus. Assim, para comunicar um pensamento, encontramos expressões como, “Jesus disse”, ou “ele disse”; entendamos o que consta dos enunciados, como *palavras, anotações, logions, discursos ou ditos*, atribuídos a ele. Esses ensinamentos foram coletados na base do ‘ouvir dizer’, sem qualquer prova documental. Na verdade, ninguém sabe se Jesus disse ou não, pois, nada deixou escrito.

O Evangelho Gnóstico de Tomé é composto de 114 *logions* ou ‘dizeres’ de Jesus, sendo alguns semelhantes aos que constam dos canônicos, mas sem milagres, histórias, contendo os ‘ditos’, simplesmente. A título de exemplo, no *logion* ou dito n.º 1, o Jesus de Tomé diz: “Quem descobrir o sentido destas palavras não provará a morte”. A grande diferença entre os gnósticos e os canônicos é que os primeiros advogam uma ligação direta com Deus, na própria intimidade, enquanto os segundos criaram uma estrutura organizada com dogmas, rituais, e a ligação com Deus só ocorreria através da Igreja. Para os gnósticos, o Reino de Deus é uma conquista íntima, enquanto que, para a Igreja, é algo que ocorreria por procuração dada pelo crente, ao filiar-se à instituição. Note o leitor não ir aqui nem em nenhum outro texto qualquer ataque à crença alheia. Vale lembrar o velho ditado atribuído a Aristóteles: “Sou muito amigo de Platão, mas sou mais amigo da verdade”.

Serão abordados apenas alguns *logions* dentre os 114 do Evangelho de Tomé. Neles procurou-se mostrar o ensinamento de Jesus, diferente daquele que os canônicos ensinam. São ideias do *Jesus gnóstico*.

Concluindo, resta-nos abordar o porquê de optarmos pela

denominação no *Evangelho de Tomé de O elo perdido*. Entendemos que jamais, oficialmente, ele será considerado o 5.º Evangelho, como Rohden assim o denomina em sua obra. Ele foi banido e seus seguidores perseguidos, e muitos deles, mortos. Mesmo com sua descoberta, a eficácia do paradigma elaborado pela Igreja de Roma foi tão forte, que, só, individualmente, pela maturidade de espírito, esse elo pode ressuscitar as ideias iniciais e mais próximas ao que Jesus ensinou. Nem todos estão prontos para isso. Poucos cristãos ortodoxos encontram-se neste estágio de questionar sem medo, não obstante, muitos já tenham atingido essa maturidade. Por isso, para a grande maioria, continuará o Evangelho de Tomé, sendo um 'elo perdido'. Para alguns, no entanto, ele é a grande descoberta que elucida os verdadeiros princípios de Jesus. Tomara que a leitura desta obra possa contribuir para o seu *insigh*, e que o elo não se perca mais!

José Lázaro Boberg  
jlboberg@uol.com.br

# PREFÁCIO

Ao longo de multimilenar jornada evolutiva, o ser humano traz em sua memória ancestral a ideia de que um Ser superior lhe preside a vida.

Assim, teve a necessidade de se relacionar de alguma forma com essa divindade, a fim de obter favores, como sustentação e proteção e, ao mesmo tempo, aplacar o que considerava Sua ira, quando entendia que lhe havia desobedecido e, por isso, sofrido punição.

E a fórmula que encontrou para esse relacionamento foram os cultos.

Desde os mais primitivos e variados, até o surgimento das grandes religiões, o ser foi construindo conceitos a respeito de Deus de maneira progressiva, conforme sua evolução cultural, filosófica e intelectual.

Dessa maneira, quando lemos no livro de Gênesis que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, podemos entender também que a recíproca é verdadeira, pois cada ser, em cada época, em cada cultura e em cada grau evolutivo, faz um conceito diferenciado do que é Deus, conforme seus paradigmas. Tanto que Flammarion argumentava ser Deus um besourão, na visão de um besouro.

Então, o homem, igualmente, também faz Deus à sua imagem e semelhança.

Pelo desejo de supremacia e domínio sobre outros povos, muitas culturas usaram e abusaram da religião como meio através do qual atingiram seus objetivos.

Diversos países, ainda nos dias atuais, são Estados teocráticos, pois têm leis baseadas em dogmas religiosos.

Ao longo de todos os tempos, as civilizações contaram com a encarnação de Espíritos relativamente mais evoluídos para seu tempo, e que trouxeram melhores ideias a respeito da divindade.

Um desses grandes Espíritos foi Jesus de Nazaré que, para o Cristianismo, é o Filho Unigênito de Deus e, para o Espiritismo, é o modelo

e guia a ser seguido.

A nós, povos ocidentais, que fomos durante séculos orientados religiosamente pelo Cristianismo, interessa-nos conhecer mais a fundo suas origens e a profusão imensa de interpretações que deu origem a um sem-número de religiões ditas cristãs.

Nesta obra, o autor, fundamentado em muitas pesquisas, procura elucidar as origens do Cristianismo que temos hoje, e conhecer a outra vertente do Cristianismo, que, se tivesse vingado, poderíamos ter.

Como ele bem coloca, são duas visões a respeito de Deus e realidades espirituais amplamente opostas.

Na versão cristã que conhecemos, o chamado “Reino de Deus”, apregoado por Jesus, é um lugar alhures, no tempo e no espaço, apartado da intimidade humana, para onde o ser “irá” no futuro incerto, além da morte física. Isto se tiver a capacidade de, apenas em uma existência física, ter sido bom e correto.

Uma ideia que não satisfaz à razão e ao bom-senso, visto que todos nós erramos e demoramos na marcha evolutiva.

Por outro lado, a visão gnóstica do Cristianismo, mostrada no Evangelho de Tomé, tem todo um ensinamento introspectivo, que leva o ser ao conhecimento de si mesmo, o que lhe faculta a realização do “Reino de Deus” na sua própria intimidade, a qualquer tempo e situação, de maneira progressiva e contínua.

Dessa forma, percebemos que, nos primórdios do Cristianismo, também havia muitas divergências quanto aos ensinamentos do Mestre.

Igualmente sabemos que, por necessidade de domínio político, o poder romano, ao adotar o Cristianismo como religião oficial, amoldou a nova doutrina aos seus interesses em prejuízo da simplicidade, da clareza e da objetividade da interpretação gnóstica.

Perdeu-se, assim, aquela que tinha a melhor proposta para a autorrealização humana.

Daí o autor dar o subtítulo de “Elo Perdido” a esta visão cristã, que, felizmente veio a lume com o descobrimento dos papiros de Nag Hammadi.

Que essa interpretação dos ensinamentos de Jesus, enterrados por aproximadamente dezessete séculos, e que hoje vários pesquisadores e estudiosos trazem ao conhecimento público através de suas obras,

inclusive esta, possa alargar os horizontes espirituais daqueles que querem buscar o conhecimento, isto é, a *Gnose*.

**José Aparecido Sanches**  
Da Diretoria do Centro Espírita  
“João Batista”, de Jacarezinho-PR.

# 1. O CRISTIANISMO QUE LEGAMOS

“O Cristianismo que hoje conhecemos é mais uma doutrina sobre o Cristo do que a doutrina de Jesus”.

O tempo passou, e tudo que se conhece sobre os primórdios da História do Cristianismo, comparando-se com a atualidade, está registrado oficialmente nos chamados *Evangelhos canônicos*: Mateus, Marcos, Lucas e João. Devemos notar que, embora se usem aqui os nomes tradicionais dos evangelistas, ninguém sabe, todavia, quem os escreveu. Pareceria tudo muito simples, se estes Evangelhos retratassem com fidedignidade a verdade dos fatos, tais como aconteceram. Jesus nada deixou escrito, e tudo sobre sua vida e ensinamentos foi anotado muitos anos após sua morte, na base da informação oral, do “ouvir dizer”.

Assim, o Cristianismo, que temos, não é uma obra natural que fluiu, normalmente, conforme os fatos se desenrolaram, mas uma forma literária e formal criada pela Igreja de Roma de acordo com as próprias conveniências e as do governo imperial. Vale a pena ser lida a obra clássica de Ernest Renan de título *Vida de Jesus*, edição atual por Martin Claret, em 2000, São Paulo (SP).

No início do Cristianismo, segundo o pesquisador *Bart D. Ehrman*<sup>1</sup>, considerado a maior autoridade em Bíblia do Mundo, pelo menos quatro grupos divergentes estiveram se digladiando:

1.Ebionistas – Afirmavam que Jesus não era divino, mas um ser humano de carne e osso a quem Deus adotara como seu filho, provavelmente por ocasião do batismo. Ligados à tradição judaica e que, caso vencessem e sobrepujassem os outros, tornariam o Cristianismo uma mera seita judaica.

2.Marcionistas – Defendiam que Jesus não era humano de carne e osso. Ao contrário, era completamente (e exclusivamente) divino. Apenas “parecia” ou “dava a impressão” de ser um ser humano, de sentir fome, sede e dor, de sangrar e de morrer. Visto que Jesus era Deus, ele realmente não podia ser um homem. Simplesmente veio à Terra sob a “aparência” da carne humano. Essa seita era liderada pelo filósofo-mestre, por Marcião. Seus seguidores eram chamados de “docetistas”.

3.Gnósticos – desprezavam tudo o que é material, considerando a Terra como uma prisão. Retratam, no entanto, segundo os pesquisadores, os princípios que mais expressam os ensinamentos de Jesus. O discípulo Tomé, que estamos desenvolvendo neste livro, era gnóstico.

4.Ortodoxos – que vieram a ser os dominantes, baseados na Igreja de Roma. Dessa ortodoxia foram considerados como verdadeiros, dentre os inúmeros Evangelhos que circulavam na época, apenas quatro, denominados de canônicos: Marcos, Mateus, Lucas e João.

Acreditamos que a redução dos inúmeros textos existentes na época, em quatro Evangelhos, foi a solução inteligente, já que circulava, nos primeiros tempos do Cristianismo, uma quantidade incalculável de textos relacionados com a vida e os ensinamentos de Jesus, propagando ideias controversas, o que levaria a uma confusão total. Entendemos que a sobrevivência da tradição cristã se deveu à capacidade da estrutura organizacional e teológica da Igreja emergente sob a administração dos

Imperadores romanos. No entanto, nesse processo seletivo, os textos voltados tão-somente para os interesses político-administrativos do Império e da Igreja nascente, descaracterizaram a pureza do ensinamento cristão das muitas ideias e informações essenciais, o que mudou o rumo da História, conforme veremos no decorrer deste trabalho. Sem atentarmos, ainda, a que neste intuito, inúmeras alterações com cortes e adições foram introduzidas, impiedosamente, sempre que decisões políticas dos Concílios necessitassem de respaldo dos Evangelhos. Afinal, todas as decisões vinham de Roma, durante a Idade Média.

Atente-se que, no primeiro século do Cristianismo, as comunidades primitivas não eram detentoras dos textos, como hoje os conhecemos; o que se tinha como ensinamento de Jesus era baseado nas Epístolas de Paulo, que foram escritas antes dos Evangelhos. Neste sentido, Voltaire (Verbetes Évangile, de seu Dicionário) informa que "... nenhum dos primeiros Pais da Igreja, inclusive Irineu, cita qualquer passagem que conhecemos". E mais "... citam muitas passagens que somente são encontradas nos Evangelhos apócrifos, rejeitados pelos canônicos".<sup>2</sup> Isso nos leva à conclusão de que os textos em que os comentaristas primitivos se apoiaram não são os quatro Evangelhos canônicos, utilizados hoje pelas igrejas cristãs. Eles vieram depois, num processo contínuo, em que os ortodoxos foram construindo a visão de Deus, Cristo e Igreja.

Em nossas reflexões, no afã de desvendar o que de fato Jesus teria transmitido, comparando-se com o que hoje temos, ficamos a imaginar quais seriam seus ensinamentos em sua pregação oral. O que existe de verdade, o que existe de fantasia, e o que sobrou, na realidade, da essência de seus ensinamentos? Para buscarmos a pureza da personalidade e os ensinamentos do Mestre Jesus, só o retorno aos textos evangélicos na essência primitiva. Mas como conseguir esta façanha? Só mesmo com raras descobertas de textos enterrados em alguma gruta ou túmulo, como ocorreu com Muhammed Ali Samman, no Alto Egito, nas proximidades do lugarejo chamado Nag Hammadi, onde foi encontrada uma biblioteca

gnóstica com alguns papiros encadernados em couro, ainda assim, sujeitos à restrição quanto à inteireza do documento.

Quando analisamos “os ditos” do *Evangelho Gnóstico de Tomé* – encontrado em 1945 – deparamos com pensamentos, às vezes diametralmente opostos daquilo que temos hoje. Atente-se que, dentre os inúmeros livros considerados *apócrifos* e que foram banidos pela Igreja, os estudiosos sustentam que o mais próximo dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e da Igreja primitiva é esse Evangelho de Tomé. Acreditam os pesquisadores que as versões dos ditados de Jesus nele encontrados, seriam, em geral, versões mais originais do que a dos Evangelhos canônicos, que teriam sofrido modificações e editorações ao longo dos séculos. Detalharemos comparações no decorrer de nossa exposição sobre esse documento. Para a exata avaliação da importância desses textos, “é preciso ainda considerar que, embora não se possa atestar a *pureza virginal* dos escritos, é certo que, pelo menos durante quase dezesseis séculos, eles não sofreram manipulações mutiladoras, o que está longe de poder ser assegurado quanto aos documentos canônicos. Daí o *frisson* que a descoberta causou nos círculos da erudição internacional”.<sup>3</sup>

Quando se refere aos documentos cristãos, é bem verdade que nenhum dos livros que foram incluídos no Novo Testamento, ou mesmo, qualquer livro cristão da Antiguidade têm os seus originais. Os pesquisadores trabalham com cópias dos originais, ou para ser mais exato, são cópias feitas de cópias dos originais. A grande maioria dessas cópias, que chegaram até nós, está centenas de anos à frente dos originais. São chamadas de manuscritos essas cópias feitas à mão pelos copistas, e nesse processo muitas modificações foram feitas, por várias razões. Nesta linha, o Prof. Bart D. Ehrman afirma que “nesse processo de copiar e recopiar o documento à mão, mesmo quando são especialistas, cometem erros. Quem duvidar tente copiar um documento longo à mão para ver como se sai. Além disso, toda vez que um copista faz uma cópia de uma cópia que já foi copiada, os erros que se originaram em cada reprodução se

multiplicam; os escribas não apenas introduzem seus próprios erros, mas também, necessariamente, reproduzem erros encontrados na cópia que está sendo copiada – a menos que tentem ‘corrigir’ o erro, o que mais frequentemente leva a uma correção ‘incorreta’” .<sup>4</sup>

Há muita especulação sobre o verdadeiro ensinamento de Jesus, pois as anotações dos textos ocorreram aproximadamente 40-50 anos, após sua morte. Não havia preocupação de se escrever sobre seus *ditos*, pois, afinal, era crença generalizada, segundo consta dos Evangelhos sinóticos, que o Reino de Deus seria implantado ainda naquele século, e isto ocorreria a ‘qualquer momento’, antes que acabasse aquela geração. Então, por que escrever se o Reino de Deus estava próximo? No entanto, com o desaparecimento físico daqueles que estiveram e aprenderam com Jesus, e nada da vinda desse Reino, cogitou-se, então, registrar de forma escrita seus discursos orais. Começou, então, a coleta das informações, junto daqueles raros que estiveram com ele, ou sabiam de fatos e orientações que ele dera em vida.

Nesta linha, o arqueólogo Robert R. Cargill comenta: “Contamos a história, através de história, e foi assim no início da jornada de Jesus. As pessoas que estavam à volta dele, pobres, os marginalizados, muito provavelmente não sabiam ler e escrever, e então faziam o que os outros faziam: Eles contavam a história. As pessoas devem ter conversado entre si: Você conheceu Jesus? E o que ele disse quando vocês o encontraram? Você estava presente quando ele estava na estrada? Você se lembra da história? O que ouvi foi isso...”.<sup>5</sup> Imagine-se escrever apenas por “tradição oral”, sem qualquer fonte escrita, apenas na base do “ouvir dizer!” Muitas lendas e histórias que corriam na época no meio das várias tribos, foram atribuídas a Jesus.

Porque o Cristianismo dos primeiros tempos não se constituiu num

único bloco ortodoxo e monolítico, como muitos pensam, várias correntes do pensamento de Jesus surgiram em antagonismo, pois, conforme já notamos, em incalculável número, os textos circulavam nos tempos iniciais da “formatação” do Cristianismo, com anotações díspares sobre a vida e ensinamentos do Messias, cada qual seguindo determinado líder religioso. Daí, o porquê do surgimento dos vários Evangelhos, segundo narram os pesquisadores, chegando a mais de 50, para uns; outros insistem que eram mais de 70. Assim, quando encontramos a conhecida expressão “Jesus disse”, ou “ele disse”, entendamos como “palavras”, “anotações”, “discursos” ou “ditos”, atribuídos ao Rabi, que foram coletados por aqueles que escreveram sobre ele, com base no “ouvir dizer”, e, portanto, sem nenhuma citação bibliográfica. Não existia, desta forma, qualquer prova documental.

É preciso, portanto, cautela sobre o que herdamos e que chegou até nós como *palavras* dele. Reafirmamos: o que temos retratado nos Evangelhos canônicos foi fruto de construção teológica, ao longo dos tempos, com o objetivo de formatar o Cristianismo. E, neste sentido, Kardec – o bom-senso encarnado – alerta: é preciso, primeiro, verificar se Jesus disse mesmo certas afirmações, ou colocaram-nas em sua boca. “Se certas proposições suas se acham em contradição com a lei do amor e de caridade, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou **não são suas**” (grifos nossos).<sup>6</sup> Afinal, diz o velho ditado popular que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Então, olho atento naquilo que foi atribuído a ele. Muitas construções constantes dos Evangelhos canônicos nada mais são do que acomodações para atender aos interesses do grupo dominante.

Assim, não se sabe ao certo se Jesus *disse* ou não *disse* o que consta dos Evangelhos, pois afinal, repetindo, ele nada deixou escrito. Alguns historiadores acreditam que tenha dito algo semelhante; outros creem que foram seus discípulos que formularam; outros ainda atribuem à Igreja a elaboração dos textos com as respectivas emendas e supressões de acordo

com a conveniência política. “Os Evangelhos que vieram a ser incluídos no Novo Testamento foram todos escritos anonimamente; somente algum tempo depois é que foram chamados pelos nomes de seus reputados autores, Mateus, Marcos, Lucas e João”.<sup>2</sup> Por isso, hoje, os historiadores, em sua maioria, afirmam que os escritores, ao redigirem os textos, constaram *segundo anotações atribuídas* a Mateus, Marcos, Lucas e João; nada se provando, não obstante, a interferência deles.

Ernest Renan, ao escrever sobre a Vida de Jesus, livro V, *Os Evangelhos e a Segunda Geração Cristã*, aponta três variedades de Evangelhos:

1. Os originais, escritos com base na tradição oral, sem apoio de nenhum texto anterior – nesta primeira categoria é citado aquele que recebe o nome de *Evangelho de Marcos*, sem qualquer comprovação de sua autoria. É tido pelos eruditos como o primeiro Evangelho, onde aparecem de forma sucinta, originariamente, apenas os chamados “ditos do Senhor”, tais como encontramos no Evangelho de Tomé. Esses “ditos” de Marcos foram ‘ampliados’, paulatinamente, resultando no que encontramos hoje.

2. Os relatos parcialmente originais, mas com aproveitamento de textos existentes – nestes se enquadrariam os que receberam os nomes de Mateus e o de Lucas. Acrescentamos a esta classificação o Evangelho de João que tem também a mesma fonte, embora com enfoque totalmente diverso.

3. Evangelhos de segunda ou terceira mão, que ele caracteriza como “compostos a frio sobre escritos, sem que o autor recorresse às fontes puras da tradição” – aqui aqueles que a Igreja considera como “apócrifos”.

S. Scott Bartchy, pesquisador da UCLA (Universidade da Califórnia – Los Angeles), comentando sobre como se deu o surgimento dos livros evangélicos, informa que: “A Bíblia não caiu do céu. A versão final da Bíblia foi feita por pensadores cristãos, que representavam o ponto de vista específico. O surpreendente é que a Bíblia cristã – como a conhecemos –, não surgiu de fato, até 300 anos depois da morte de Jesus. E o homem que

determinou o conteúdo da Bíblia cristã tinha interesses poderosos, que pouco tinha a ver com religião. No ano 312, o imperador romano chamado Constantino, um pagão que acreditava em vários deuses, alegou ter tido uma visão da cruz, antes de uma batalha. Depois de sua vitória, ele se converteu ao Cristianismo e o declarou religião semi-oficial do Estado. Constantino queria controlar essa nova religião para unificar o Império Romano, que estava se desmantelando. Naquela época, o Cristianismo era uma religião mal organizada, uma coleção de igrejas com crenças e escrituras diversas. O Imperador pretendia mudar isso”.<sup>8</sup>

A fim de reforçar a aliança com os líderes eclesiásticos e agregar, numa única estrutura harmoniosa, os grupos cristãos, Constantino incumbiu, à sua custa, os bispos de Igrejas de todo o império de se reunirem em Niceia, na Ásia Menor, para elaborarem uma fórmula-padrão de fé cristã. Dessa reunião e suas consequências, nas décadas tumultuadas que se seguiram, surgiu o Credo de Niceia, que iria esclarecer e redigir o *cânone da verdade*, juntamente com o que chamamos de *cânone*: a relação de 27 textos que comporiam o **Novo Testamento** e que ajudariam a estabelecer o que Irineu tinha visualizado – uma união mundial, numa Igreja “católica e apostólica”, de cristãos “ortodoxos”.<sup>9</sup> Uma coisa importante a destacar é que o Imperador estava interessado na unificação do Estado e, para isso, ele queria que a religião cristã fornecesse a base ideológica ao império. Assim, a religião passou para controle firme do imperador.

Posteriormente, São Jerônimo ao providenciar, a pedido do Papa Dâmaso, a organização da Vulgata – tradução latina da Bíblia – refutou os escritos *gnósticos*, chamando-os de *apócrifos* (desconhecidos, ocultos); por essa razão a Igreja os destruiu, recomendando que aqueles que possuíssem cópias fizessem o mesmo. Alguns escaparam do ‘corte’ e foram encontrados, como notamos acima, em 1945, em Nag Hammadi, no Egito. Não dissera o Rabi que “nada ficaria oculto que não fosse revelado?” Não é o que vemos agora no início do III Milênio?

Informam os documentos da época que, pela decisão da cúpula da Igreja, com as mudanças decididas nos Concílios, os Evangelhos recebiam sucessivas adaptações, com mudanças, cortes, inserções e supressões, de acordo com a conveniência política, e os textos anteriores eram eliminados. Assim, só mesmo pesquisando esses textos escondidos em algum local, podemos, efetivamente, voltar aos textos primitivos que retratariam qual, na realidade, era o pensamento de Jesus, à época. Deles, dada a contribuição para entendermos os primórdios do cristianismo, voltaremos a falar no próximo capítulo sobre o Gnosticismo.

“Constantino influenciou também na unificação dos Evangelhos que tornariam oficiais, mais tarde com São Jerônimo na Vulgata Latina. Apesar de o Concílio de Nicéia não ter decidido oficialmente o conteúdo da Bíblia cristã, Constantino deixou claro, quais Evangelhos eles consideravam aceitáveis. Encomendou a criação de 50 cópias de uma Bíblia cristã, que continha apenas os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. O que aconteceu com os outros evangelhos? No ano de 382, outro concílio religioso literalmente proibiu que os cristãos os lessem. Sob o império cristão de Teodósio, todos os outros evangelhos foram considerados heréticos. Foram banidos ou enterrados, e seus donos foram presos e, às vezes, executados”.<sup>10</sup>

Foram, assim, selecionados dentre inúmeros Evangelhos, somente quatro, considerados como os únicos ‘verdadeiros’, e que vieram a se constituir, nos ‘canônicos’ do Novo Testamento. Etimologicamente, a palavra ‘cânone’ significa ‘regra’, e quer dizer exemplar ‘perfeito’. Os três primeiros, Marcos, Mateus e Lucas, são muito similares, e, em razão desta similaridade, foram chamados de *sinóticos*, ou seja, aqueles que podem ser abarcados num só olhar (*ópticos*) de conjunto (*sin*). Os pesquisadores advogam que os textos que levam o nome de Mateus e o de Lucas utilizaram como fonte principal o Evangelho atribuído a Marcos. Entretanto, existem algumas passagens que não estão no Evangelho de Marcos. Onde Mateus e Lucas as obtiveram? “A teoria desenvolvida é a de

que elas, principalmente dos ditos, foram colhidas de uma nova fonte, perdida desde aquela época. Os estudiosos alemães que criaram essa hipótese decidiram chamar essa outra fonte de *Quelle*, a palavra em alemão para 'fonte'. Frequentemente é abreviada como Q".<sup>11</sup> Supõe-se sempre que 'Q' fosse um documento real, escrito em grego, em circulação na igreja primitiva. E se for datar o Evangelho de Tomé no século I, então ele parece-nos ser o ponto mais próximo de Jesus histórico. O Evangelho Tomé juntamente com Fonte Q ou evangelho Q., segundo alguns escritores, seus enunciados retratam fortes evidências sobre Jesus, como um mestre de sabedoria. Vale a pena consultar *A Sabedoria do Evangelho*, oito volumes, de Carlos Juliano Torres Pastorino, 1964, Rio de Janeiro, RJ.

Quanto ao Evangelho de João, escrito em torno de 100-110, embora tenha sido enquadrado como *canônico*, porém, não *sinótico*, diferindo profundamente dos demais, sendo por isso, considerado como "Evangelho Pneumático", ou seja, o mais espiritual de todos eles. Pastorino entende que muitas citações do Evangelho, como *Eu sou a luz do mundo*, *Eu sou pão da vida*, *Eu sou o caminho, a verdade e a vida*, *Eu sou a videira verdadeira*, entre outras expressões, seriam, na realidade, o *Cristo Interno* falando através de Jesus. O ensinamento, portanto, não parece ser de Jesus carnal, e sim, da divindade, ou seja, Deus (o Cristo interno) fala por intermédio dele. Uma vez integrado, ou, em plena sintonia, Deus – A Lei do Universo – fluía por meio de Jesus.

Muitos ortodoxos questionam a posição do Espiritismo no rol do 'clube dos cristãos', alegando que a Doutrina nega a autoridade sagrada das Escrituras, tais como, a divindade de Jesus, seu nascimento virginal, o perdão dos pecados, as penas eternas, entre tantos outros. Particularmente, defendendo a ideia de que aquilo que, em sua essência, reflete verdades universais, e que ajuda o homem no seu processo de desenvolvimento do Reino de Deus em si mesmo, tem o aval do Espiritismo, pois ele está na Natureza. Em nosso livro *Nascer de Novo Para Ser feliz*, desenvolvemos um capítulo em que comentamos o trabalho de

certa revista cristã, promovendo a distribuição em todas as Casas Espíritas registradas no País; nela, o articulista, de forma exaustiva, *gastou muito papel*, tencionando por todos os meios descaracterizar a Doutrina Espírita como “religião cristã”.<sup>12</sup> Na realidade, o Cristianismo que temos, não reflete as ideias iniciais, mas foi uma construção lenta e gradual, voltada aos interesses do poder político.

Hoje, sabe-se que muitos dogmas, ritos, sacramentos e estruturas administrativas foram adicionados aos Evangelhos para dar sustentação às decisões dos diversos Concílios: Doutrina da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, nascimento virginal (virgem, especificamente *almah*, significa apenas ‘uma mulher jovem’), ressurreição da carne, nomeação de Pedro como sucessor e encarregado de fundar a Igreja (Mateus, 16:18), salvação pela Igreja, céu e inferno, milagres, demônio, juízo final, divindade de Jesus, perdão dos pecados, as penas eternas, entre tantas outras ideias inconcebíveis pela lógica. Tais inserções mostram-nos, sobejamente, a descaracterização do Cristianismo dos primeiros tempos e sua divulgação à população como se fossem palavras de Jesus. No entanto, embora presentes nos textos iniciais, aspectos como reencarnação, preexistência do espírito, comunicabilidade entre vivos e ‘mortos’ foram suprimidos. Não aceitamos, obviamente, este “produto” que se constituiu numa “construção”, que mais serviu aos interesses administrativos e políticos, do que, propriamente, atender aos princípios iniciais da pureza dos ensinamentos de Jesus, que foram, como dissemos, adicionados, cortados, com a tesoura dos interesses do domínio do poder temporal.

---

<sup>1</sup> EHRMAN, Bart D. O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Editora Prestígio. Texto 6.

<sup>2</sup> Voltaire (Verbete Évangile) apud MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *Cristianismo a Mensagem Esquecida*, p. 152

<sup>3</sup> MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 17.

<sup>4</sup> EHRMAN, Bart D. *Os Evangelhos perdidos*, p. 317.

<sup>5</sup> CARGILL, Robert R. Discovery Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

<sup>6</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap. 14, item 6.

<sup>7</sup> EHRMAN, Bart D. *Os Evangelhos Perdidos*, p. 200.

<sup>8</sup> BARTCHY, S. Scoott. Discovery Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

9 PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença*, p. 176.

10 DISCOVERY Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

11 EHRMAN, Bart D. *Os Evangelhos Perdidos*, p. 95.

12 BOBERG, José Lázaro. *Nascer de Novo Para Ser Feliz*, p. 109.

## 2. OS EVANGELHOS GNÓSTICOS

“Quem alcança a *gnosis* torna-se ‘não mais cristão’, mas Cristo”. (Pagels).

Em dezembro de 1945, da Era cristã, perto da Nag Hammadi, no Egito, Mohammed Ali-Al Samman, um camponês árabe, estava a escavar a terra, quando deu com aquela urna de barro que continha enigmáticos rolos de papiros, protegidos por tiras de couro e recobertos de uma escrita misteriosa. Foi uma das mais extraordinárias descobertas arqueológicas, verdadeira biblioteca gnóstica em língua copta, com cinquenta e dois textos, pertencentes à antiga comunidade gnóstica. Continha *ditos, rituais e diálogos* atribuídos a Jesus e seus discípulos; causou enorme impacto, no sentido da possibilidade de se reexaminar o Cristianismo na versão inicial, comparando-se com o que conhecemos hoje. O achado impulsionou as pesquisas sobre o assunto na segunda metade do século XX.

Mais recentemente, um outro documento *gnóstico* foi encontrado, gerando diferentes especulações sobre o verdadeiro relacionamento de Jesus com o seu discípulo Judas; este documento é o *Evangelho de Judas* que estava desaparecido por mais de 1700 anos, tendo sido encontrado, finalmente, no Egito. Hoje, ninguém mais fala dele, as forças dominadoras “abafaram” e Judas continua sendo o eterno traidor, recebendo ‘malhação’ todo ano. Vale a pena ler Judas: *Traidor ou Traído*, do militar e político Danilo Nunes, da Gráfica Record.

A surpreendente descoberta vem desvelar a pluralidade de grupos cristãos nos tempos iniciais, na formação dos Evangelhos. Muito embora chamados de *hereges* pelo grupo dominante, os *ortodoxos* que seguem as leis da Igreja (consideradas verdadeiras), eram estes cristãos cultores de uma linha de raciocínio que não interessava à Igreja; não defendiam que o indivíduo fosse apenas um *crente*, como pregava a Igreja, mas um *buscador* da verdade divina, não por meio de uma organização religiosa, mas dentro de si mesmo. Assim, aqueles que pensam que, nos primeiros tempos do Cristianismo, foi tudo puro e repleto de amor, vão perceber um mar furioso de intensas águas revoltas, voltadas aos interesses políticos que moldaram o início do movimento cristão. As brigas e perseguições foram a tônica na construção do Cristianismo que temos.

Com referência a esses primórdios do Cristianismo, informa o *Discovery Channel*, em seu documentário, que: “A descoberta dos evangelhos perdidos também revela uma batalha secreta, agora esquecida, mas um dia vital – a batalha pela alma da cristandade. De um lado, um grupo devoto clamando por um relacionamento direto e espiritual com Deus, com seu próprio conjunto de evangelhos; de outro lado, a crescente hierarquia do cristianismo ortodoxo, que aceita apenas quatro evangelhos. O resultado dessa batalha iria determinar o futuro do cristianismo. Mas nos primórdios dessa crença, não havia literalmente nenhum evangelho, nem Bíblia cristã. O Cristianismo começa por volta do ano 30, com um grupo de judeus que segue os ensinamentos de Jesus de Nazaré”.<sup>13</sup>

Os textos encontrados constituíam-se de uma coleção dos primeiros Evangelhos de grupos cristãos, antes desconhecidos. Entre eles estava o *Evangelho de Tomé*, um dos banidos pela decisão da Igreja. Além dele, foram encontrados: O Evangelho de Felipe, o Apócrifo de João, Evangelho da Verdade, Evangelho dos Egípcios, Livro Secreto de Tiago, o Apocalipse de Paulo, as Cartas de Pedro a Felipe e o Apocalipse de Pedro. Eram traduções coptas (língua derivada do egípcio antigo), há cerca de 1.500 anos, de manuscritos antigos. Embasando-se ainda no referido

documentário *Discovery Channel*, observa-se que “As histórias de Jesus não foram passadas para o papel por décadas. Estudiosos acreditam que o Evangelho mais antigo, o Evangelho de Marcos, foi escrito por volta do ano 70, – 30 a 40 anos depois de sua morte. Mas esse não foi o único Evangelho. Lá pelo ano 200 não havia somente os quatro Evangelhos. Pode ter havido até 70. Alguns desses livros foram mencionados por escritores da Antiguidade, mas, até recentemente, todos estavam desaparecidos. O que aconteceu com eles? E por que há somente quatro Evangelhos hoje? A resposta nos leva menos à fé, e mais à política”.<sup>14</sup>

Discute-se nos meios acadêmicos sobre a data em que, efetivamente, foi escrito o Evangelho de Tomé. Com aplicação de tecnologia de ponta, como microscópios eletrônicos, datação com carbono 14, e os avanços mais recentes da Arqueologia, os especialistas conseguem determinar sua fonte e se eles contêm verdades esquecidas da crença mais difundida do mundo. Recentemente, o professor

Helmut Koester, da Universidade de Harvard, sugeriu que a coleção dos dizeres do Evangelho de Tomé, embora compilada por volta de 140, pudesse incluir algumas tradições mais antigas que as dos Evangelhos do Novo Testamento, “talvez remontem à segunda metade do século I” (50-100) – tão antiga, ou mais, que os de Marcos, Mateus, Lucas e João.<sup>15</sup> Nesta ótica, esses textos seriam contemporâneos à fase formadora das doutrinas cristãs.

Vale ressaltar que o Jesus de Tomé, segundo a grande maioria dos pesquisadores, como fonte primária da tradição de Jesus, não depende dos Evangelhos do Novo Testamento, pois o seu foco é diametralmente oposto. Em se comparando com a Bíblia cristã, nota-se a grande diferença; os enunciados do Evangelho de Tomé parecem ser transmitidos em uma forma que é anterior à que temos nos Evangelhos canônicos. Enquanto nele temos apenas os ‘ditos’, preservando as parábolas simplesmente como histórias, em O Novo Testamento encontram-se acréscimos de toda ordem, com interpretações alegóricas às parábolas, constando como se

fossem palavras *literais* de Jesus. Assim, os canônicos foram construídos com histórias e acréscimos, sempre de acordo com os interesses administrativos do Estado Romano. Conforme Mayer em sua obra, “o Jesus no Evangelho de Tomé não realiza milagres concretos, não revela cumprimentos das profecias, não anuncia nenhum reino apocalíptico prestes a abalar a ordem mundial e não morre pelos pecados de ninguém. É o Jesus vivo, mas ele não ressuscita dos mortos nem sai do sepulcro vazio”.<sup>16</sup>

Analisando o Evangelho de Tomé em comparação com o que foi ‘construído’ pelos teólogos da Igreja, a partir do Concílio do Imperador Constantino, na cidade de Niceia, Stephen Patterson, citado por Meyer<sup>17</sup>, observa:

- Jesus é simples Jesus.
- O Jesus de Tomé não forma hierarquias e quase todos os títulos cristológicos estão ausentes.
  - Não é tratado como Cristo ou Messias.
  - Não é chamado de ‘Mestre’ ou ‘Senhor’.
  - Quando se refere a si mesmo, uma vez como filho da Humanidade ou filho do homem, ele o faz no sentido geral de qualquer pessoa – incluindo a si mesmo – como filhos da Humanidade.
    - Se é filho da Humanidade, outras pessoas também são chamadas filhos da Humanidade.
    - Não nasceu milagrosamente da virgem Maria.
    - Não é o único filho encarnado da Humanidade.
    - Não é o apocalíptico exaltado filho do homem, vindo no fim dos tempos para anunciar um novo mundo.
      - Não há, na verdade, nenhum novo mundo a ser anunciado, diz o reino de Deus já está aqui na intimidade de cada um.

Assim, os textos *gnósticos*, com a conversão do Imperador Constantino, começaram a ser denunciados como *heréticos* e cópias desses manuscritos foram queimadas e destruídas; a posse desses livros era considerada ofensa criminal, sendo, por essa razão, seus detentores obrigados a dar fim em suas cópias. Os *gnósticos* não levaram a melhor em Nicéia, e em algum lugar no monastério do deserto egípcio, um grupo de monges gnóstico deve ter se preocupado com o destino de seus amados Evangelhos. Eles deviam adorar este tipo de literatura até aquele dia fatídico, em que o arcebispo Atanásio de Alexandria anunciou a todos os monges: – “Está na hora de jogar fora os livros heréticos e ler os livros bíblicos”. Talvez os monges tenham retirado, com pesar, esses livros preciosos da biblioteca de Nag Hammadi e não tenham conseguido destruí-los. Então, eles os esconderam em um pote, em que permaneceram encerrados por quase 1600 anos. Alguns acreditam que os Evangelhos perdidos revelam o caminho não percorrido pelo Cristianismo, outros acreditam que o caminho não foi percorrido por algum motivo.

Por que esses textos foram considerados “heréticos” pela Igreja e somente os canônicos eram “ortodoxos”? Por que seus detentores foram obrigados a queimar suas cópias? Por que só os quatro Evangelhos foram considerados como verdadeiros? Qual o critério adotado? São perguntas que intrigam os pesquisadores. Afinal, aqueles que os escreveram não se consideram “hereges”, e a maioria dos escritos emprega a terminologia cristã. Para nós, os representantes do poder temporal – reis, príncipes e potentados – se uniram aos religiosos de um Cristianismo adulterado para imporem suas ideias e interesses.

Ressalte-se, todavia, que embora não tenha sofrido mutilações durante dezesseis séculos, não se pode garantir como foi, e quem verdadeiramente escreveu o Evangelho de Tomé. Alguns estudiosos observam que quem reuniu “os ditos” que constituem o Evangelho de Tomé pode ter sido menos um autor do que um compilador – ou vários compiladores – que, em lugar de compor esses ditos, simplesmente coletou ditos tradicionais e

o anotou.<sup>18</sup> O Evangelho de Tomé é um documento fascinante e contém as palavras de Jesus. E muitas das coisas contidas nestes escritos encontram-se também em o Novo Testamento. Mesmo assim, ao compará-lo com os textos canônicos, perceber-se-á que, embora alguns “ditos” sejam semelhantes às ideias básicas e fundamentais desses Evangelhos, são profundamente diferentes dos textos que temos hoje.

No Evangelho de Tomé, Jesus parece transmitir uma estranha mensagem, um ensinamento secreto, muito diferente do contido nos Evangelhos tradicionais. Estes ensinam que Jesus é o único filho de Deus e aquele, sugere que todos nós podemos nos tornar filhos de Deus. Ele diz: “quando conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos e entenderéis que sois filhos do Pai Vivo”. “Os gnósticos eram essencialmente místicos, sob vários aspectos e se pudessem encontrar a paz de Deus dentro de si – a verdadeira humanidade interior –, por que então precisavam ter padres e bispos? Eles poderiam caminhar seguindo esse Deus interior. Em outras palavras, se Jesus pode ser aceito como o filho de Deus, todos nós também somos filhos de Deus. Ele não tem nada do que não podemos ter. Nós podemos ter o mesmo tipo de relacionamento com a divindade, o mesmo tipo de relação com Deus”.<sup>19</sup>

A diferença é que o Evangelho de Tomé, comparando-se com os canônicos, é um Evangelho gnóstico e só contém as palavras de Jesus – os chamados ‘ditos’. Ele consiste, informa Bart, em 114 ditos de Jesus, e nada mais além do versículo introdutório escrito pelo autor. Aqui, não há histórias contadas sobre Jesus, nem sobre o nascimento, batismo, milagres, viagens, julgamentos, morte e ressurreição, nenhuma narrativa de qualquer tipo. A maioria dos ditos é simplesmente introduzida pelas palavras “Jesus disse...”, seguidas por outro versículo que se inicia com a mesma expressão. Mais da metade dos ditos encontrados no Evangelho de Tomé é semelhante aos encontrados nos Evangelhos do Novo Testamento.<sup>20</sup>

Os gnósticos constituíam-se numa seita do Cristianismo antigo. Davam

ênfase profunda ao misticismo e discordavam dos vários preceitos da hierarquia cristã emergente. Os *gnósticos* foram salvos por conhecimento secreto. Um verdadeiro seguidor de Jesus deveria conhecer esse conhecimento secreto. *Gnose* é uma palavra grega que significa ‘conhecer’ e, *gnóstico* significa ‘aquele que sabe’. Não um conhecimento teórico e empírico, mas de caráter intuitivo e transcendental. Foi usada para designar um conhecimento profundo e superior do mundo e do homem. O gnosticismo propugna ensinar seus seguidores a encontrar Deus dentro de si mesmo. A chamada “salvação” seria um processo pessoal e intransferível, mas que, por interesse de domínio político-administrativo, o grupo dominante desviara o foco desta orientação, transferindo a “salvação” a uma instituição religiosa que se arvorou como a única responsável para servir de intermediária entre o homem e Deus. Sobre a posição diametralmente oposta entre o gnosticismo e a posição da Igreja, quanto à salvação, voltaremos a uma abordagem mais ampla em capítulo próprio.

Assim, *gnose* é conhecimento superior, interno, espiritual, iniciático, que brota do coração de forma misteriosa e intuitiva. É a busca do conhecimento – não o intelectual –, mas aquele que dá sentido à vida humana, que a torna plena de significado porque permite o encontro do homem com sua Essência Eterna. O objeto de seu conhecimento é Deus, ou tudo o que se deriva d’Ele. Toda *gnose* parte da aceitação firme na existência de um Deus absolutamente transcendente, existência que não necessita ser demonstrada; é, ao mesmo tempo, um conceito religioso e psicológico, além de científico, filosófico e artístico. A partir dessa visão, o significado da vida aparece como uma transformação e uma visão interior, processo ligado ao que hoje se conhece como Psicologia profunda.

Para Jung, muitos gnósticos nada mais eram do que psicólogos. “A *gnose* é, indubitavelmente, um conhecimento psicológico, cujos conteúdos provêm do inconsciente. Ela chegou às suas percepções através de uma concentração da atenção sobre o chamado “fator subjetivo” que consiste,

empiricamente, na ação demonstrável do inconsciente sobre a consciência. Assim se explica o surpreendente paralelismo da simbologia gnóstica com os resultados a que chegou a Psicologia profunda. Os gnósticos consideram que o estado do homem neste mundo é “antinatural”, pois ele está submetido a todo tipo de sofrimentos, sendo necessário que o homem se liberte deste sofrimento. Para isto deve retornar ao Todo Uno, e isto só pode ser alcançado pelo Conhecimento Verdadeiro (representado pela Gnose). Este despertar só pode ocorrer, se o ser humano se descobre, “conhecendo-se a si próprio”.

Dessa forma, no entender dos gnósticos, o objetivo final do Espírito é o retorno a Deus, voltando às suas origens, onde reina a paz e a harmonia. Num processo contínuo, o Espírito afasta-se temporariamente, em nível vibratório, busca aprendizagem e volta à sintonia com Deus, cujo Reino está dentro de si mesmo, porém, no retorno alcança um degrau mais elevado da espiral evolutiva. Em nosso livro *Filhos de Deus – O amor incondicional*<sup>21</sup>, desenvolvemos um estudo sobre a parábola do Filho Pródigo, em que destacamos que, cada Espírito, após inúmeros equívocos, aspira a voltar para Deus – Casa do Pai – dentro de si mesmo. Afinal, conhecer a si mesmo, leva ao conhecimento de Deus.

O Evangelho de Tomé prega uma ligação pessoal com Deus, sem a necessidade de igrejas organizadas, padres e bispos. Muitos padres e bispos se sentiram ofendidos com os gnósticos que tinham o próprio caminho, tinham a própria linha direta, um telefone vermelho com a divindade. Isso não pegou bem com os representantes da autoridade da Igreja. E esse pode ser o motivo de o Evangelho de Tomé ter sido considerado herético. A independência dos gnósticos enfraquece a hierarquia da Igreja. Eles acreditam que seus próprios Evangelhos são tão válidos, senão mais, que os de Mateus, Marcos, Lucas e João. No caso do Evangelho de Tomé, talvez eles tivessem certos.<sup>22</sup>

Vale a pena repetir o que escrevemos, a título de comparação, assinalando os objetivos gnósticos retratados nesta história que mostra esse processo de crescimento do ser, rumo ao Infinito: “O destino, portanto, de todas as criaturas é o mesmo: *sair de Casa – cair em si – reparar os erros – aprender – e voltar para a Casa Paterna*. Não importa qual seja a modalidade do erro cometido, ou os desvios praticados em dissonância às Leis Divinas... A apoteose de toda epopeia pessoal de cada Espírito é o retorno à Casa de Deus, ou seja, equilibrar-se com as Leis Maiores, plantadas em nossa própria intimidade.

Assim sendo, para atingir esse patamar de perfeição dispõem os Espíritos de infinitas oportunidades pelo mecanismo da reencarnação, tantas quantas forem necessárias. Geralmente, quando se está renitente no erro, a Lei Divina dispõe de mecanismos próprios para despertar a criatura para o retorno às trilhas da Lei. Diz-se que ‘a dor é a resposta da Lei Divina aos que se atritam com Seus postulados reguladores do universo ético’. Portanto, ninguém se perde, apenas se afasta, temporariamente, de Deus.<sup>23</sup>

Um dos aspectos importantes a ressaltar nesses documentos gnósticos é que os diálogos ali encontrados são de Jesus em Espírito, demonstrando que os ensinamentos anotados são resultados do intercâmbio mediúnicos. Não são comunicações de um Jesus ressurreto, como tentam fazer acreditar os Evangelhos canônicos, em que as anotações foram transmitidas por Jesus sobrevivente no corpo de um cadáver, como um ‘milagre’. Essa ideia da ressurreição do próprio corpo é inaceitável pela ciência. É muito conhecida a mediunidade de Pedro e Madalena, documentada mesmo nos textos sinóticos. Pagels entende que Madalena foi favorecida com visões e introvisões que, de muito ultrapassaram as de Pedro. Os Evangelhos de Marcos e João anotam que foi a ela que Jesus se manifestou primeiro<sup>24</sup>; antes, Jesus expulsara os demônios (espíritos imperfeitos) que a assediavam. Num dos trechos do *Apocalipse de Pedro*, o documento encerra-se com a frase: “Assim que ele (Jesus) disse estas

coisas, ele (Pedro) *voltou a si*". Conclui-se que a dissertação dada a Pedro foi de caráter mediúnico, transmitida por Jesus-Espírito.

Apesar de adotarmos as ideias básicas do gnosticismo – em contraposição ao Cristianismo formatado pelos detentores do poder temporal –, quanto à busca do Reino de Deus dentro de si mesmo, sem qualquer salvação vinculada a filiação à Igreja, fazemos restrições à radicalização desta filosofia, no que tange ao desprezo ao corpo físico, que seria sempre causador de mal às criaturas, ao fazer o seu mergulho nele. Não obstante, na Doutrina Espírita, à qual perfilhamos, Espíritos interlocutores de Kardec também se identificam com essa ideia gnóstica radical de desprezo ao corpo, quando dizem: “Teu espírito é tudo, teu corpo é uma vestimenta que apodrece: eis tudo”.<sup>25</sup> (Questão 196-a). Também em João, 6:63: “A carne para nada aproveita, o que importa é o espírito que dá a vida”.

Afinal, apesar de todas as críticas e inconveniências que os gnósticos identificavam na matéria, é através dela que o Espírito estagia, fazendo experiências no desenvolvimento de suas potencialidades divinas. Para voltar à sintonia com a Lei Universal gravada na consciência, o Espírito que começa *simples e sem conhecimento*, necessita da matéria, talvez incômoda e grosseira, como condição *sine qua non* para retornar à Luz. Ora, o objetivo da encarnação é de fazer os Espíritos chegarem à perfeição. Os Espíritos, ao destacarem a importância deste mecanismo, ensinam que “A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do universo. Deus, em sua sabedoria, quis que, numa mesma ação, encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. É assim que, por uma lei admirável da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na natureza”.<sup>26</sup> Tanto que, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* aparece a mensagem: “Cuidar do corpo e do espírito. Conferir nesta obra básica, capítulo XVII, item 11. Conforme diziam os romanos, *a virtude está no meio*.”

Durante quase 2000 anos, os cristãos acreditaram que existiam apenas quatro Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João – que contavam a história de Jesus de Nazaré. Mas esta crença mudou no final do século XIX com as descobertas dos primeiros Evangelhos perdidos. “Em verdade, a impressão que nos fica da leitura dos estudos gnósticos é a de que a opinião pública, tomada como um todo, ainda não se deu conta do que isso representa na reavaliação do Cristianismo como doutrina e como movimento”.<sup>27</sup> Um grupo mínimo tem-se voltado aos estudos e análise sobre os textos gnósticos e, em especial o de Tomé, que traz em sua essência, subsídios para compararmos o que temos como construção humana e reavaliarmos o que mais se aproxima dos princípios iniciais dos ensinamentos de Jesus. Para nós é um ‘elo perdido’, que essa minoria pesquisadora recupera para fazermos reavaliação do Cristianismo que legamos.

Esse Cristianismo, como já assinalamos, é uma construção que se solidificou pelos *pedaços* encaixados, que descaracterizaram as ideias iniciais de Jesus. Só com o tempo e maior maturidade de Espírito, certamente, haverá o *insight* que possibilitará, gradativamente, uma reavaliação a esse importante ‘elo perdido’ uma comparação com o Cristianismo que nos foi legado.

Vale ressaltar, ainda, que há uma semelhança impressionante entre as filosofias gnósticas anteriores ao Cristianismo – que floresceram em Babilônia, Egito, Síria e Grécia e procuraram se amalgamar, posteriormente, ao ensino de Cristo (o “Evangelho de Judas” é uma das muitas provas disso) – e os ensinamentos de Allan Kardec e Madame Blavatsky, ambos nascidos no início do século XIX, que condensaram e impulsionaram o Espiritismo e o Esoterismo modernos, respectivamente. De fato, as doutrinas espírita e esotérica atuais são ramificações do velho tronco gnóstico. Assim é que, neste sentido, é também o entendimento de Hermínio C. Miranda, quando afirma: “Uma corrente gnóstica ressurgida agora, com as características básicas que floresceu entre os anos 120 e

240, poderia facilmente ser identificada com o Espiritismo, por exemplo, com muitos pontos superpostos, algumas divergências e umas poucas discordâncias, mas não seria jamais caracterizada como heresia espírita ou cristã. Seria uma corrente de especulação filosófico-religiosa, como qualquer outra. Poderia até suscitar debates e controvérsias, mas não assumir as proporções de uma perigosa *heresia do conhecimento*".<sup>28</sup>

Dessa forma, com a decisão de Constantino em Niceia, os *canônicos* estavam 'dentro' e os *gnósticos* estavam 'fora' da Bíblia cristã. Imaginemos: o que teria acontecido em Nicéia, e depois disso, se uma perspectiva gnóstica tivesse levado a melhor? Teríamos uma percepção mais mística, uma noção mais introspectiva, sem Deus fora, em algum lugar no céu, mas dentro de nós mesmos. O significado dos ensinamentos de Jesus sem fantasias de ressurreição, de milagres de dogmas, sem exploração de crença, etc. Teríamos um sentido mais humano e não precisaríamos de 'procuradores' para nos contarmos com Deus. Sabe-se, todavia, que, às vezes a história é escrita pelos vencedores. Os perdedores agora tomam a palavra com as descobertas dos textos gnósticos. Cabe a cada um, de acordo com a maturidade, sem qualquer pieguismo, deixar que esse 'elo' continue perdido, ou, no devido tempo, segundo nosso entendimento, absorver os verdadeiros princípios da doutrina de Jesus.

---

<sup>13</sup> DISCOVERY Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*, Introdução, p. xvii.

<sup>16</sup> MEYER, Marvin. *Mistérios Gnósticos*, p. 65.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>18</sup> PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença*, p. 54.

<sup>19</sup> MEYER, Marvin. Discovery Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

<sup>20</sup> EHRMAN, Bart D. *Evangelhos Perdidos*, p. 92.

<sup>21</sup> Lançado pela Editora EME.

<sup>22</sup> DISCOVERY Channell: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*.

<sup>23</sup> BOBERG, José Lázaro. *Filhos de Deus – O Amor Incondicional*, pp. 170-171.

<sup>24</sup> MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 52.

<sup>25</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Questão 196-a.

<sup>26</sup> Ibidem, Q. 132.

27 Ibidem, p. 19.

28 Ibidem, p. 43.

### 3. REINO DE DEUS: TOMADA DE DECISÃO

“Somos nós mesmos que construímos esse Reino, num longo e incessante processo de aprendizagem”.

A doutrina do Reino de Deus é, para nós, o ponto nevrálgico da divergência entre o Cristianismo – na versão que permaneceu até aos dias atuais – ortodoxo e o gnóstico. Para a Igreja, na maioria dos textos, o Reino de Deus tem características messiânicas, em que a criatura é encaminhada a um local chamado céu. É um local externo. E esta condução é feita com *intercessão* da Igreja, como procuradora do filiado, que se submete aos seus cânones. Esta visão é a que permanece até hoje, no sentido de que o cidadão ‘irá’ para céu, de acordo com sua conduta positiva, ou então, irá amargar-se no inferno.

Há, todavia, uma outra visão canônica, semelhante àquela defendida pelos *gnósticos*, em que o Reino de Deus é resultante de uma conquista pessoal íntima, a ser alcançada na própria intimidade. Atente-se, todavia, para o fato de que o único Evangelho canônico que cita esse conceito é o de Lucas: “[...] O Reino de Deus *já está dentro de vós*”. (19:20). Acreditamos, contudo, que esta citação escapou da ‘tesoura’ dos formuladores do Cristianismo, porque esta ideia contrariava a doutrina da Igreja nascente. O Reino de Deus era e é divulgado como algo externo, não havia, por consequência, interesse de incluir a ideia *gnóstica*, pois daria liberdade ao cidadão de encontrar Deus, por si mesmo, o que o afastaria da dependência da Instituição nascente. Segundo os pesquisadores, esse

seria um dos motivos de perseguição aos *gnósticos* pela Igreja de Roma.

O gnosticismo advogava a independência do Reino de Deus em relação à estrutura religiosa, na condução da criatura a esse encontro com o Divino. Em vez de salvação coletiva de características messiânicas pela adesão a uma instituição religiosa, com base na *fé que apenas crê*, propunha a *fé que conhece*, processo de libertação individual pelo trabalho persistente de cada um. A ligação com Deus ou o desenvolvimento de seu Reino, é sempre um processo, que aumenta à medida que a criatura cria condições de recipiência, pelo aperfeiçoamento de valores espirituais. Deus está em todas as criaturas, pelo menos em estado potencial, cabendo ao ser criar condições para Sua manifestação. É o conceito da Fonte (Deus) e o canal (ser) no processo de crescimento espiritual.

Nesse sentido, a Igreja nascente se autoproclamou detentora da prerrogativa de julgar e encaminhar as criaturas para esse Reino de Deus, se cumprirem seus cânones, ou para o inferno, caso falhassem. Quem lhe outorgou tal função? Seria o próprio Jesus que, em primeiro lugar, entregou a Pedro – nomeado Papa – a incumbência de dirigir sua igreja a qual, por consequência, foi estendida a toda estrutura eclesiástica, conforme ocorreu ao longo dos tempos? “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”.<sup>29</sup> Ora, a palavra *ekklesia*, no original grego, quer dizer *comunidade*, reunião de pessoas, sejam religiosas ou não. Tudo nos leva a concluir que se trata de mais uma inserção efetuada no Evangelho de Mateus (os outros Evangelhos são omissos!), a título de ‘acomodação’ aos interesses teológicos para “amparar” as decisões do Concílio de Nicéia, em 325, no qual Pedro, retroativamente, para dar alicerce à Igreja, transformou-se no primeiro Papa. Só que ele nunca soube disso!

Imaginemos, a título de reflexão, Pedro que comandara a Casa do Caminho – com seus pobres maltrapilhos e doentes – aparecendo no Vaticano, com roupas surradas e sandálias velhas e carcomidas, tentando visitar o Vaticano, para uma audiência com Sua Santidade, o Pontífice atual. Não passaria pela porta, certamente! Como não entrou Ghandi, com

seu traje humilde no período de Pio XII, fato que levou o sábio Carlos Juliano Torres Pastorino (1910-1980) a abandonar a batina, conforme recorda Celso Martins no *Minhas memórias alheias*, edição do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, 2008, Rio de Janeiro-RJ.

É pouco provável, pelo que se tem de registros dos textos Evangélicos, que Jesus tenha instituído uma Igreja ou Igrejas, no mesmo sentido em que Paulo houvera implantado em suas peregrinações. Essa Igreja, no entanto, não foi fundada pelo Mestre, porque ele não fundou corporação religiosa nenhuma. Sua Igreja era o seu ministério. Quando falou a Pedro da ‘pedra’ sobre a qual edificaria a sua Igreja, referia-se à *pedra angular* de sua pregação. Os seguidores de Jesus se reuniam em comunidade, mas não como Igreja institucionalizada por ele, estruturada administrativamente, com rituais, sacramentos e doutrina organizada.

Assim, embora isto contrarie a muitos, os pesquisadores são unânimes em afirmar que Jesus não criou Igreja alguma; pregou, sim, a Boa Nova, dando interpretações isentas de sectarismo religioso aos textos judaicos, descaracterizando os acréscimos impostos e adicionados como penduricalhos às Leis Divinas. Nada de dogmas, teologias, hierarquia dos dirigentes na estrutura organizacional, como funcionam nos dias atuais. Jesus pregava, ora nas sinagogas, ora em momentos em que a ocasião permitia.

No entanto, uma vez inserida no Evangelho de Mateus, o tempo se encarregou, pela repetição, da fixação da ideia de que Jesus criara mesmo a Igreja e incumbira a Pedro de dirigi-la, entregando-lhe as *chaves* com poderes sobre as portas do *inferno* e as do ‘Reino de Deus’. Ele e seus sucessores da estrutura hierárquica da Igreja assumiram a função de juízes dos filiados, julgando-os, no processo da chamada “salvação” e concedendo-lhes, de forma aleatória, passaporte para o Reino de Deus, ou

para o inferno. A premiação ao bom cristão, neste sentido teológico, formatado pela Igreja, deixaria de ser um processo de esforço pessoal de melhoria íntima, para ser delegada aos homens que comporiam a hierarquia da instituição. Voltamos a insistir neste texto encontrado em Mateus (“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”), segundo os pesquisadores, foi adicionado, posteriormente, para dar sustentação à teoria de que a Igreja foi fundada por Jesus e transferida para Pedro – que recebeu o título de primeiro papa – e, na sequência, validou os seus sucessores, procurando, assim, dar autenticidade à estrutura político-administrativa da Igreja.

Com essas mudanças iniciais nos textos, “escamoteou-se a realidade histórica de que o primeiro dirigente da comunidade cristã – a despeito de sua rigidez tradicional judaica – foi Tiago, irmão de Jesus e não Pedro. Como, porém, o ramo do Cristianismo, que desejava permanecer no âmbito do judaísmo, perdeu-se pelos caminhos da História, e o centro das decisões deslocou-se para a Roma dos Césares, e tornou-se conveniente introduzir no texto o dispositivo constante do capítulo 16, de Mateus, para assegurar que Jesus havia fundado a sua Igreja, que Pedro fora quem primeiro atestara a condição messiânica e, por isso, ficava como proposto do Cristo, com poderes sobre as *portas* do Inferno e do Reino dos Céus”.<sup>30</sup>

O Evangelho de João, escrito no final do 1.º século, ensina: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.<sup>31</sup> Para a Igreja, a verdade está condicionada ao ato de filiação incondicional do crente, crendo que a *salvação* tem características messiânicas, ou seja, pela adesão de fé à Igreja e ao Cristo sacrificado. A salvação seria, assim, baseada na vinculação e na filiação aos cânones da religião que se formava. Tem-se, neste sentido, uma *salvação coletiva* a todos que aderirem, sem exceção, e *salvação vicária*, conseguida por nós e para nós por Jesus sacrificado. Aliás, essa é a pregação atual das Igrejas cristãs: Jesus, ao morrer na cruz, derramando o seu sangue, confere salvação àquele que adere a elas, porque ele ‘morreu por nós’. Uma ideia absurda de que, ao ser crucificado, ele levou todos os nossos *pecados*. Assim é entendida a *salvação*, e aquele que aceita Jesus, tem sua alma expurgada de todos os erros, e será trasladado para o

‘Reino dos Céus’. Uma ideia incongruente e indigesta para se aceitar, a não ser como dogma de fé.

Como os judeus tinham por costume, em festas próprias, entregar aos sacerdotes cordeiros, pombas, cabritos etc., para serem sacrificados no altar e, com isto, ficarem livres de todos os pecados, João, ou quem escreveu o Evangelho que leva seu nome, não deixou por menos, associou a ideia do sacrifício do cordeiro ao de Jesus, que seria “o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. Esta ideia de dar o sangue dos animais para eliminar o “pecado” dos “marmanjos”, transferiu-se para Jesus que, da mesma forma dos animais, deu, espontaneamente, seu sangue para salvar a Humanidade de todos os “pecados”. Sem qualquer preconceito religioso, procedendo a uma análise que passe pelo ‘crivo da razão’, como sugeriu Kardec, “colocar nos ombros de outro a salvação, sem esforço pessoal, é muita inocência, é comodismo puro. Quer dizer, diante dos obstáculos, ao invés de ir à luta (aquele que perseverar até o fim vencerá, disse o Mestre), joga-se nos ombros de Jesus e fica de ‘papo pro ar’, na ociosidade! Dá para se aceitar um absurdo desses? Isso é ser cristão? Que facilidade para desenvolver o Reino de Deus no interior de cada um: errasse, arrepende-se, mas não se pode deixar de pagar o dízimo, e deixa-se tudo por conta de Jesus”.<sup>32</sup>

Outra incoerência ‘atribuída’ a João, a respeito da necessidade de crer, foi inserida no seu Evangelho: “Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus”. (3:18). Dá para engolir mais este imbróglio? Veja o sentido coercitivo para a *salvação*: a crença incondicional em Jesus. E não se dá outra opção, ou crê na ‘marra’, ou será ‘condenado’! E se o cidadão não for cristão, como fica? Sabe-se que dois terços da civilização mundial não seguem o Cristianismo. Deixarão de ser filhos de Deus? Certa vez, um pastor evangélico, ao visitar-nos em nosso escritório, sabendo de nossa condição de espírita, dizia-nos: – O Espiritismo não é cristão, pois não aceita a Trindade, Jesus como salvador, a sua ressurreição, céu e inferno, e outros dogmas mais, que foram introduzidos nos Evangelhos. Respondemos-lhe que esse Cristianismo formatado pelos interesses dos

concílios, que hoje aí está, verdadeiramente, nada tem com a ideia que faço de Jesus nos ensinamentos iniciais de sua doutrina.

E veja que, mesmo com a Reforma Protestante, deflagrada por Martinho Lutero, os evangélicos, ao herdarem a teologia Católica, continuaram com os mesmos cânones, salvo pálidas mudanças. Consulte o Evangelho de Tomé, por exemplo, que não sofreu ‘tesoura’ alguma e compare-o com o que foi construído, em nome da doutrina de Jesus. Disse-nos, então, o Pastor, diante de nossa ponderação, que nós, espíritas, já estamos todos condenados! Veja que inocência, ou ‘crê ou vai para o inferno!’ Ora, Deus está acima de tudo isto. É Lei Cósmica Universal e o que vale é sintonia com essas leis, gravadas na consciência, como asseveraram os Espíritos a Kardec.<sup>33</sup>

O conceito *gnóstico* é totalmente democrático, e, em vez de condenar, aguarda o processo de maturidade de cada um, no seu tempo e ritmo próprios para conhecer a verdade, que, diga-se de passagem, será sempre relativa. Através do esforço e persistência na solução dos equívocos é que ocorrerá a libertação espiritual, no momento do despertar do entendimento, sem qualquer pressão psicológica externa. O julgamento só ocorrerá em nível de consciência, sem qualquer condenação, por ‘não crer’. Ninguém vai para o inferno ou para o céu. O “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, sob a ótica gnóstica, tem sentido de ‘libertação’, não pela filiação a uma fé religiosa em que, basta crer, simplesmente. O sentido de libertação é o de conquistar por si mesmo o encontro com Deus nos aposentos da alma. “Diz Emmanuel que esse *dito* não designou lugar, não traçou condições, não estatuiu roteiros, nem especificou tempo. Ensina, simplesmente: conhecereis a verdade, e para o acesso à verdade, cada um tem o seu dia”.<sup>34</sup>

A descoberta do Evangelho de Tomé nos mostra que os primeiros

cristãos compreendiam o Evangelho de modo diferente, levando-nos a admitir que foi a Igreja que se tornou ‘herética’, e não os *gnósticos*, ao proceder ela as mudanças radicais na essência dos ensinamentos de Jesus, acerca da realização íntima. O gnosticismo foi abafado, logo eles que seguiam os princípios recomendados por Jesus. Foram, assim, denominados de *hereges*. Entendo, hoje, que, como espírita, sou *herege* diante do Cristianismo que nos entregaram. Se os Evangelhos canônicos são verdadeiramente autênticos como insiste a Igreja, por que na biblioteca de Nag Hammadi não foi encontrada referência alguma a nenhum deles?” É simples, com já dissemos, o Cristianismo que temos hoje é fruto de construção paulatina da Igreja, para atender aos interesses político-administrativos de quem se julgava herdeira de Jesus. Nesta linha de raciocínio, os textos gnósticos não interessavam, aliás, atrapalhavam o trabalho de carpintaria dos construtores do Cristianismo e, por isso, foram considerados *hereges*.

Diante desta encruzilhada do drama histórico vivido pelo Cristianismo em suas bases iniciais e o que herdamos, H.G. Wells<sup>35</sup> considera, com transparente lucidez, a doutrina do Reino dos Céus como o “ensinamento principal de Jesus, uma das mais revolucionárias doutrinas” de todos os tempos, ao mesmo tempo em que nota o irrelevante papel que ela desempenha nos diversos credos cristãos. Assim, temos duas posições: ou você *vai* ou *desenvolve* em si o Reino de Deus. Ou se aceita a ideia de ‘salvação’, através da filiação religiosa, zerando todos os ‘pecados’ (para nós, equívocos) por um resgate messiânico, com o ‘derramamento’ de sangue de Jesus, ou, então, entendemos que ninguém salva ninguém, mas, somos nós mesmos que construímos esse Reino, num longo e incessante processo de aprendizagem. Na verdade, o que o gnosticismo propõe é que cada um seja o próprio engenheiro de sua libertação espiritual.

Por esta razão, demos a este livro o título de *O Elo Perdido*, referindo-nos à artimanha criada pelos líderes religiosos, através dos tempos, para arrebanhar *quantitativamente* o maior número de adeptos-crentes, introduzindo constantes modificações nos textos Evangélicos, com o objetivo de domínio político-administrativo. Com essa estratégia, de

acordo com os documentos de Nag Hammadi, os princípios básicos de Jesus foram perdidos, faltando o *elo* que possa revitalizar as ideias dos albores do Cristianismo, retornando aos verdadeiros ensinamentos do Mestre de Nazaré. Repetimos que, dos livros banidos, aquele que a maioria dos estudiosos considera mais próximo dos verdadeiros ensinamentos de Jesus e da Igreja primitiva é – sem a menor sombra de dúvida – o Evangelho de Tomé.

---

29 Mateus, 16:18.

30 MIRANDA, Hermínio Corrêa. de. *Cristianismo: A Mensagem Esquecida*, p.168.

31 João, 8:32.

32 BOBERG, José Lázaro. *Nascer de Novo para Ser Feliz*, lição 4.3.

33 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 621.

34 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Vida Eterna*, lição 130.

35 H.G. Wells, *apud* Hermínio Miranda. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 49.

## 4. JESUS SALVA?

[...] “Assim, enquanto que os teólogos da época falam em *salvação*, os *gnósticos* preferem o conceito de *libertação*”.

A dicotomia *salvação/libertação* indica, aparentemente, conceitos iguais, mas diametralmente opostos quanto à tomada de consciência em relação à vida no processo de evolução. São posições que definem o “norte” existencial entre “crer” que, alguém tomará as rédeas do destino, ou, são eles mesmos os artífices da própria *libertação*. Assim, enquanto os *gnósticos* advogam, segundo o que se pode interpretar no Evangelho de Tomé, a ideia da realização individual, sem filiação a crença alguma, com suas práticas ritualísticas e seus sacramentos, os Evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas, João – na grande maioria de seus “ditos”, indica a *salvação* messiânica, sem esforço pessoal, ou seja, através da Igreja e a aceitação de que Jesus lava todos os “pecados”, desde que se filie à organização religiosa.

Nos Evangelhos canônicos, encontramos ambiguidade no entendimento do conceito de Reino de Deus. Na grande maioria das passagens, persiste a ideia de algo que se alcança “fora”, de forma messiânica. **Em Mateus:** – “... o Reino de Deus está próximo” (4:17).– “... *entrará* no Reino de Deus” aquele que fizer a vontade do Pai” (7:21). **Em Lucas:** “O Reino de Deus é dos pobres” (18:20). “Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas” (18:24). “Sabei que o Reino de Deus está próximo” (21:31). Passagens paralelas em **Marcos** e **Lucas** trazem sentido messiânico ou com ambiguidade, concebendo o

Reino de Deus como um local onde *se entra* ou do qual se está *próximo* ou *distanciado*.

Em outras poucas passagens, os canônicos trazem a visão de que o Reino de Deus é não-messiânico, mas o resultado de uma realização pessoal e intransferível: “Porque o Reino de Deus está *dentro de vós*” (Lucas, 17:21). Ora, se não havia interesse em passar a ideia da conquista do Reino de Deus pela própria pessoa, e, sim, através da salvação pela Igreja, não interessaria esta visão constante de Lucas. Esse conceito, segundo nossa ótica, escapou, por descuido, da tesoura implacável dos construtores dos Evangelhos. Afinal, certamente, o Cristianismo em sua versão inicial teve os ensinamentos verdadeiramente divinos, mas que vieram sofrer, por interesse do poder, alterações em sua essência.

Bem, pelo que expusemos até agora, infere-se que os gnósticos não advogavam a ideia de que é “Jesus que salva”, mas, sim, a própria criatura, por trabalho pessoal. É preciso, no entanto, esclarecer melhor. Não é que os gnósticos deixavam de considerar Jesus como Salvador, porque entendiam como eminentemente salvadora “sua mensagem” de libertação pelo conhecimento (*Conheceis a verdade e a verdade vos libertará*), mas não aceitavam a ideia de que o sofrimento de Jesus na cruz produzisse salvação, por resgate, de todos que aderissem à Igreja, deixando-se batizar, praticando os sacramentos e sujeitando-se à sua ritualística e à sua dogmática.<sup>36</sup> Esse conceito de salvação vicária, ou seja, alguém se imolando para que outro seja salvo, é por demais simplista, cômodo e infantil. O próprio texto de Lucas (9:23) ressalta o ensinamento de Jesus: “Tome a sua cruz e siga-me!”

Assim, podemos dizer que as mensagens de Jesus, aquelas que escaparam das ações modificadoras das decisões dos concílios, são verdades universais que levam as criaturas a desenvolverem o Reino de Deus, como um sistema íntimo de pureza, retidão e amor. Não se trata, portanto, de dádiva vinda de fora, através de homens e suas Igrejas. Essas ações podem despertar, mas a conquista é sempre personalíssima.

Salvar, em legítima significação, é “livrar de ruína ou perigo”, “conservar”, “defender”, “abrigar” e nenhum desses termos exime a pessoa da responsabilidade de se conduzir e melhorar-se. E o tempo “sobremodo oportuno” para a salvação ou, melhor, para a corrigenda de nossos erros e aproveitamento da nossa vida, chama-se *agora*.<sup>37</sup> É nesse sentido que Emmanuel conceitua a salvação, mostrando-nos que a luta é pessoal e o tempo é aquele em que a criatura despertou para o equívoco cometido. Para a Doutrina Espírita, Jesus é o guia e modelo da Humanidade. Assim, em vez de ter a missão de salvar o homem de seus pecados, é o guia que abre acesso à compreensão espiritual.

E atente para o *marketing* das religiões judaico-cristãs: quem **salva é Jesus**. Trata-se de um dos pontos fundamentais do Cristianismo e que está de tal forma, tão cristalizados nas mentes das pessoas, que as criaturas ‘se esquecem de que todos somos detentores do potencial divino, e não cabe a ninguém exercer por nós o processo do crescimento. Comparativamente, seria o caso de o aluno deixar de enfrentar a perseverança nos estudos e entender que alguém vai salvá-lo nas questões que tem fatalmente que enfrentar. Trata-se de uma ideia que desmoraliza a capacidade criativa e o entendimento de que cada um é autor do próprio crescimento. “A ironia é que são exatamente esses erros, essas decisões ignorantes, esses ‘pecados’ que nos levam a estados cada vez mais elevados. E se alguém puder salvá-lo, você nunca precisará assumir responsabilidades, clássica mentalidade de vítima”.<sup>38</sup>

JZ Knight descreve essa situação: “Agradar a Deus nos isenta de viver. Quer dizer, o próprio fato de que alguém teve de morrer por nossos pecados é uma espécie de roubo, você não acha? Quero dizer, penso que todos deveríamos ter o privilégio de viver os nossos pecados e de nos enriquecermos em sabedoria graças a eles. Não vejo como poderíamos crescer e, no tornarmos seres extraordinários, se não estivermos repletos da praga da experiência, que é má e prejudicial etc., porque só dessa forma teremos realmente alcançado a sabedoria, que nos permitirá compreender

todo o mundo”.<sup>39</sup>

Entendamos, então, que a capacidade de resolver os problemas e corrigir os nossos equívocos está latente em cada um de nós, pois Deus se faz presente em nossas consciências com Suas leis sábias e eternas. Daí dizermos que Deus está dentro de cada pessoa. Antes de tudo, é preciso conscientizar-se disso. As religiões antigas disseminaram a crença de que Deus está ‘fora de nós’, observando-nos do céu ou algum lugar longínquo e que só atende ao nosso pedido de salvação, quando estamos numa situação sem saída ou à beira da morte. E esse pedido de atendimento só se faz através de louvaminhas, barganhas e bajulações.

Muitas das religiões tradicionais conservam crenças equivocadas de outrora, de um universo dualístico que precisam ser abandonadas. Essa ideia de que Deus está separado de nós – Deus lá fora – foi inventada há milhares de anos pelas religiões, em que Deus está ‘lá em cima’, num lugar chamado ‘céu’ e nós os ‘pecadores’ aqui embaixo. Deus está em toda a parte e a melhor maneira de experimentá-lo é internamente. Deus se expressa através de nós à medida que criamos condições de recipientes positivos, caracterizados por ações em harmonia com a Lei Universal. O orador sacro francês Bousset dizia “que Deus está lá em cima tão alto que se esqueceu de nós aqui embaixo tão baixo”.

Reafirmamos que as concepções diametralmente opostas e conflitantes sobre *salvação* marcam o grande hiato entre os canônicos e os gnósticos. Enquanto, nos primeiros, a criatura que se salva pelo resgate messiânico e, por consequência, **vai** ou **entra** em um lugar chamado céu, o Reino de Deus; nos segundos, a salvação é sempre uma **conquista pessoal** resultante de longo e persistente aprendizado, ou seja, condição adimensional e atemporal, na qual as leis divinas exercem, em toda plenitude, o seu reinado. O objetivo de todo homem está em realizar-se, tal como Jesus se realizou, ou seja, a *crístificação* da natureza humana, de tal forma que possa dizer: bebo da água viva ou estou no Pai e o Pai está em mim!

Constate que o Evangelho de João, em oposição ao Evangelho de Tomé, assevera que somente a crença em Jesus oferece a salvação. Será mesmo? Aos que ouvem, promete grandes recompensas: o perdão dos pecados, a solidariedade com o povo de Deus e o poder de vencer a morte. Bastava “crer” e estaria “salvo”, e tal como Jesus, teria a ressurreição. Ora, a morte, esta grande e sagaz ceifadora, seria vencida crendo em Jesus. Tomé ensina de forma diferente, dizendo: “Se manifestardes aquilo que tendes dentro de vós, aquilo que tendes dentro de vós vos salvará; se não manifestardes aquilo que tendes dentro de vós, aquilo que manifestardes vos destruirá” (*logion*, 70).

A força desta afirmação está em que não nos diz que basta “crer”, como afirma João, mas desafia-nos a desvendar aquilo que está oculto dentro de nós mesmos. Se o discípulo conseguiu revelar o potencial divino, está ‘salvo’, no sentido de reintegração com Deus, e não porque, simplesmente, ‘crê’ nele e os pecados seriam resgatados. A busca que se faz instiga a criatura a uma compreensão derivada da ‘experiência’. “O Evangelho de João, provavelmente foi escrito no final do século, foi redigido no auge da polêmica para defender certas opiniões sobre Jesus e combater o Evangelho de Tomé que foi escorraçado como *apócrifo*. O de Tomé incentiva a *buscar* pela experiência, enquanto o de João, apenas *crer*, sem contestação”.<sup>40</sup> O de João apela para a fé, para crer. Devem os seus leitores ‘crer’ no que não podem comprovar por si mesmos e, neste caso, a mensagem do Evangelho, ou, então, enfrentar a ira de Deus, pois quem não crê, será condenado. E arremata com o alerta de que só Jesus oferece a salvação.

Em situação oposta, o Jesus de Tomé ensina construir a fé pela experiência. É por isso que vejo muita aproximação entre o Espiritismo e o gnosticismo, quando preconiza: A fé que **sabe** (fé raciocinada), em oposição à fé que **apenas crê** (defendida por João). E sobre isso ensina Kardec: “**Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade**”.<sup>41</sup> (**grifos meus**)

---

36 Ibidem. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 49.

37 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de Vida Eterna*, lição 153.

38 WILLIAN Arntz, BETSY Chasse e MARK Vicente. *Quem Somos Nós?*, p. 204.

39 Ibidem, mesma página.

40 PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença*, p. 42.

41 KARDEC, Allan. *Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIX, item 7.

## 5. IMPERSONALISMO DA LEI UNIVERSAL

“Os *gnósticos* ensinam que a ‘busca de Deus’ se dá nos ‘apostosos íntimos’, mostrando que Deus é a Lei Única e Universal, que opera com infalível precisão e com absoluto impersonalismo, descaracterizando-se, assim, a ideia de Deus-pessoal, que tem seus favoritos em detrimento de outros”.

Em nosso livro *A Oração Pode Mudar Sua Vida*, desenvolvemos reflexões em *A Visão de Deus*,<sup>42</sup> e citamos como conceito preambular, o aforismo: “Deus é do tamanho da evolução espiritual de cada um”. Entendemos que o conceito de Deus é variável de acordo com a maturidade do Espírito, ao longo de suas experiências existenciais. Não deve haver, assim, qualquer crítica ou desdouro a quem se encontra nesta ou naquela fase de entendimento. Todos estão em processo de crescimento espiritual. Assim, se é verdade que “o homem é à imagem e semelhança de Deus”, segundo o ensinamento bíblico, não é menos verdade que “Deus é criado à imagem e semelhança do nosso entendimento. Como o entendimento de Deus passa por vários estágios e amplia-se, gradativamente, na proporção da maturidade do Espírito, ao longo de seu processo evolutivo, o homem cria uma imagem dEle, que o conduz a estágios de felicidade ou infelicidade.

Saliente-se, todavia, que falar ‘Ele’ (Deus) ou ‘Ela’ (Lei Divina) é mera convenção humana, pois, na realidade, essa ideia é baseada no ‘deus pessoal’ do pensamento judaico-cristão, uma das fases do processo evolutivo do homem, mas que, ainda hoje, influencia o pensamento

cristão. Esse Deus do Velho Testamento era o Deus em vigor na época de Jesus, e era uma entidade irada, vingativa, malevolente e ciumenta, que parecia se divertir em matar primogênitos, seres humanos, animais de toda espécie. Com Jesus, segundo informam os Evangelhos, raia uma nova visão à Humanidade. Em vez da justiça do “olho por olho” e do “dente por dente”, ensina ele o Deus de amor, que perdoa os inimigos.

Nas tradições ocidentais predominou o conceito do dualismo, em que Deus está separado de nós (eis o deus pessoal das religiões monoteístas abraâmicas). Nesta linha de raciocínio, “o maior obstáculo à nossa evolução é a forma como nossa cultura frequentemente vê Deus – como um deus sentando ‘lá em cima’ em algum lugar registrando em seu *laptop* se nós agimos de acordo com os objetivos dele ou, se o ofendemos como se costuma dizer; o que é uma ideia absolutamente ultrajante. Como podemos ofender a Deus? Como pode isso ser tão importante para ele? Acima de tudo, como ele pode achar essa situação tão grave, que condene a uma eternidade de sofrimento? Essas ideias são absurdas”.<sup>43</sup> Daí, seria petulância nossa acharmos que temos a capacidade de ofender a Deus!

E veja que esse entendimento de *separação* está tão cristalizado em nossos pensamentos, em razão das crenças religiosas impostas pelos pais, pela sociedade, que, às vezes, somos incapazes de pensar de modo diferente, achando até absurdo quando alguém suscita esta nova concepção de Deus. Não é verdade? Você parou para pensar que a Lei Cósmica é universal e não pertence à crença alguma? Atente para o raciocínio: Ter Deus num paraíso ou considerá-lo como “dentro de nós?” O que satisfaz mais à sua razão? “Segundo a Física Quântica, se a menor parte de um átomo está contida em tudo e existe em todos os lugares, chegou-se à conclusão de que a força universal que está em tudo é Deus, Onipresente, Onisciente de todo e qualquer pensamento e atitude que move seu ser e de tudo o que acontece no Universo.

Conclui-se que essa força está também presente dentro de cada um, em nossa natureza, falando conosco por meio de nosso sentir, de nossos

sintomas. Deus, Grande Espírito, Força Maior, Vida, Universo, o nome não é o problema, a existência e a constatação é que são importantes”.<sup>44</sup> Aos poucos, conforme a evolução conquistada, as pessoas vão despertando para uma concepção maior e infinita de Deus, afastando, por consequência da ideia do *deus pessoal*. A melhor forma de perceber essa Força Maior é aquela defendida pela filosofia gnóstica: *Deus está dentro de nós*.

Assim, essa crença de Deus *separado* de nós é falsa; essa Energia Cósmica emana de todo o Universo e inclui todas as coisas, todas as partículas e todos os seres, fazendo parte, portanto, de nossa natureza, de nosso íntimo. Essa concepção de Deus, *afastado* de nós, precisa ser revista, pois ela nos foi imposta, sem que fizéssemos qualquer questionamento. Castigo, céu, inferno, julgamento divino e tantas outras superstições impingidas, ao longo dos tempos, fizeram o homem medroso e incapaz, obstando o eclodir de sua força para dar pleno desenvolvimento ao seu potencial. Pense bem! Nós somos livres para pensar e questionar sem qualquer ideia de julgamento do deus pessoal; ‘vós sois deuses’, disse Jesus, repetindo o ensino do salmista. Somos os responsáveis pelo nosso desenvolvimento e é através de nós, que a Essência divina se manifesta; Deus não escolhe por nós nem age por nós. Ele age por meio de nós. Nós é que criamos condições vibratórias propícias para a manifestação da Essência. Daí, afirmarmos que: Deus não muda Suas leis, quem muda somos nós!

Quando adentramos em certas reflexões consideradas não convencionais, não há dúvida de que, estamos em “área de perigo”; lá vem o velho jargão de que o cidadão está ‘obsidiado’; está contrariando a Doutrina e é imediatamente alijado do Movimento, com críticas acerbas e recebido, sempre, nos meios “acadêmicos” com ressalvas. Se é escritor, seus livros devem ser colocados no *index librorum prohibitorum*,<sup>45</sup> uma vez que os Espíritos “disseram tudo” e nada mais pode acrescentar. Este é o grande perigo das “religiões” que, sacralizando seus livros, impedem seus filiados de pensar e crescer. Não obstante, uma das prerrogativas mais importantes da Doutrina Espírita é a liberdade de decidir o nosso destino, sem amarras, sem medos. Ora, somos nós quem orquestramos nossos

pensamentos; nós somos senhores de nossa vida. Se a escolha for certa, que bom; mas, se foi errada, que mau! Assim quando o disparo da consciência acusar a dissonância com a Lei, fará a devida correção, sem qualquer ideia de pecado ou de castigo.

Estou fazendo essas considerações para deixar bem claro que sou espírita que perfilha na linha cristã não-ortodoxa; ortodoxa é aquela corrente que introduziu doutrinas dogmáticas nos textos Evangélicos, para os adaptá-los às decisões dos seus Concílios. Essas doutrinas dogmáticas foram criadas por decisão clerical, sem nada ter com o ensinamento de Jesus. E coloca, no texto de João, sentença amedrontadora que “quem não crer será condenado”. Não aceitamos, obviamente, estas ideias, porque, para nós, sintonizar com a frequência divina é algo que acontece por vontade livre e soberana, por esforço próprio na construção da autolibertação. É a manifestação do livre-arbítrio que se amplia gradativamente com a maturidade do Espírito. Refutamos, assim, as ideias do Cristianismo oficial, como Trindade, julgamento de Deus pessoal, céu, inferno, divindade de Jesus, ressurreição do cadáver, juízo final, demônio, entre outras. Por isso jamais, sacralizamos obra alguma, como algo acabado que não mereça reflexões. “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”, no dizer de Paulo.

Sabe-se que nos tempos iniciais, entre várias correntes do Cristianismo, outros aspectos como preexistência do Espírito, reencarnação e comunicabilidade entre vivos e mortos eram ensinamentos, normalmente aceitos, mas receberam a tesoura dos construtores do Cristianismo; e foram banidos para sempre das estruturas teológicas, tendo sido escolhidos apenas quatro textos, considerados os únicos verdadeiros.

Kardec – com seus coadjuutores do mundo espiritual – trouxe-nos, em *O Livro dos Espíritos*, propostas, e devemos filosofar sobre elas. Não se

podem engessar ideias, como se fossem verdades definitivas. É perigoso pensar que algo está definitivamente acabado, tal quais o fazem aqueles que aceitam a Bíblia como “palavra de Deus”. Afinal, ela é palavra de Deus ou dos homens? O Codificador, com relação ao Espiritismo, alertou que não se deve fechar a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se. O Espiritismo tem de acompanhar a ciência. “Caminhando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.<sup>46</sup>

Vejam o que está ocorrendo nas escolas brasileiras. Às vésperas do bicentenário de Charles Darwin, o pai da teoria da evolução, as instituições religiosas ainda insistem em ensinar aos alunos a teoria do ‘criacionismo’ (explicação bíblica sobre a origem da vida) nas aulas de ciências. Ensinar nas aulas de religião tudo bem, mas nas aulas de ciências é deseducar. Isto é confundir o aluno entre *crença e superstição*. Pode ser muito poética esta lenda, mas não é Ciência. A Igreja aceita, hoje, a história de Adão e Eva como sendo uma metáfora. E ela é criacionista e evolucionista aceitando Darwin. Os Evangélicos é que não querem aceitar a evolução, contrapondo a ela o criacionismo. Eles consideram incompatíveis as duas teorias.

Neste entendimento, Kardec não aceitava categoricamente a infalibilidade dos Espíritos e dos médiuns, que participaram com ele da codificação do corpo doutrinário. Aconselhava que todas as opiniões, conceitos e ideias fossem passados rigidamente pelo “crivo da razão” e ao “método da concordância universal”. O Codificador, em muitas de suas teses, antes de serem incorporadas no corpo doutrinário, prudentemente, preferiu aguardar o progresso da ciência, para que, no futuro pudessem ser ou não absorvidas. Infelizmente a maioria das teses foi incorporada pelos espíritas como verdades inquestionáveis.

Temos como ponto de referência, como o mais lúcido conceito de Deus, que nos satisfaz plenamente a razão, aquele da filosofia Espírita, constante na questão nº. 1, de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec questiona os interlocutores do mundo espiritual: O que é Deus? E a resposta não poderia ser mais brilhante: Inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas. Não personifica, nem identifica Deus. Não pergunta: “quem é?”, mas “o que é?”. Fica clara a ideia da presença de uma Lei Universal, que a tudo comanda. No entanto, vige no movimento religioso o velho conceito judaico-cristão do deus pessoal, que dirige todas as ações do Espírito.

Ora, os flagelos que acontecem na Terra têm como causas duas situações básicas: ou são um processo natural de acomodação do planeta, ou são uma resposta da Natureza à agressão humana causando desequilíbrio ecológico. É claro que, em ambas as situações, o homem, diante do sofrimento, aprende duras lições, ajudando-o na melhor compreensão da Vida, e no desenvolvimento do sentimento de fraternidade e humanismo. Daí por que cada um progride a seu tempo, de acordo com a maturidade conquistada por méritos próprios, conforme sua atitude diante dessas tribulações. De nossa parte, vemos o Espiritismo como proposta filosófica espiritualista, passível de ser desenvolvida e ampliada ao Infinito, à luz da razão e do bom senso, e não como doutrina sagrada, dogmática e, portanto, estática.

Entendemos o pensamento e os conhecimentos da época da Codificação. Tudo que acontecia era simplesmente “vontade de Deus”. Hoje, no entanto, temos melhores condições de interpretar o que era essa “vontade”, que nada mais é que as próprias Leis Universais, com as quais o ser humano interage incessantemente de maneira livre, num processo dialético, colhendo resultados, felizes ou infelizes, mas que sempre propiciam o aprendizado e a conseqüente maturidade espiritual. Por isso, para construirmos, gradativamente, a felicidade, ou no dizer de Jesus, O Reino de Deus em nós, devemos trabalhar no sentido de nos afinizar-nos, por sintonia vibratória, com essas Leis.

O Evangelho de João nota que Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim” (João, 14:5-6). A Igreja emergente, ao selecionar os Evangelhos considerados verdadeiros, incluiu o Evangelho de João entre os canônicos e rejeitou o de Tomé, considerado ‘apócrifo’. Ao refletir sobre esta questão, “é preciso lembrar que, quando se viaja pelos Estados Unidos, vemos cartazes com essas palavras de João nas Igrejas locais. Seu propósito é claro: por indicar que só encontramos Deus por meio de Jesus, o escrito, no contexto contemporâneo, implica que só o fazemos pela igreja”.<sup>47</sup> Sobre esta frase de João, que Jesus teria pronunciado, Pastorino dá uma interpretação mais elástica e racional, sem a ideia de que Jesus teria arrogado para si a de ser “único” caminho para se chegar a Deus e que “sem ele”, ninguém chegaria ao Pai.

Incluimos em nosso livro *O Código Penal dos Espíritos* a seguinte anotação sobre o escrito de João: “[...] o sentido real deste ensinamento de Jesus é: “O ‘Eu’ é o caminho da Verdade e da Vida: ninguém vem ao Pai senão pelo Eu”. Na verdade, se assim não fosse, estariam excluídos aqueles que não são cristãos, o que contraria a Lei Universal. O “Eu profundo”, que também chamamos de Reino de Deus, do *Cristo Interno* é o caminho para se alcançar a Verdade e a Vida. Jesus também desenvolveu o seu *Cristo interno*. Nada de privilégios nas Leis Cósmicas Universais, e sim, trabalho pessoal, sem transferência de responsabilidade. É o que Kardec ensina, em complemento ao do texto: “A Justiça Divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação dos Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e nenhum se distingue em sua formação por mais bem aquinhado; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim têm passado, como quaisquer outros, pelas fases de inferioridade e respectivas provas”.<sup>48</sup>

Repetimos, em sentido oposto ao texto de João (8:12), “Eu Sou a luz do mundo”, o Evangelho gnóstico de Tomé – para nós, o elo perdido dos ensinamentos iniciais – advoga que a construção do Reino de Deus se

baseia na “busca” dentro de si mesmo. Embora denunciados como hereges pelos líderes da Igreja nascente, muitos desses cristãos gnósticos se consideram ‘buscadores’. Não precisa ser por nenhuma instituição, ou por um “salvador”, porque o contato com a Energia Maior ocorre com a busca de Deus na intimidade. Tomé ensina aos indivíduos que “há uma luz dentro de cada pessoa, e ela ilumina o universo inteiro. Se ela não brilha, há trevas” (*logion 24*) *Esta luz interior* é a identificação da criatura com o seu Criador, pela sintonia vibracional, em si mesmo. Difere-se diametralmente do Texto de João que advoga o encontro com Deus (pessoal, portanto) através de Jesus e da Igreja, por um processo de religação.

Os gnósticos ensinam que a “busca de Deus’ se dá nos “apostos íntimos”, mostrando que Deus se expressa por Sua lei, Única e Universal, que opera com infalível precisão e com absoluto impersonalismo, descaracterizando-se, assim, a ideia que muitas pessoas têm do Deus-pessoal, que tem seus favoritos em detrimento de outros. Ora, a Lei Cósmica é universal e, portanto, imutável. A diferença não vem da Lei, mas unicamente da atitude que a criatura assume em face dela.

Assim sendo, a Lei jamais irá materializar-se para interferir a favor deste ou daquele. Deixa a cada um a decisão de suas escolhas certas ou erradas. A Lei não interfere nas ações recíprocas entre as pessoas. Tudo ocorre no foro íntimo da consciência, onde está esculpida a Lei de Deus.<sup>49</sup> Se a criatura pretende matar alguém não haverá interferência da Lei. Haverá consequências para o infrator, já que a semente plantada na consciência, no momento certo, nesta ou em outras existências, fará disparar o mecanismo de correção. Entenda, no entanto, não por julgamento de um Deus pessoal, mas das leis gravadas na consciência, pois cada um julga a si mesmo, quando o fato despertar o entendimento da criatura que está em desarmonia com a Lei.

A Lei atua universalmente, quando a criatura preenche certas condições para colocá-la em ação. Não é algo externo que alguma instituição ou alguém vai resolver por nós, milagrosamente, sem esforço pessoal. Nas anotações de Mateus, Jesus ensina: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta”<sup>50</sup>; “Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam”.<sup>51</sup> Aparentemente, estes ensinamentos pregam a ociosidade ou um *dolce far niente*. No entanto, o que se enaltece aqui é a perfeição da Lei Universal, pois, na natureza infra-humana, os seres inferiores na escala evolutiva cumprem automaticamente, pelo instinto infalível, as determinações programadas pela Lei Universal.<sup>52</sup>

O homem, no entanto, dotado de livre-arbítrio, é construtor de seu destino. Nada vai acontecer sem o seu esforço pessoal. Ninguém vai derramar sangue, morrendo para salvar aquele que “não busca por si mesmo” a sua evolução. Concordamos com o médico e filósofo Deepak Chopra, ao dizer que “somos as únicas criaturas na face da terra capazes de mudar nossa biologia pelo que pensamos e sentimos! Nossas células estão constantemente bisbilhotando nossos pensamentos e sendo modificadas por eles”. Sob esse entendimento, o homem é o que pensa em seu coração (alma). Assim, podemos definir exatamente a origem do bem e do mal: “a vida do homem é o resultado dos seus pensamentos habituais, sobretudo quando esses pensamentos são ‘de seu coração’ (carregado de emoções), isto é, onerados de emotividade, positiva ou negativa. Quem pensa com temores de doenças, cedo ou tarde, ficará doente; quem pensa com amor em saúde, terá saúde”.<sup>53</sup>

Daí o ensinamento gnóstico, referido acima: “há uma luz dentro de cada pessoa, e ela ilumina o Universo inteiro. Se ela não brilha, há trevas”. Os *gnósticos* – em oposição ao Cristianismo ortodoxo – ensinam que cada um tem dentro de si o potencial para liberar-se ou destruir-se. Se perguntarmos a um psiquiatra, cremos que poucos iriam discordar das palavras de Jesus, segundo o Evangelho de Tomé: “Se revelar o que possui

dentro de si, será salvo. Se não o desvelar, será destruído”. Ou, então, o dito nº 3: “Quando conseguirdes conhecer a vós mesmos, então sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai vivo. Mas, se não vos conhecerdes, vivereis na pobreza e series a pobreza”.

É por essa razão que o gnosticismo foi ‘abafado’, pois mostrava que o caminho para a sintonia com Deus é dentro de si mesmo. Incentivando essa atitude, as pessoas iriam adquirir autoconfiança e não necessitariam de ritual algum de uma instituição externa, que fosse o caminho que levaria a criatura à ‘salvação’! Por outro lado, pelo comodismo, a maioria interessada em receber de graça, sem esforço algum, o negócio era embarcar nesta proposta de que alguém iria resolver por ela. Nisto a Igreja foi pródiga, colocando-se como intermediária em conduzir a criatura para o Reino de Deus. Entre dizer para o cidadão que ele tem de lutar com todas as forças para criar espaço íntimo, para que Deus flua através dele, e aquela proposta cômoda, em que, filiando-se a uma empresa terceirizada, e nela se batizando-se, ela vai fazer tudo por ele: é lógico que a lei do menor esforço nos leva a aceitar a última falaciosa opção do salvacionismo. Não condenamos quem assim pensa, apenas analisamos o assunto com cuidado. É claro que bastando “crer” e seguir certos rituais em determinados dias da semana, para individuo ser ‘levado’ ao céu é mais fácil. Quem não quer embarcar nessa facilidade?

Isto também ocorre muito em nossas Casas Espíritas, em que, passando por certos problemas de desequilíbrio emocional, a criatura quer que, com ‘alguns passes’, os Espíritos retirem os seus problemas, ‘milagrosamente’. Mas quando você expõe a necessidade de mudanças íntimas para adquirir equilíbrio e paz pessoal, o “consulente” *pula fora*. Acha muito difícil!

---

42 Ver pp. 39 a 41 deste livro.

43 LEDWITH, Miceal. *Quem Somos Nós*, p. 202.

44 POSSATTO, Lourdes. *Equilíbrio Emocional*, pp. 62-63.

45 *O Index Librorum Prohibitorum ou Index Librorvm Prohibithorvm* (“Índice dos Livros

Proibidos” ou “Lista dos Livros Proibidos” em português) foi uma lista de publicações proibidas pela Igreja Católica, de “livros perniciosos” contendo ainda as regras da igreja relativamente a livros.

46 KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. IV, item 10.

47 PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*, p. 135.

48 BOBERG, José Lázaro. *O Código Penal dos Espíritos – A Justiça do Tribunal da Consciência*, p. 181.

49 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Questão 621.

50 Mateus, 6:26.

51 Idem, 6:28.

52 Ver lição 3, de nosso Livro *O Poder da Fé*, p. 27.

53 ROHDEN, Huberto. *Cosmoterapia*, p. 90.

## 6. JESUS NÃO É DEUS

“Quando a criatura removeu de dentro de si todos os obstáculos, então Deus se revela ao homem”. (Rhoden, Huberto).

Em 313, o imperador romano Constantino se aliou à Igreja. Ele precisava usar a força crescente da nova religião para fortalecer o seu império. Para isso, necessitava de uma fé una e sólida. A pressão de Constantino levou os mais influentes bispos cristãos a se reunirem no Concílio de Niceia, em 325, para elaborarem uma fórmula-padrão da fé cristã, colocando ordem na casa de Deus, quando foi promulgado o credo da Divindade de Cristo.

E, com isso, veio a consequente instituição da Santíssima Trindade e a mais discutida ainda, a instituição do Espírito Santo, o que redundou em interpolações e cortes de textos sagrados, para se adaptar a Bíblia às decisões do conturbado Concílio e outros, como o de Constantinopla, em 381, cujo objetivo foi confirmar as decisões daquele. A Trindade, dogma da união de três pessoas distintas - Pai, Filho e Espírito Santo - em um só Deus. O Mistério da Santíssima Trindade tem sua origem em antigas religiões; logo, é anterior ao Cristianismo, bem como outros dogmas que as religiões cristãs acolheram numa espécie de herança daqueles que elas julgam como religiões pagãs. A Santíssima Trindade, um dogma ou “artigo de fé”, decidida pelo Concílio de Niceia, em 325. Notem: evento bem posterior às escrituras do Evangelho de Jesus.<sup>54</sup>

Ali surgiu também o cânone do Cristianismo – a lista oficial de livros que, segundo a Igreja, realmente haviam sido inspirados por Deus. “A escolha também era política. Um grupo afirmou seu poder e autoridade sobre os outros”, diz o Padre Luigi. Esse grupo era o dos cristãos apostólicos, que ganharam o poder de se aliar com o Império Romano. Os apostólicos eram, por assim dizer, o “partido do governo”. E por isso definiram o que iria entrar nas Escrituras, ou ser eliminado. Eles escolheram os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João para representarem a biografia oficial do Cristo, enquanto os outros textos cristãos foram considerados “apócrifos”, e, dentre eles, está o Evangelho gnóstico de Tomé.<sup>55</sup>

A divindade de Jesus foi criada por decisão desse Concílio. Mas o Nazareno jamais se identificou como tal, pelo contrário, os textos que falam sobre o Pai mostram que ele é diferente de Deus. Em vários trechos bíblicos, o Mestre usa a expressão “Meu Pai e vosso Pai”, “Meu Deus e vosso Deus”, fazendo assim uma distinção inequívoca de ser ele (Jesus) e Deus (O Pai Maior) duas individualidades absolutamente distintas. No célebre Sermão do Monte, Jesus recomenda-nos ser perfeitos como Deus o é (Mateus, 5:48), não, porém, como ele mesmo, numa evidente demonstração de que o Pai e ele são distintos. Ainda na Bíblia, um pouco mais à frente, quando esta nos mostra um jovem que quer seguir a Jesus. Ao dizer-lhe que era bom, vemos a sua imediata correção, explicando-lhe que somente o Pai o era (Mateus,19:17). Se Jesus e o Criador fossem um só, esta emenda não teria sido feita.

A submissão do Filho ao Pai é corroborada por Paulo de Tarso, quando este afirma, em uma carta, que Jesus intercedeu por nós junto a seu Pai (Efésios, 5:2). Ora, ninguém intercede a si próprio a favor de si próprio. Em outro momento, diz a seus discípulos que o Criador havia-lhe enviado (João, 20:21), dando uma amostra contundente de que ele e Deus são duas figuras inconfundíveis. É um absurdo crer-se que Deus encarnou-Se em Jesus, morrendo na cruz como vítima a ele mesmo para expiação de nossos

pecados. “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mateus, 11:15). Ou seja: acredite quem quiser e puder.

Deus é inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas, não sendo, portanto, pessoa, é a expressão da Lei Universal, atuando continuamente na vida universal, presente, portanto, em todos os seres. Jesus não poderia jamais ser Deus, mas quem, na condição de superioridade espiritual, expressou com maior fidedignidade a sintonia com esta Lei. Jesus era humano, porém, em razão de suas várias experiências em inúmeras existências, adquiriu elevadíssima posição evolutiva. E nós chegaremos lá, um dia, pois Jesus disse que faríamos o que ele fazia.

Segundo pesquisadores, o Evangelho de João se colocou em conflito com o Evangelho de Tomé, contemporâneo daquele, durante a consolidação do Cristianismo emergente. O objetivo era condenar os cristãos seguidores de Tomé e seus ensinamentos. Brigas políticas de cunho religioso para o domínio do poder! O Jesus descrito por João enaltece aqueles que ‘acreditam sem ver’, sem exigir qualquer comprovação. Tomé é qualificado como homem “sem fé”, porque ele só aceita a verdade a partir de sua própria experiência. E Tomé passou para a história do mundo cristão como sinônimo de alguém que só ‘acreditava vendo’, ou seja, ‘precisava ver para crer’. Que belo imbróglio!

E os escritores do Evangelho de João inseriram, para gravar para sempre, a imagem de Tomé, o “incrédulo” e, ainda, dobrar-lhe a cerviz, a frase que, colocada em sua boca, Jesus era Deus. Narra João que Jesus apareceu aos discípulos e Tomé não estava. “Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei. E oito dias depois,

estavam, outra vez, os seus discípulos um recinto, e com eles, Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-se no meio, e disse: A paz seja convosco... Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente” (Mateus, 28: 25-30).

Perceba que o golpe fatal se dá nesta cena: Jesus apresenta-se materializado aos apóstolos, ‘estando às portas fechadas’. Tomé testou a aparição com o toque, e teria exclamado: **Meu Senhor e meu Deus!**... “A declaração, não meramente duvidosa, é inaceitável e traz a marca inconfundível das ‘piedosas’ interpolações e manipulações posteriores. E o assunto se complica quando pesquisas modernas deixam claro que o Mestre teve os pregos nos punhos; nas mãos, eles as rasgariam com o peso do corpo. Segundo assinala Guignebert, a exclamação atribuída a Tomé “jamais teria saído da boca de um judeu. Ela representa a fase final do desenvolvimento de uma *crístologia*”.<sup>56</sup> Afinal, para os judeus há apenas um Deus, já que a Trindade foi criada e inserida no Evangelho pelos construtores do Cristianismo, por interesse político do grupo dominante.

Os escritores do Evangelho atribuído a João, depois deste alerta de que aquilo ‘não se pode comprovar por si mesmos’, devem apenas ‘crer’, insistem, no mesmo tom que, como consequência, não seguindo essa orientação, irão enfrentar a ira de Deus, pois quem não crê será condenado (João, 3:18). Neste sentido, cabia ao cristão somente crer que Jesus (Deus), era a única “porta” da salvação (*Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém chega ao pai senão através de mim*), passando, necessariamente, pela Igreja. Com essa anotação, João coloca Tomé como alguém que desistiu da verdade experimental e passa a crer, mesmo sem ver. Essa colocação não passou despercebida pelos seguidores de Tomé.

A frase de João, atribuída a Jesus, de que “Eu o Pai somos um” (João,

10:30), não dá qualquer sustentação ao dogma da divindade, no sentido de que ele era Deus. Quando a criatura se coloca em condição adequada de pureza espiritual, latente em todos, vibra em elevadíssimas faixas dos que já conquistaram a Lei Universal; a Energia Cósmica flui, na mesma proporção, no espaço criado pela criatura. Recomendamos ao leitor refletir na lição 17, *De acordo com a capacidade*, constante de nosso livro *A oração pode mudar sua vida*.

Tomé compartilha com outros supostos ensinamentos secretos encontrados na Biblioteca de Nag Hammadi, refutando a crença de que “Jesus era Deus”, ao invés disso, compara-o a um professor que procura ensinar aos alunos a encontrar a luz divina dentro de si mesmos, desenvolvendo a “luz interior”. E mais, ele sugere que cada criatura recebe a capacidade inata de conhecer Deus. No dito 24, o Jesus de Tomé orienta que “Há luz no interior do homem de luz, e ilumina o Universo inteiro. Se não o iluminar, ele é escuridão”. Em outras palavras: cada um é responsável em buscar essa luz interior (Deus) ou então, permanecerá na escuridão.

Enquanto João afirma: “*para que creiais (em Jesus) e para que, crendo, tenhais vida*”, o Evangelho de Tomé ensina que: “a luz divina brilha não só em Jesus, mas, pelo menos potencialmente, em todos nós. Tomé encoraja o ouvinte não tanto a *acreditar* em Jesus, conforme João exige (senão será condenado), mas a buscar Deus por meio da própria capacidade que lhe foi divinamente concedida, visto que somos todos criados à imagem de Deus”. Para os cristãos de gerações posteriores, o Evangelho de João ajudou a criar as bases de uma Igreja unificada, coisa que Tomé, com sua ênfase na busca de Deus pelo indivíduo, não fez.<sup>57</sup>

Semelhante situação ocorre, quando alguém procura a Casa Espírita com o intuito de que haverá uma intervenção dos Espíritos na solução de

seus problemas, milagrosamente, sem qualquer esforço do paciente. Se você mostra que os Espíritos até podem “ajudar”, mas a mudança comportamental, com referências a hábitos e atitudes estereotipadas, muitas vezes, causadoras da situação, depende da própria criatura, arrefece o ânimo do neófito. Sem a vontade no processo de melhoria, nada acontecerá. Os “passes” são importantes no processo de tratamento psíquico, mas retiram apenas os “extras”, pois a transformação real depende da vontade do paciente na necessária mudança de comportamento. A melhoria não ocorre “por acaso”, mas como consequência do esforço do próprio ser.

Tomé expressa que a “imagem de Deus” está oculta em cada um de nós, ainda que muita gente permaneça inconsciente de sua presença. Interpretações da presença de Deus na Terra que poderiam ter sido complementares tornaram-se rivais, pois, ao alegar que somente Jesus encarna a luz divina, João contesta a alegação de Tomé de que a luz pode estar presente em todos.<sup>58</sup>

Assim, Jesus não é Deus – tal como ocorreu com inúmeros avatares que habitaram a Terra –, mas um canal que mais condição apresentou para Seu fluxo. Todavia, segundo ensina o *Evangelho gnóstico de Tomé* (e o Espiritismo também), todos possuem, pelo menos em potência, todas as possibilidades para fazer brilhar esta Luz divina, bastando que sejamos infatigáveis “buscadores”.

---

54 REVISTA *Superinteressante*, edição 259, dezembro/2008, Pagels.

55 *Ibidem*, mesma página.

56 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 66.

57 PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença*, p. 42.

58 *Ibidem*, p. 49.

## 7. CONHECER A SI MESMO

Jesus disse: “Todo aquele que conhece o Universo, mas não conhece a si mesmo, este não possui nada”. (*logion 67*).

Conhecer a si mesmo é a chave de todo mecanismo de crescimento do Espírito, pois, afinal, o desenvolvimento é, na realidade, um processo íntimo que ocorre pela *autorrealização*. Por mais que tenhamos influências externas, cada um dá expansão de seu potencial divino, à medida que ‘compreende’ a situação e se ‘predispõe’, pela vontade, a colocar em ação suas Energias Divinas. Assim, o conhecedor, pelo domínio intelectual do Universo, sem contatar com a Fonte Divina na intimidade, através de experiências próprias, não conhece a si mesmo e, portanto, nada possui. Daí, o Jesus de Tomé dizer que só quem conhece a si mesmo é capaz de conhecer a Deus. Os grandes avatares da Humanidade são unânimes em afirmar que o autoconhecimento é superior a qualquer conhecimento vindo do exterior. Não se nega, obviamente, a importância dos conhecimentos exteriores, mas são eles sempre ‘despertadores’ para o autoconhecimento.

Um dos maiores filósofos da Antiguidade, Sócrates, legou-nos a célebre frase, que ele teria lido em Delfos: “Conhece-te a ti próprio e serás imortal”. Percebe-se aqui o conceito gnóstico da morte constante no Jesus de Tomé, como já expusemos anteriormente. Será imortal aquele que conhecer a si mesmo. A morte é entendida no seu sentido metafísico; dito de outra forma: aquele que conhece a si mesmo, desperta para a imortalidade da alma. Em *O Livro dos Espíritos*, na questão 919, Allan

Kardec pergunta ao Espírito Santo Agostinho: – Qual o meio mais eficaz para nos melhorarmos nesta vida e resistirmos às solicitações do mal? Ao que ele responde: – Um sábio da Antiguidade – referindo-se a Sócrates – vos disse: Conhece-te a ti mesmo.

Podemos do ponto de vista filosófico conhecer, intelectualmente, toda a sabedoria desse ensinamento – *conhece-te a ti mesmo* –, mas se a criatura não tem domínio sobre si mesmo, na realidade, nada possui. Qual, então, o meio prático para se exercitar esse processo de autoanálise? O Espírito Santo Agostinho ensina que a melhor maneira de se autoconhecer é buscar, diariamente, consultar a consciência, onde, segundo os Espíritos, está gravada a Lei de Deus. Diz ele que se deve passar em revista diariamente, antes de dormir, o filme das ações praticadas; sopesando-as e verificando se tudo foi feito que estivesse ao seu alcance e se cumpriu o dever com o próximo.

Acredito que, numa fase inicial do exercício, o ser fica adstrito à consulta uma vez por dia ou, talvez, nem isso ainda o faça, se não adquiriu hábito de autoanálise. Mas, com a prática, o conhecimento de si mesmo leva a criatura a encontrar respostas imediatas à medida que a consciência acusa, na mesma proporção, alertando-nos quanto ao ato cometido em dissonância com a Lei Divina. Pode ser a qualquer hora, em qualquer lugar, seja no corpo ou fora dele. Esse o objetivo que todos devemos alcançar para o julgamento de nós mesmos. A ideia do deus-pessoal, julgando-nos nos nossos mínimos atos, embora seja a ideia da grande maioria, deve ser transferida para o julgamento da consciência, onde, vale repetir, as Leis de Deus atuam.

As Igrejas, de um modo geral, e especialmente as da linha judaico-cristãs, continuam prendendo os seguidores aos seus cânones com a ideia de ‘salvação’. Não temos dúvidas de que, como força sugestiva, funciona

de forma positiva, pois a criatura entrega-se à sua ‘salvação’ como algo que ocorre externamente patrocinada por uma instituição que promete conduzi-la para uma vida futura de paz e felicidade eterna no futuro, ou seja, após a morte física. O Jesus de Tomé direciona para outro rumo, incentivando a pessoa à “autorrealização”, podendo ser aqui e agora, no presente ou no futuro, em dependência do seu ritmo de aprendizagem.

É por isso que comentamos em nosso livro, *O Segredo das Bem-aventuranças*, pela Editora EME,<sup>59</sup> que essas promessas não precisam ocorrer só após a desencarnação. A construção do Reino de Deus, ou seja, a verdadeira realização do Espírito independe de local, da hora, se no corpo físico, ou fora dele. A harmonização da consciência com a Sabedoria da Lei pode ser aqui, agora, ou no futuro, pois ocorre sempre em decorrência da maturidade do Espírito.

Dentro dessa ótica, Rohden ensina que: “Quem conhece o Universo, mas ignora a si mesmo, conhece muitas coisas; mas quem conhece a si mesmo, conhece a sua alma, que é também a alma do Universo. Realizar-se é conscientizar-se de Deus em si mesmo e conscientizar-se de Deus no Universo. Realizar-se é Universalizar-se”.<sup>60</sup> Jung, na sua Psicologia Analítica, criou a figura do *self*, que traduziremos por *si mesmo*, que é um centro virtual entre o consciente e inconsciente, assegurando para a personalidade o alicerce novo e mais sólido. Encontrar a si mesmo representa o ponto de apoio de qualquer projeto de vida. Ao despertarmos para existência desta força interior, descobrimos que nós somos os responsáveis para o desenvolvimento das potencialidades essenciais do Espírito.

Entendamos, todavia, que é presunção supor que iremos dar plenitude do desenvolvimento da construção do *si mesmo*, apenas numa etapa existencial. Tudo é relativo e nada é definitivo. Desenvolvemos o equilíbrio

possível dentro da faixa de entendimento, num processo contínuo. Jamais criatura alguma atingiu a condição plena de perfeição; todo equilíbrio é sempre possível, naquele ponto de maturação.

Dizemos, então, que a perfeição é infinita e só Deus possui, pois que só Ele possui a perfeição infinita em todas as coisas. Kardec,<sup>61</sup> ao analisar a proposição de Jesus “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, diz que se tomada ‘ao pé da letra’, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a Este, o que é inadmissível. Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da ‘perfeição relativa’, a de que a Humanidade é suscetível e a que mais a aproxima da Divindade. Concluamos, assim, que o desenvolvimento do ‘si mesmo’ – que é a individualização do princípio inteligente – é algo finito.

As ideias gnósticas estão presentes, salvo alguns excessos, quanto ao que eles denominam prisão do corpo (denominam de cadáver), como algo que se deve evitar, na filosofia espírita. A visão da lei da reencarnação é comum tanto no Gnosticismo como no Espiritismo. Essa visão plurivivencial do Espírito ajuda-nos a entender o desenvolvimento do ‘si mesmo’. A cada experiência, de acordo com a maturidade possível, aprende, revisa e seleciona os valores. Em cada fase, em função da maturidade possível, ao adquirir novos conhecimentos, o ‘si mesmo’ amplia o seu raio de perfeição; é um nível relativo, embora se entenda como perfeição máxima, mas que, na realidade, é sempre provisória.

Na interpretação de Hermínio Corrêa de Miranda, “ainda que o objetivo dos gnósticos tenha sido o retorno a Deus através do conhecimento, há uma clara advertência neste dito, segundo a qual, mesmo aquele que tenha alcançado estágio de elevado conhecimento do Todo, estará fadado ao fracasso, se não tiver conhecimento de si mesmo, ou não souber usá-lo

devidamente. É tão grave essa falha, que a pessoa se verá impedida de participar da divindade”.<sup>62</sup> Conhecer ‘intelectualmente’ é diferente de conhecer ‘experencialmente’, reestruturando ‘o si mesmo’ num *continuum* infinito.

As palavras do Jesus de Tomé são dirigidas ao leitor: “Como foi dito que você é meu irmão gêmeo e verdadeiro companheiro, examine a si mesmo para que possa entender quem você é (...) Eu sou o conhecimento da verdade. Então, enquanto me acompanha, embora não possa compreender (a isso), você já tomou conhecimento e será chamado ‘aquele que conhece a si mesmo’. Porque quem não conhece a si mesmo, não conhece nada, mas aquele que conhece a si mesmo, atingiu, ao mesmo tempo, o conhecimento sobre a profundidade de tudo”.<sup>63</sup> O irmão gêmeo de Jesus pode ser entendido como aquele que alcançou igual grau de evolução. Entendamos o verdadeiro conhecimento *gnóstico*: é o que se apropria por si mesmo. Não se trata de o aluno (de um pintor, escritor, ou outro mestre em qualquer área do saber) repetir o que o professor ensinou, mas de exprimir-se por invenção original e criativa. Deve-se revisar e transformar o que foi ensinado. Essa é a marca de alguém que se torna vivo espiritualmente. Nesta linha de raciocínio, Rohden expressa: “É a criatura criativa, ou seja, aquela que multiplica os talentos”.

---

<sup>59</sup> p. 32.

<sup>60</sup> ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho*, Apóstolo Tomé, p. 96.

<sup>61</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 2.

<sup>62</sup> MIRANDA, Hermínio Corrêa de, *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 215

<sup>63</sup> PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*, p. 20.

## 8. NÃO PROVAR A MORTE

“Quem descobrir o sentido dessas palavras não provará a morte”. (*logion* 1).

Logo de início, Tomé abre o seu Evangelho, composto de 114 ‘ditos’ ou ‘sentenças’, esclarecendo aos leitores que os escritos nele constantes são palavras secretas de Jesus, o vivo, e que: “Quem descobrir o sentido dessas palavras não provará a morte”. Os ensinamentos gnósticos, documentados no Evangelho de Tome, seriam de ordem mediúnica, com comunicações de Jesus em Espírito, ou seja, Jesus póstumo, e não aquele ressuscitado em seu cadáver, por milagre de Deus, como ocorrem nos textos canônicos, contrariando a Ciência. Daí o *logion* falar em palavras secretas de Jesus, ‘o vivo’, quer dizer em Espírito.

Os estudiosos dos Evangelhos, em seu contexto inicial, citam que a comunicação dos Espíritos era prática comum entre os cristãos, mas que a Igreja desprezou, proibiu, porque as entidades, falando através dos médiuns, desmascaravam os hipócritas. Aliás, a História registra perseguições aos que se dedicassem a essas práticas. Para a Igreja, as orientações não poderiam vir de ‘comunicações’, mas através dela, que procurava se consolidar na hegemonia do domínio político.

Há de se destacar neste *logion* que a palavra ‘morte’ não é usada no sentido comum, como convencionalmente se entende pela cessação da atividade orgânica – desestruturação do corpo atômico –, mas, sim, no sentido místico, metafísico, em que a criatura se mantém alheia aos objetivos da Vida, numa completa ignorância do Todo. Esta situação está vinculada à maturidade do Espírito em seu estágio evolutivo, fase em que

todos nós estamos ou por que já transitamos. O objetivo de toda criatura é alcançar, gradativamente, patamares mais elevados, ampliando, assim, o raio de felicidade, pela eliminação da imperfeição.

Estar 'morto' é estar afastado, por sintonia, das Leis do Universo, que chamamos de Deus. Assim, em razão de maturidade, quem está ausente da sintonia com seu Eu maior, e sem consciência desta condição, encontra-se 'morto'. Neste sentido, o Jesus de Tomé alerta que aqueles que se conscientizarem dos ensinamentos expostos no corpo de seu Evangelho não provarão a 'morte', isto é, não estarão afastados da Lei Divina, presente na consciência.

O Evangelho de Mateus, um dos canônicos, também usa este sentido gnóstico, quando fala de 'morte', muito embora não seja entendido assim, pela grande maioria. Veja quando o Jesus de Mateus, ao enviar os discípulos à evangelização, recomenda: "**Curai os doentes... ressuscitai os mortos**". (Mt, 10: 8). Muita gente interpreta este "ressuscitar" como voltar ao mesmo corpo já morto, semelhante ao dogma criado pela Igreja da ressuscitação de Jesus. Os cristãos *gnósticos* rejeitaram a teoria de Lucas. Alguns gnósticos chamaram a concepção literal da ressurreição de "fé dos tolos", segundo a Dra.Pagels. Ninguém, mas ninguém mesmo, depois da morte física pode ressuscitar. Isto é contrário à ciência. Esse fato se constitui um dogma da fé, criado pela Igreja. Se você quer aceitar pela fé, tudo bem...

Na própria História do Brasil Colônia de Portugal (1500 a 1822) havia a crença generalizada de que, por milagre, ressuscitaria o célebre Rei Sebastião, morto nas areias da África, quando tentava cristianizar os islâmicos. Foi o que se chamou Sebastianismo. Tal qual ocorrera com Jesus, o monarca ressurgiria das trevas da morte. O Espiritismo nos explica que o Mestre apareceu materializado, como se deu, entre outros, com o Espírito

Katie King, graças à jovem médium Florence Crook nos experimentos do sábio inglês Crookes.

Contra a crendice do Sebastianismo, se insurgiu o célebre orador Pe. Antonio Vieira e só não foi queimado pela Igreja porque, maquiavelicamente, o autor dos eruditos Sermões, para salvar a pele das chamas do Santo Ofício, afirmou que, se Jesus ressuscitou dentre os mortos, o rei Sebastião também poderia fazê-lo.

Os outros canônicos também incorporam este conceito gnóstico de ‘morte’, já que a corrente do gnosticismo era contemporânea nos séculos iniciais do Cristianismo, comandado pela Igreja. Eis algumas passagens em que os canônicos adotaram o pensamento gnóstico: Em Lucas, 10:28 – “Faze isso e *viverás*”; Em João, 5:25, diz que “chegaria a hora – e acrescenta que já estamos nela – “em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que a ouvirem, *viverão*”. A Bíblia de Jerusalém, interpretando estes textos, informa que eles são “os mortos espirituais”. Quando em vida física, Jerônimo Mendonça – o gigante deitado – em diálogo conosco, usou a expressão ‘crianças espirituais’, para aqueles que interpretam na literalidade os textos, sem compreensão mais profunda; em João, 6:51, em *logion* atribuído a Jesus, ele se declara “o pão vivo baixado do céu” e “quem comer deste pão viverá para sempre”. (O sentido aqui é o de se alimentar das energias divinas ao sintonizar-se com Eu interior); Em João, 11:25, “Eu sou a ressurreição e a vida. “O que crê em mim, ainda que morto, viverá”. (Concordo com Hermínio Miranda, quando afirma que o Cristo parece falar nele de uma posição póstuma, por via mediúnica).

Nesta linha de entendimento, no Evangelho de João, 14:19, considerado o mais gnóstico dos Evangelhos canônicos, Jesus diz: “Não os deixarei órfãos, voltarei a vocês. Dentro em pouco o mundo já não me verá, mas vocês sim me verão, porque eu vivo e vocês viverão. Nesse dia,

vocês compreenderão que eu estou em meu Pai e vocês em mim”. Veja que Jesus, ao se despedir, avisa os discípulos que ele não terá morte espiritual e continuará vivo, quer dizer, em Espírito, como é agora. Está provisoriamente num corpo físico, pois ele é um Espírito, e que estará com os discípulos sempre. Não restringiu esta condição somente a ele, deixando patente que todos possuem as mesmas condições dele, dizendo: “tudo que eu faço vós também podeis fazer”. Tudo vai depender do esforço de cada um para atingir a condição evolutiva semelhante à dele. Daí afirmar: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim e vós e em mim”. Este é o ensinamento que defendem os gnósticos de que todos retornarão, um dia, a Deus. Vale frisar que retornar a Deus não tem sentido de passar a conviver com um ‘deus pessoal’, lá num céu, mas sim, de sintonizar numa frequência vibratória, o que todos nós faremos, a cada fragmento vencido, num processo contínuo e eterno, já que a perfeição é infinita.

Na história do *Filho Pródigo*, Lucas traz no enredo um roteiro de “afastamento” da Casa do Pai pelo filho mais jovem, e que, após escolhas por conta de seu livre-arbítrio, erra muito; um dia, porém, quando cai em si, após a aprendizagem, naquele espaço de experiência, volta ao Pai. Aqui, ressalta-se o sentido da ‘morte’ metafísica, quando o Pai vai ao encontro do filho que retorna e diz: “Meu filho estava morto e *reviveu*”. É óbvio que o sentido da parábola é figurativo. O filho caíra ao afastar-se, vibracionalmente, da sintonia da Lei. Saiu da frequência divina e, depois, afiniza-se, novamente. Reviveu, quando o ego voltou a sintonizar com o Eu, que é o espírito de Deus em forma individual.

A autorrealização do ser naquele fragmento existencial é a apoteose do seu crescimento. O Espírito – lembremo-nos – “é a individualização do princípio inteligente, como o corpo é a individualização do princípio material”.<sup>64</sup> Para entender bem o sentido gnóstico desta parábola, recomendamos a leitura de nosso livro *Filhos de Deus*, em especial a lição 14, *Estava morto e reviveu*.

Este *logion* comentado reflete no 108, quando o Jesus de Tomé ensina: “Quem beber de minha boca se tornará como eu e eu próprio me tornarei ele e as coisas ocultas lhe serão reveladas”. O que quer dizer “beber de minha boca?”. Esquisito, se nos prendermos à expressão na literalidade do texto. No entanto, trata-se de uma alegoria. Não dizemos, às vezes, quando estamos de tal modo magnetizados pela exposição de um orador exímio, ou de um professor brilhante: “Não vi o tempo passar, bebi os seus ensinamentos”. Claro que isto é força de expressão. Da mesma forma, “beber da boca de Jesus” é sorver suas palavras, assimilar a energia do Cristo interno, ou seja, estar em plena sintonia com as Leis divinas, num fluxo de felicidade plena, naquele estágio de entendimento. Quando estamos em condição sintônica com Deus, as Verdades fluem pelos nossos canais espirituais, jorradadas da Fonte Infinita. É a ação pela qual o Espírito se desperta para a educação íntima, num trabalho eminentemente pessoal, sem a conquista da salvação gratuita, com um Messias carregando nas costas nossas mazelas e imperfeições. Na lição 16 deste livro, o assunto será desenvolvido com mais detalhes.

Concluimos, então, que o Eu crístico falando através de Jesus, alertou os discípulos “Quem descobrir o sentido destas palavras não provará morte”. Dito de outra forma, quando a criatura conseguir compreender, pela intuição o sentido profundo das palavras deste Evangelho, não terá alheamento de Deus. Terá vida, mas vida em abundância, na proporção das condições espirituais conquistadas. A alma liga-se ao Todo, num processo de crescimento contínuo, tendo, assim, mais vida e cada vez mais feliz, porque respira o hálito divino. Entendamos, todavia, que ninguém será alijado deste processo. Todos, um dia, através de experiências milenares se aproximarão, cada vez mais, das Leis Maiores do Universo, pois, conforme Paulo, apóstolo, “gravitar para a unidade divina é o objetivo da Humanidade”; para esse objetivo, de acordo com a conquista pessoal, cada um tem o seu tempo.

---

64 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Questão 79.

# 9. A QUESTÃO DA RESSURREIÇÃO

“Semeia-se corpo animal, ressuscita-se corpo espiritual” – *Paulo I Coríntios*, 15:42.

A palavra “ressuscitar”, etimologicamente, vem do latim *resuscitare*, que quer dizer: Fazer voltar à vida, reviver, ressurgir (Dicionário Aurélio). A ciência demonstra que é impossível alguém voltar a viver, se efetivamente morreu. Podemos, não obstante, usar este termo no sentido metafísico, como já expusemos, em lições anteriores deste livro, tal como foi empregada em várias passagens do Evangelho.

Apenas, a título de exemplo, citamos a história do Filho Pródigo, encontrada somente no Evangelho atribuído a Lucas. O Pai, expressando toda alegria pelo retorno do filho, manifesta: “Meu filho estava *morto e reviveu*”. Estava ‘morto’, no sentido de alheamento aos bens da Vida, mas, ao cair em si (despertamento), volta à casa paterna, harmonizando-se com as Leis Universais. Neste caso, tem-se a ideia de ressurreição do Espírito. Isto ocorre conosco constantemente quando, pela maturidade, acordamos para fatos que até então não tínhamos descoberto. Às vezes dizemos: “Puxa, como fui perceber isto só agora!” Esta ressurreição, a que psicologia chama de *insight* – dínamo para a evolução espiritual – é a mais importante, pois, para evoluirmos incessantemente, temos que nascer de novo todos os dias. A recomendação do Jesus de Mateus “Ide, pregai o Evangelho, ressuscitai os mortos”, é uma ressurreição da alma, bem a gosto dos *gnósticos*.<sup>65</sup>

A segunda ressurreição é a do corpo. Esta é recebida como algo milagroso e assume maiores proporções. Imagine o Espírito já desligado do corpo, voltar a ele! Um caso célebre na montagem do Evangelho de João é o caso da ressurreição de Lázaro. Jesus ressuscitou mesmo Lázaro de entre os mortos? Muitos pesquisadores acreditam que esta ‘história’ da ‘ressurreição da carne’ seja uma criação dos escritores dos Evangelhos sinóticos. Uma descoberta impressionante do professor Bart D. Ehrman é a de que o relato da ressurreição de Jesus no Evangelho de Marcos só foi acrescentado muitos anos depois.<sup>66</sup> Há diversas ‘inserções’, ‘supressões’, levando-nos a concluir que, assim como no Velho Testamento, o “Novo” é uma verdadeira obra de carpintaria e, o pior, de profissional bastante ruim, ocorrendo muitos ‘encaixes’ posteriores ao suposto acontecimento, introduzidos bem depois dos supostos acontecimentos, e com tentativas improvisadas de apresentar como se os fatos realmente tivessem ocorridos.

Há outros ‘casos’ de ressurreição contados nos Evangelhos, como o da filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. Os crentes se maravilham com essas ressurreições, como se na realidade, isto pudesse ocorrer. Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, ‘milagroso’, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Jesus não fez milagre algum. Kardec explica essas ressurreições do corpo, dizendo: “Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo provável que, os casos acima, fossem síncope ou letargia. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: Esta menina, disse ele, não está morta, está apenas *adormecida*”.<sup>67</sup>

Bem, após essas explicações iniciais, podemos adentrar no ponto mais polêmico da história do Cristianismo que é a grande controvérsia sobre a ressurreição do Cristo. O que você acha? Trata-se de um acontecimento

histórico ou devemos entender apenas como alegoria? Como os milagres violam os princípios das ciências, será que ele voltou mesmo à vida, três dias depois de ser crucificado? Se ele morreu para nos ‘salvar’, porque voltou três dias depois? E aqui, adentramos no terreno da fé, como o ponto mais radical. Os escritores do Evangelho de João são ‘fundamentalistas’, colocando a fé como algo necessário para a chamada ‘salvação’. Ou crê ou será condenado! É condição *sine qua non*. Só que essa legislação é humana, valendo tão-somente para o âmbito dos cânones teológicos. Não se trata de Lei Divina. Conscientizemo-nos de que Deus não é pessoa, manifestando por Lei Universal – e não está preocupado se você crê ou não nesta legislação. Esquecem os cristãos salvacionistas Tiago, 2:17, disse “que a fé sem obras é morta”.

Desde os tempos mais remotos os povos sempre aceitaram como algo irreversível os ciclos de nascimento e morte. O Cristianismo elaborado pela Igreja reverteu essa situação e fincou uma estaca de que num determinado momento aconteceu o milagre: um homem, chamado de Jesus muda a história, voltando depois de morto fisicamente, a ter vida. Desde então, os cristãos ortodoxos, representados pelo grupo dominante, têm como verdade o credo de que Jesus foi “crucificado, morto e sepultado”, ressuscitou no terceiro dia”. Há, mesmo entre aqueles que recitam esse credo, certa desconfiança se isto é verdade mesmo, ou não. À medida que o Espírito amadurece, recusa aceitar esse ensinamento que não tem qualquer fundamentação científica. Tem-se, como ato universalmente nobre, alguém que morre para salvar o próximo em situação de perigo (um afogamento, a doação de um órgão, etc.).

Os *gnósticos* não aceitam este tipo de ‘salvação’ milagrosa. Quando se diz que Jesus morreu, mas três dias depois ressuscitou no corpo, então, na verdade, ele não morreu! Nesta linha de raciocínio, quando se diz que Jesus morreu para ‘salvar os pecados da Humanidade’ estão fazendo uma afirmação falsa. Agora, se afirmarmos, como os *gnósticos*, que Jesus ressuscitou “em Espírito” e não no ‘cadáver’, a história muda de figura.

Comunicar em Espírito via mediúnica é algo que nos é familiar, como acontece nos meios espíritas. É por isso que o texto de João para ‘amarrar’ o crente nas suas leis canônicas insiste “que quem crê será salvo e quem não crê será condenado”. É bravo isso! Kardec, o bom-senso encarnado – no dizer de Camille Flammarion, no entanto, insiste que “não se deve aceitar nada que não passe pelo crivo da razão”, venha de quem vier.

É uma questão que realmente cria constrangimento para todos que questionam esta *ressurreição da carne*. Se não aceita, é tachado de herege, de ateu, ou outros qualificativos para inferiorizar o descrente. Os que apenas creem, sem qualquer fundamentação científica, continuam divulgando a ressurreição como um fato real acontecido com Jesus. Para reforçar, vem a força da expressão do Jesus de João, “os que creem serão salvos, os que não creem já estão condenados”. O temor da morte faz com que muitos continuem aceitando esta afirmação religiosa como inquestionável, pois assim garantem também o espaço à sua “ressurreição do corpo”.

Lemos num trecho de artigo publicado em um editorial espírita, por ocasião dos finados: “Se Deus aprovar ao Senhor enviar-nos a irreduzível mensageira, impondo-nos o retorno...”, querendo dizer com isso, que a morte é sempre uma decisão divina. Esta é uma linguagem estereotipada do seguidor da linha judaico-cristã e que muitos aceitam sem mesmo entender que essa orientação é contrária à Doutrina Espírita, em especial à questão n.º 1 de *O Livro dos Espíritos*, que ensina: “Deus é inteligência suprema e causa primária de todas as coisas”. Por ela entendemos a inexistência de um “Deus pessoal”, que está atento a cada ato do ser humano, cuidando de cada um dos bilhões de pessoas, do nascimento à morte, isto só na Terra.

Ao Espiritismo cabe orientar a ressurreição do Espírito e que a morte física é algo natural e infalível. Nós, com a morte física, continuamos a viver, pois somos vida imortal. Daí perguntar Paulo: “Morte, onde está a sua vitória?” Estava se referindo à ressurreição espiritual de Jesus, após sua

morte física.

Os cristãos da linha *gnóstica* não aceitam essa ressurreição e criticam a posição dos cristãos ortodoxos. Para eles – na mesma linha defendida por Kardec –, a ressurreição não se dá no corpo físico. Não aceitam a volta de Jesus num corpo de carne e osso, mas sim, em nível espiritual. Isto quer dizer que o Espírito, uma vez liberto da matéria, pode, em condições diversas, comunicar-se com o Espírito revestido de corpo físico, através do canal mediúnico, em sonhos, em visões, em momentos de êxtase, etc. E é óbvio que os ‘ortodoxos’ não aceitam essas interpretações e condenam os que raciocinam de forma lógica. Os que não aceitam a ‘ressurreição da carne’ não são cristãos, e, sim, ‘hereges’. Agora, pergunto: quem, na realidade, é herege e quem é ortodoxo? Quem se tornou *herege* foi o grupo ortodoxo, já que ele insiste que o crente aceite pela fé, sem qualquer comprovação.

O grande obstáculo é querer aceitar no sentido literal, a ideia da ressurreição como querem os ortodoxos. É preciso buscar-se a essência do texto para que não se fique preso à literalidade. Segundo a Dra. Pagels: “Alguns gnósticos chamaram a concepção literal da ressurreição de “fé dos tolos”. A ressurreição não era um evento único do passado: ao contrário, simbolizava como a presença do Cristo poderia ser vivenciada no presente. O que importava não era a visão literal, e sim a espiritual”.<sup>68</sup> É impossível o Espírito retornar ao corpo físico depois de morto, pois isto contraria a ciência. Você já viu alguém que estava ‘efetivamente morto’ voltar ao corpo? É óbvio que não! Isto é impossível! No entanto, passaram para nós, através de ensinamentos religiosos, formatando a nossa memória de forma equivocada, uma verdade espiritual, mas que foi tomada como um acontecimento real. E aí a ideia da ‘ressurreição da carne’ que está tão cristalizada, que, quando você contraria, você é chamado de herege. Não obstante, só conhecemos essas histórias pela Bíblia, que é um repositório de lendas e contradições. O tempo incumbe, com a maturidade do crente, de fazê-lo questionar essas ‘verdades’.

O corpo é um conglomerado atômico, que foi formado com diversos elementos, tais como oxigênio (65%), hidrogênio (10%), carbono (18%), nitrogênio (3%), cálcio (2%), fósforo (1%), potássio (0,35%), enxofre (0,25%), sódio (0,15%), magnésio (0,05%) e ferro (0,004%). Há ainda outros elementos, que, apesar de importantes, aparecem em quantidades bastante reduzidas. É o caso do manganês, cobalto, iodo, flúor, cobre, alumínio, níquel, bromo, zinco, silício, etc.

Assim entende Rohden ao ensinar: “Nada existe no corpo que não exista na terra, nas águas e no ar. Quando o corpo se decompõe, volta à terra, de onde veio, e seus componentes vão servir na formação de outros corpos, vegetais, animais e humanos. No mundo atual tem-se optado pela cremação, porém, nesta técnica, o corpo cremado volta ao ar rapidamente, sobrando apenas um punhado de cálcio”. Acrescentamos nós, e também de ferro, de potássio, de zinco, de todos os minerais.

Nesta mesma linha de raciocínio Kardec elucida: é possível que determinado indivíduo tenha, talvez, em seu corpo moléculas que pertenceram aos homens das idades primitivas; que essas mesmas substâncias orgânicas que absorveis em vosso alimento provenham talvez do corpo de um indivíduo que conhecestes, e assim por diante. “Não se pode, portanto, admitir racionalmente a ressurreição da carne, a não ser como uma figura que simboliza o fenômeno da reencarnação, e então não há nada mais em choque com a razão, nada que esteja em contradição com os dados da ciência”.<sup>69</sup>

Para testar que Jesus, que ali estava, não era um fantasma, Tomé, depois de ter sido chamado para dizer que Jesus era Deus – Meu Senhor, meu Deus! –, novamente volta à cena, agora para provar que o Jesus que ali estava era um ser que ressuscitara no mesmo corpo que morrera na cruz; era a volta do Espírito a um cadáver. O incrédulo Tomé teria que

passar pelo vexame de ter que colocar os dedos nas chagas do ressuscitado, já que duvidou que ele aparecera antes aos apóstolos.

A primeira experiência dos Apóstolos com Jesus ressuscitado foi marcante e inesquecível: “Jesus se apresentou no meio dos Apóstolos e disse: “A paz esteja convosco!” Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! “Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne nem ossos, como estais vendo que eu tenho”. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, como, por causa da alegria, não podiam acreditar e ainda permaneciam surpresos, disse-lhes: “Tendes o que comer?” Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o, então, e comeu-o diante deles” (Lucas, 24:34 e seguintes). Veja que Jesus no texto chega a ser obrigado a tomar refeição sólida para patentear aos discípulos e passar para a História que voltara no mesmo corpo que morrera na cruz. Ninguém, além dos discípulos, presenciou esta passagem. Entendemos este fato inserido no texto, como uma acomodação para dar sustentação à tese da ressurreição na carne.

Segundo comentário do escritor Chaves, referindo-se ao ensino de certa linha cristã, “o espírito ficaria como que morto, dormindo, e só ressuscitaria no fim do mundo junto com o corpo. Mas não haverá o fim do mundo, e sim de um ciclo. Essa doutrina subordina o espírito à carne, quando Jesus disse que a carne para nada aproveita. (João, 6:63). E Jesus e Moisés ensinam que “Deus não é Deus de mortos, mas de vivos”. No fundo, eles fracassam em mais uma tentativa de querer ocultar que há comunicação entre os vivos e os espíritos dos mortos. Porventura, comunicar-se-iam os católicos com os espíritos dos santos ou com os cadáveres dos santos?”<sup>70</sup>

Ao invés de optar por uma aparição em Espírito, a Igreja preferiu pôr uma ressurreição no corpo material, ou seja, a volta da vida ao cadáver. O difícil é manter um imbróglio deste como verdade! À medida que o Espírito

amadurece no entendimento e a ciência prova que isto é impossível, fica um vácuo que cria incredulidade. Segundo pesquisas recentes, pelo IBGE, aumenta o número daqueles que se dizem “sem religião”. E agora, como corrigir isso? Como a Igreja pode sair dessa? O negócio é continuar afirmando que isto faz parte do dogma, e como tal, não se discute. É o *magister dixit* (o mestre disse, está dito). O único caminho é a aceitação pela fé. Esta fé é sustentada até certo período, mas depois se desvanece.

Temos também a manifestação de Paulo sobre a ressurreição que julgamos de importância fundamental, dada a sua influência na formatação do Cristianismo. Assim, à primeira vista, numa análise rápida do capítulo 15, I Coríntios, o leitor fica confuso com a afirmação de Paulo, pois, logo de início, ele é apologista da ressurreição ao afirmar que, “se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”, para logo depois, neste mesmo capítulo, dar uma explicação didática sobre como ocorre esse fenômeno, dizendo que “o corpo que ressuscita não é o material”, e pergunta: “Com que corpo ressuscitarão os mortos?”. Logo em seguida, responde ele, em tom severo e contundente: “Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer”. Diz ele há corpos celestes e corpos terrestres, sendo que, um é a glória dos celestes, e outro a dos terrestres. São, portanto, dois corpos: um *animal* e um *espiritual*. Com a decomposição do corpo corruptível pela morte, continua existir o corpo espiritual. É este que ressuscita, pois o outro volta à terra e participará da composição atômica de outros corpos.

Então, a ressurreição de Jesus não foi a do próprio cadáver, que, por milagre, voltou a ter vida, mas, sim, do Espírito. Daí a afirmação de Paulo: Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. (I Coríntios, 15:35-44). Paulo afirma que ressuscita o corpo espiritual (I Coríntios, 15:44). E mais, “Carne e sangue não podem herdar o Reino dos Céus” (I Coríntios, 15:50). E Jesus, em Mateus (22:30), ensina que os ressuscitados são iguais aos anjos (espíritos).

À luz do Espiritismo, este corpo espiritual nada mais é do que o perispírito, que acompanha o Espírito sempre, ainda que, ao cabo de multifárias reencarnações, se torna um Espírito puro, como é o caso do Mestre Jesus.

---

65 Recomendamos a leitura dos livros: *Nascer de Novo Para Ser Feliz e Filhos de Deus*.

66 HITCHENS, Christopher. *deus não é Grande*, p. 133.

67 KARDEC, Allan. *A Gênese*, cap. 15, item 39.

68 PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*, p. 10.

69 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Questão 1011.

70 CHAVES, José Reis. *Jornal O Tempo*, 9/02/09, Belo Horizonte. (Mais detalhes em *A Reencarnação na Bíblia e na Ciência*, Ed. EBM, SP).

# 10. TRANSITORIEDADE DA VIDA

Disse Jesus aos seus discípulos: “sejam transeuntes”. (*logion* 42).

Este *logion* do Evangelho de Tomé não se encontra em nenhum dos textos dos canônicos, razão pela qual merece, de nossa parte, algumas reflexões. Curiosamente, é o mais sucinto dos ditos do Evangelho, “sejam transeuntes”. Afinal, o que, na realidade, o Jesus de Tomé quer recomendar aos seus discípulos com a orientação: ‘sejam transeuntes?’ Para nós que perfilhamos na filosofia espírita que apresenta na essência, muita similaridade com os ensinamentos *gnósticos*, a linguagem é-nos familiar. Os Espíritos nas comunicações mediúnicas a Kardec, na formação de *O Livro dos Espíritos* e demais obras subsidiárias da Doutrina, constantemente, alertam-nos, como seres imortais, que o apego excessivo às coisas materiais afasta-nos da paz verdadeira.

Nada contra lutar para as conquistas materiais, desde que não sejamos escravos delas. Devemos possuir sem ser possuídos. Quem é possuído, perde o prazer de viver. Não estamos, assim, advogando o desprezo ao mundo objetivo, pois, se aqui estamos estagiando, é justo que conquistemos bens, desde que o façamos honestamente. Basta lermos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o ensino sobre o Cuidar do corpo e do Espírito, cap. XVII, item 11.

Assim, a recomendação procede: Saibamos que, por mais que sejamos detentores de bens materiais, somos meros ‘mordomos’ de nossa

administração, pois, afinal, todo ser é *transeunte* em relação à estada terrena; aqui todos estamos de passagem. Paulo de Tarso, nos primeiros tempos do Cristianismo, divulgando a Boa Nova, escreve que “aqui não temos morada permanente; somos peregrinos na Terra, e que a nossa pátria é o céu (Filipenses, 3:20). Entendamos, todavia, que céu não é lugar para onde se “vai”, mas uma conquista da alma. Pode-se estar na Terra e desenvolver os valores celestes como estado d’alma. Isto quer dizer que estamos peregrinando pela Terra em estágios de aprendizagem, para desenvolver os nossos potenciais espirituais, o Reino de Deus em nós. Pedro também chama os cristãos de peregrinos e “forasteiros. Os termos “peregrino” e “forasteiro”<sup>21</sup> têm um significado combinado de alguém que está “permanecendo por algum tempo num lugar estranho”. A Terra é nosso domicílio, mas não morada permanente.

Quando adquirimos consciência de nossa *transitoriedade*, amainam-se os desejos de querer sempre mais. Colocamos limites neles. Não extrapolamos a fronteira do necessário, para entesourar o supérfluo. Aprendemos que bens materiais são valores impermanentes e que, naturalmente, se desgastam com o tempo, e podemos, assim, a qualquer momento, deixar tudo. “O que se leva da vida é a vida que se leva”, diz o ditado popular. Só podemos levar, na nossa bagagem, o que adquirimos em experiências do Espírito, sejam elas boas ou más. As conquistas materiais são recursos ou meios que facilitam o ato do aprender, mas nunca valores definitivos, pois aqui ficam. Estes não se podem levar. Ciente ou não dessa *transitoriedade*, a alma carrega para o mundo espiritual a bagagem pesada de muitas fixações mentais. Só as experiências físicas nos reconduzirão ao equilíbrio. Tenhamos sempre em mente que, por mais difíceis que sejam as dificuldades da viagem, elas serão suplantadas, no devido tempo, com a aquisição da maturidade.

Lemos, outro dia, uma reflexão do conhecido escritor Frei Beto, comparando a conduta do homem material à daqueles que entenderam o sentido da transitoriedade da vida. Diz ele: “Ao viajar pelo Oriente, mantive

contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos em paz em seus mantos cor de açafraão. Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas como a companhia aérea oferecia um outro café, todos comiam vorazmente. Aquilo me fez refletir: “Qual dos dois modelos produz felicidade?”.<sup>22</sup>

Você já parou para pensar se muitas de nossas doenças, angústias, ansiedades, depressões, entre outros desequilíbrios emocionais, não estão atrelados a este turbilhão de interesses materiais? Não se tem tempo para parar e reservar alguns minutos para contatar com o Eu divino imanente em todos. Precisamos reservar um tempo para nos recolhermos, nem que seja por alguns minutos, para refletir que, embora necessitemos do trabalho – ele faz parte da lei do progresso –, a sintonia com o “si mesmo” nos conduz àquela paz a que Jesus se referiu e que “o mundo não pode dar”. O encontro com o “si mesmo”, no dizer de Jung, pode ser chamado de “o Deus em nós”. Pensemos nisso!

“Eles perecerão, mas tu permanecerás; e todos eles, como roupa, envelhecerão” (Hebreus, 1:11). Podemos associar a reflexão acima com os dizeres desse texto da Carta aos Hebreus. Se o domínio dos valores materiais for o nosso único objetivo, estaremos “mortos”, no sentido gnóstico. Dito de outro modo: estaremos totalmente afastados ‘vibracionalmente’ da Fonte que nos dá a sustentação à Vida. Mas aquele que entendeu que tudo é passageiro, permanecerá “vivo”, ou seja, beberá sempre da água da Vida, fluindo pelos seus canais psíquicos. A Fonte está disponível àqueles que se esvaziam de todas as percepções sensoriais e de todas as análises mentais. Neles acontece o fluir do Eterno e do Infinito. É o sentido do diálogo de Jesus, no texto de João: “Quem beber desta água, tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma

fonte a jorrar para a vida eterna” (4:13-14).

Fala-nos o Eclesiastes das vaidades e da aflição dos homens, no torvelinho das ambições desvairadas da Terra. Desde os primeiros tempos da família humana, existem criaturas confundidas nos falsos valores do mundo. Entretanto, bastaria meditar alguns minutos na *transitoriedade* de tudo o que palpita no campo das formas para compreender-se a soberania do Espírito. “Consultai a pompa dos museus e a ruína das civilizações mortas. Com que fim se levantaram tantos monumentos e arcos de triunfo? Tudo funcionou como roupa de pensamento. A ideia evoluiu, enriqueceu-se o Espírito e os envoltórios antigos permanecem a distância. As mãos calejadas na edificação das colunas brilhantes aprenderam com o trabalho os luminosos segredos da vida. Todavia, quantas amarguras experimentaram os loucos que disputaram, até a morte para possuí-las! Valei-vos de todas as ocasiões de serviço, como sagradas oportunidades na marcha divina para Deus”.<sup>73</sup>

Não somos corpo, mas sim Espírito, que habita *transitoriamente* um corpo. Este corpo é uma condensação de energia. A qualquer hora, se decompõe e voltará à Natureza que o emprestou para servir de templo de alma. Toda matéria é energia condensada. Para fixarmos a ideia da *transitoriedade* dele, entendamos que ele pertence à Natureza e, portanto, a ela retornará sempre. Seus componentes moleculares serão condensados na formação de novos corpos. Quando se sepulta o corpo, ele se desfaz lentamente e volta à terra. Se for cremado, o corpo volta ao ar rapidamente, sobrando apenas um punhado de cálcio e outros minerais, que o fogo não pode consumir. Não há morte, pois na Natureza, o processo de reciclagem é uma constante. É neste sentido a Lei de Lavoisier: “Em a natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Assim, o Espírito não é nem sepultado, nem cremado. É força de expressão, quando dizemos: *O meu Espírito*. O Espírito não é meu. Eu sou o Espírito revestido de matéria densa, enquanto me utilizo dele no processo de aprendizagem.

Jesus, no texto de Mateus recomenda: “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam...”.

É importante refletir sobre esse ensinamento, para que entendamos como é diferente a atuação dos seres anteriores da Natureza e do Espírito. Os minerais, vegetais e animais devolvem às Leis Cóslicas o que receberam, porque não possuem raciocínio, nem o poder do senso moral, agem de acordo com um processo mecânico que neles estão programados. Já o homem, sendo individualização do princípio divino, tem o poder de ‘criar’ e, como tal, deve desenvolver o máximo possível seu fragmento – cada fase da reencarnação –, voltando sempre ao mundo espiritual, com mais “produção”. Aliás, esse é primeiro grande objetivo da encarnação: chegar, gradativamente, à perfeição. O segundo é fazer parte da obra da criação, ou seja, ser o canal permanente de Deus.

A parábola dos talentos, contada por Lucas, retrata bem a condição do Espírito em sua estada no corpo físico, na peregrinação de seu estágio evolutivo. Conta-se nesta história que o Reino de Deus será como um homem que, ausentando-se do país, chamou seus servos e deu a um cinco talentos; a outro, dois e a outro, um talento. Na verdade, cada um traz, fruto de conquista pessoal, determinados talentos (valores) ao renascer no corpo físico. Como nada é de graça, tem o Espírito a responsabilidade de, ao retornar ao mundo espiritual, com o talento que trouxe, mas com acréscimos, sob pena de ser considerado ‘servo mau e preguiçoso’. A história, de autor desconhecido, contada abaixo ilustra, didaticamente, como é a atuação das Leis Eternas, que chamamos de Deus:

## **DOIS HOMENS E UM CAMELO**

Dois homens percorriam o deserto.

Eles puxavam um camelo que levava nas costas vários tipos de mercadorias.

Em determinado ponto, depois de enfrentarem as areias escaldantes por muitas horas, finalmente encontraram um oásis.

O mais velho disse:

– Filho, vamos descansar aqui. Podemos dormir durante estanoite. Vou me deitar agora. Amarre o camelo bem firme e, depois, pode dormir também.

– Sim, mestre - respondeu o outro.

O jovem olhou para o camelo e, depois, para o céu estrelado.

De forma muito contrita fez uma prece:

“Senhor meu Deus, estou muito cansado agora para amarrar o camelo. Por favor, tome conta dele. Obrigado, meu Deus. Confio em vossas mãos o nosso camelo”.

Em seguida, foi deitar-se sob uma palmeira e adormeceu tranquilo.

A manhã surgiu com pássaros a cantar e raios quentes de sol.

De repente, alguns gritos cortaram a paz daquele dia que nascia.

– O camelo fugiu! O camelo fugiu! - berrava o mestre. Você não o amarrou?

O rapaz acordou assustado e, olhando para o velho, disse:

– Mestre, durante vários anos aprendi com o senhor a confiar em Deus. Ontem à noite, eu pedi aEle que tomasse conta do camelo. Mas Ele não tomou...

O velho e sábio mestre, então, disse:

– **As mãos de Deus na Terra são as suas. Confie em Deus, mas sempre amarre seu camelo...**

Creia!

E faça a sua parte!

E sob esta ótica, ROHDEN ensina: “A única razão de ser da nossa encarnação terrestre está em criarmos durante o nosso estágio terrestre algo que Deus não nos deu, sermos criadores. Ser criatura criadora é ser semelhante ao Deus Criador. Somos peregrinos, imigrantes em trânsito, com visto temporário. Durante nossa permanência em terra estranha, devemos despertar e ativar a nossa consciência cósmica e regressar ‘à alma do Universo’ mais ricos do que dela emigramos. Sejamos *transeuntes!*<sup>74</sup>”

Dá para entender o que é fazer a ‘nossa parte’ na obra da criação? Somos *longa-manus* (expressão derivada do latim cujo significado é “braço longo”), ou canais de comunicação com Deus ou fonte da Água da Vida.

Se nos entregarmos nas mãos de Deus (apenas, força de expressão, Deus não tem mãos), sem o nosso proporcional esforço, nada vai acontecer. “Trabalha que o céu te ajudará” é equivalente ao dizer, “faça a sua parte, que a Fonte fluirá”. É através de nós que as coisas acontecem. É preciso criar condições propícias para que o canal de comunicação com Deus flua, na proporção da receptividade criada. Quanto mais limpos, mais seremos beneficiados com a Lei Universal.

---

71 Pedro, 2:11.

72 Frei Beto *Correio da Cidadania* - Boletim Informativo “O Berro” - Junho 2008.

73 XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel, *Caminho, verdade e Vida*, síntese da lição 72.

74 ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho* – Apóstolo Tomé, p. 68.

# 11. DEUS DOS VIVOS

“Disseram-lhe os discípulos: vinte e quatro profetas falaram em Israel, e todos falaram de ti. Respondendo-lhes ele: rejeitastes aquele que está vivo diante de vós e falais dos mortos”. (*logion 52*).

Através dos programas religiosos de televisão, temos assistido a pastores de diversas denominações, ligadas ao judaísmo-cristão. Ao orarem, verberam em alto e bom som, a expressão de “Oh! Deus de Israel, Deus de Abraão, Isaque e Jacó”, como uma forma de louvar a Deus, que teria se revelado somente a este povo ou aos seus profetas mortos. Será que Deus teria se manifestado apenas ao povo de Israel? E os demais povos seriam esquecidos? Claro que não. As Leis Divinas são Universais, e como tais, estão presentes em todos os povos, em cada um de seus filhos. Essa história de ‘Deus de Israel’ é, simplesmente, a representação do deus particular daquele povo. Apelando a este Deus do passado, Ele atenderia aos homens do presente. Esse paradigma judaico misturou-se com os cristãos e muçulmanos.

É comum entrar nas igrejas da linha judaico-cristãs e ver, estampadas em faixas, alusão a esse ‘Deus de Israel’. Sem falar naslouvaminhas a Ele. É o que têm feito os teólogos criadores do Cristianismo. Apela a estes antepassados e julgam que somente eles foram canais de manifestação de Deus. Aí dizem que foram ‘enviados’ de Deus e, por isso, para contatar com Ele, sempre iremos precisar destes intermediários. É a conquista de Deus por procuração! Ora, será que Deus realmente pertence apenas a uma determinada população ou a alguns privilegiados do passado? Deus é Força Viva e pertence a todos, sejam do passado, como do presente. Deus

não é dos mortos, mas dos ‘vivos’.

As religiões denominadas abraâmicas – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo – têm como veio central de suas doutrinas a pregação calcada no Deus de antepassados, que, por algum motivo, se destacou na história de seu povo. E nós não vivemos pregando que Deus é onipresente (presente em tudo) e onividente (que tudo vê)? Será que Sua revelação não aconteceu em todas as épocas do passado, mas, também, continua a acontecer em todos os dias de nossa vida? Não importa a época – se no passado ou no presente –, a mecânica de ligação com a Lei do Universo será sempre condicionada ao esvaziamento mental das impurezas psíquicas que obstam a relação de sintonia vibracional.

A Fonte está disponível e o canal precisa estar puro para “receber” o fluxo da Água Viva. Não é preciso ser judeu, cristão ou islâmico ou ligado a qualquer outra manifestação de fé religiosa. A semente divina é imanente em todos os seres, desde os da escala inferior – mineral, vegetal e animal – até o homem. Isto quer dizer que todos estão em Deus, assim, como Deus está em todos. A diferença é que na natureza infra-hominal, reina a harmonia mecânica, instintiva, enquanto que no homem, por ser racional e detentor do livre-arbítrio e, sobretudo do senso moral, esta dependerá da ação da vontade. Aí reside o privilégio e o perigo do livre-arbítrio. Tudo é feito de escolha, e pelo livre-arbítrio podemos escolher o bem ou o mal, por essa razão, harmonizar ou não com a Lei Universal. Daí que, sem qualquer ideia de punição, teremos, tão-só, consequências, que nos conduzirão à aprendizagem.

Repitamos: Deus não é dos mortos, mas dos vivos. “Quem segue um testemunho indireto – mesmo o testemunho dos apóstolos e das Escrituras – poderia receber a censura que Jesus fez aos seus discípulos, quando citaram os profetas: Vocês ignoram o ser vivo em sua presença e falaram

(só) com os mortos”.<sup>75</sup> Assim como se manifestou nos profetas do passado, a Lei do Universo revelou nos nossos contemporâneos, independente de crença. Assim, Chico Xavier, Irmã Dulce, Madre Tereza de Calcutá, Mahatma Gandhi e inúmeros líderes espirituais do presente foram canais de manifestação divina. Defeitos? Certamente que os tiveram, mas, quando criaram condições, Deus (Lei Universal) esteve ‘pronto’ a Se manifestar, sempre proporcionalmente ao espaço criado. As forças cósmicas - nas quais interagimos - fazem a exata leitura de nossas emanções mentais e dão resposta na mesma ressonância.

Daí porque o ensinamento bíblico de “pede e receberás” estar ligado a este processo de ressonância, ao que o pensamento fixa na mente. Pedir não é prostrar-se e clamar às divindades, mas cocriar na mente, e o Universo fará a sua parte. Pensar, sentir e mover-se nessa direção, este o segredo. Lembremos que nossa perfeição é relativa. Você também tem o Deus Vivo dentro de você. Isto não é privilégio de alguns, mas força inerente a todos os seres vivos. É nesse sentido que o Jesus de Tomé afirma que “rejeitastes o que está vivo diante de vós e falais dos mortos”. É óbvio que esta manifestação não se revelará, simplesmente, porque você crê em determinado profeta, ou, num Espírito elevado, num santo, mas sim, pela melhora íntima relativa. Num dos textos evangélicos, Jesus, considerado pelos Espíritos como Guia e Mestre da Humanidade, não se considerou como o único, mas afirmou, “**Vós** sois deuses, e **podereis fazer tudo** o que **eu faço e muito mais**”. Quantas mudanças podem advir desse despertar, que traz a compreensão da nossa capacidade de realizar tudo, dependendo de cada um.

Santo Agostinho, em seus “solilóquios”, questiona Deus: onde estavas tu, quando eu vivia nos meus pecados? E Deus – na intimidade – lhe responde: Eu estava no seu coração. Agostinho replica: como podias tu, a infinita santidade, estar em mim, o maior pecador? E Deus responde: Eu estava sempre presente a ti, mas tu andavas sempre ausente de mim. Agostinho protesta: como podias tu estar presente em mim, se eu estava

ausente de ti? E Deus responde: a tua ausência era uma ilusão, a minha presença é a Verdade; tu fazias de conta que estavas ausente de mim, para poderes viver tranquilamente nos teus pecados; mas Eu, a Verdade, não posso estar ausente de ninguém, porque eu sou a Onipresença. (...) Assim, não precisamos buscar o Deus de ninguém para nos atender, porque Sua morada está em todos e para acessá-la, busquemo-Lo dentro de nós mesmos. Por isso, quando líderes religiosos dizem: “Venha para a minha igreja que Deus vai operar milagres”, estes podem até ocorrer, mas não porque Deus só está lá naquele local. Você é o grande milagre! E à medida que você, pela vontade, se coloca em alinhamento com Deus – Lei Cósmica – o “milagre” acontecerá.

Sobre a origem e conhecimento da lei natural, Kardec inicia este capítulo de *O Livro dos Espíritos*, na questão 619, com a pergunta: **Deus deu a todos os homens meios de conhecer Sua lei?** Antes de qualquer resposta, é importante ratificar que o nosso entendimento de Deus está ligado à questão n.º 1, desta mesma obra citada, quando Kardec – o bom senso encarnado – pergunta aos Espíritos: O que é Deus? E obteve como resposta: “É a Inteligência suprema do universo, causa primária de todas as coisas”. Nesta indagação, chamamos a atenção para o detalhe de que o Codificador usou o *que é?*, e não, *quem é?*, o que levaria a pressupor alguém, um ser com características humanas, conceituação limitadora e vigente durante muitos séculos no seio das religiões e que ainda hoje subsiste, mesmo nas hostes espíritas. Desta forma, em resposta à questão 619, os interlocutores de Kardec, responderam: “Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que a compreendem melhor são os homens de bem e os que procuram pesquisá-la; entretanto, todos a compreenderão um dia, porque é preciso que o progresso se realize”. O conhecimento da Lei é algo pessoal e progressivo e depende da evolução de cada um.

Assim, entendemos que não é o Deus pessoal que “deu aos homens meios de conhecer Sua Lei”, mas são as próprias criaturas que, a cada

avanço de maturidade, captarão, por sintonia, essas Leis do Universo. Note-se que, nestes últimos tempos, a ideia *gnóstica* de conhecer Deus está prevalecendo, pois a Humanidade está descobrindo que Deus não é mais aquela figura austera, sentada em trono distante de nós, julgando e condenando; mas vem descobrindo que Deus está *aqui* e *agora*, dentro da própria alma. Dessa forma, a cada nova experiência, o Espírito vai crescendo em inteligência e melhor compreendendo a ideia de Deus, presente em nós. Já imaginou se o crescimento dependesse de uma única existência? Não desenvolveríamos as potencialidades que nos levam ao aperfeiçoamento constante, rumo ao Infinito, ainda que vivêssemos 90 anos, o que é raro sobretudo nos países pobres (70% da Humanidade).

Concluamos, pois, que, para contatar com Deus, não precisamos evocá-Lo nos antepassados – como se pertencesse aos mortos –, mas buscá-Lo nas profundezas do próprio Eu, onde está sempre disponível, pois Ele é ‘Deus Vivo’ e ‘dos vivos’. Podemos evocá-Lo direto na Fonte, e o fluxo da Água Pura escoará, na proporção de nosso crescimento espiritual, a quantidade do espaço que preparamos para recebê-Lo. Dizemos quantidade porque a Lei Universal é igual para todos e o *quantum* está condicionado ao tamanho de nosso recipiente.

Esta história didatiza a ideia do ‘espaço’ que se deve criar para que recebamos a Energia Divina, fluindo pelos nossos canais.

Um professor universitário visitou Nan-in, o mestre zen, para perguntar sobre o zen. Contudo, em vez, de ouvir o mestre, o professor se limitou a falar sobre as próprias ideias.

Depois de ouvir por um tempo, Nan-in serviu chá. Encheu a xícara do visitante e continuou a servir chá. O líquido transbordou, encheu o pires, caiu nas calças do homem e no chão.

– Não está vendo que a xícara encheu? – explode o professor.

- Não cabe mais nada!
- Isso mesmo – responde calmamente Nain-in.
- Tal como essa xícara, você está cheio de suas próprias ideias e opiniões. Como poderei mostrar-lhe o zen se você não esvaziar sua xícara primeiro?<sup>76</sup>

Esvaziar a xícara significa que, quando o homem abre espaço, pela eliminação de suas imperfeições, acontece a grande invasão do Eterno. Ou na simbologia da Água Viva, em que todos temos uma Fonte perfeita em nossa intimidade e, ao ser desobstruído o canal interno, ela flui na proporção do espaço mental (da xícara, no caso do chá). Dessa forma, quando um doente consegue ligar a sua consciência individual à Consciência Universal, recebe saúde, felicidade. A Lei não faz distinção se o peticionário é cristão, muçulmano ou ateu, pois atua universalmente, e o atendimento às suas necessidades é fruto do esforço de cada um. Explicação bem simples: quando você vai receber visitas, o *quantum* de hóspedes está diretamente ligado ao tamanho de sua casa.

---

<sup>75</sup> PAGELS, Eliane. *Os Evangelhos Gnósticos*, p. 165.

<sup>76</sup> ARNTZ, William, CHASSE, Vicente e MARK Betsy. *Quem somos nós?* p. 6.

# 12. PROVAS

Jesus disse: “Feliz do homem que foi submetido à prova – por que ele achou a Vida”. (*logion 58*).

O Dicionário do Aurélio coloca-nos como sinônimas de dor, as palavras: aflição, agonia, atribulação, angústia, sofrimento, tristeza, mágoa, pesar, inquietação, ansiedade, padecimento físico, tormento, tortura, dentre outras. Ninguém passa pela vida sem enfrentar o problema do sofrimento. Ele desperta e educa. Os impactos da Natureza se manifestam tanto nos seres inferiores da escala evolutiva como no ser hominal. Aliás, diz-se que a dor é a resposta da Lei Divina aos que se atritam com seus postulados reguladores do universo ético. A simples reflexão sobre a dor e o sofrimento basta para evidenciar que eles têm uma razão de ser muito profunda. A dor é um alerta da Natureza, anuncia algum mal que está nos atingindo e que precisamos enfrentar. Se não fosse a dor, sucumbiríamos a muitas doenças sem nem sequer nos darmos conta da sua existência.

É comum nos meios religiosos atribuir-se a dor a ‘castigo de Deus’ àqueles que cometem ‘pecados’. Esse é o paradigma judaico-cristão do deus pessoal. Nós, aliás, como espíritas, excluimos o termo ‘pecado’ de nosso vocabulário, preferindo “equivoco” ou “erro”. Entendemos que o erro é parte integrante do processo da evolução, não merecendo castigo algum, mas, sim, correção pedagógica, no sentido de ajudar o ser, após descobrir a falha, a solidificar a aprendizagem. Não é isto que você faz com seu filho quando erra? Ao invés de castigar, ensina o comportamento correto. O erro é fruto da ignorância. A Lei Cósmica é neutra e está sempre disponível para

que a criatura se afine com Ela. Daí dizer-se que “Deus – a Lei – não faz distinção de pessoas”.

Muitas pessoas, diante do sofrimento, julgam que Deus está por trás da situação e perguntam: “Por que ele permitiu esse sofrimento? Se Ele é amor e poder, como dizem, teria evitado isso!” Outros, no entanto, já cristalizados pelo paradigma do deus pessoal, encontram sempre uma resposta acomodatória, diante dos acontecimentos. Quando alguém morre em um acidente, ouve-se “Deus quis levá-lo”. Quando se escapa ileso, “Foi um milagre”. Quando saiu mutilado, “Deus é grande, ainda está vivo”. Em todas as circunstâncias, Deus é elogiado. É como dois times de futebol que rezam um “Pai Nosso” antes do jogo e, quando um time é vencedor, ouve-se: “Deus atendeu a nossa oração”. E o outro time? Os torcedores e os jogadores não merecem a atenção de Deus? Não se está aqui questionando a existência de Deus. Mas, a forma como Ele é visto. Deus, como já escrevemos, é um processo. Cada um O imagina de acordo com a maturidade adquirida, através dos tempos.

Esta ideia de Deus comandando a criatura está tão estereotipada em nosso comportamento, que nem sempre somos capazes de ‘parar’ para ‘pensar’ que somos frutos do paradigma adotado. Nossas crenças estão vinculadas a determinados sistemas inconscientes que adotamos. Por influência social – família, escola, religião, meios de comunicação, entre outros –, criamos um sistema ‘inconsciente’ de crenças que se transformam num código pessoal de conduta. Passamos a viver e respirar essas crenças. Tudo que nos parece contrário a esse código, rejeitamos de imediato. Isto é pecado! Deus não aprova! Vou ser castigado! E por aí afora... O paradigma adotado em relação às crenças, em sua grande maioria entre nós ocidentais, tem sido o judaico-cristão. Quantas vezes, uma atitude que reprovamos –em nós, ou, nos outros –, não está calcada neste código pessoal? Quando, porém, questionamos e temos coragem para enfrentar a falsa sacralidade de alguns aspectos desse sistema, dizemos: “Puxa! Como foi que não pensei nisso antes?” Quando essas

convicções foram gravadas de modo ‘inconsciente’ e ‘não questionadas’’, deixam-nos perplexos, pois elas foram sedimentadas desde nossa infância.

Quando ocorrem acidentes de grandes proporções – *tsunamis*, desastres de avião, enchentes devastadoras –, é preciso que usemos a lógica e o bom-senso para não cairmos no ridículo de que todos que morreram estão pagando “dívidas do passado”. Deus, segundo alguns, estaria monitorando a população, para que os devedores se reunissem no local do acidente para morrerem, ressarcindo, dessa forma, débito cometido em existências passadas. Está parecendo a esdrúxula história do Velho Testamento sobre Sodoma e Gomorra. Deus ‘castigou’ a população das suas cidades, fazendo chover enxofre, e todos foram mortos! Mas o decálogo prescreve: “Não matar!” Mas Ele pode? Dá para aceitar tamanha insensatez?

Essa conclusão é baseada no deus pessoal judaico, vingativo, rancoroso, e que tem a ‘morte’ como castigo de seus filhos. Já o profeta Ezequiel ensina que: “Deus não quer a morte dos pecadores, mas que ele aprenda e viva”.<sup>1</sup> De toda forma, quer-se ligar, peremptoriamente, tais acontecimentos a erros cometidos no passado. E chega-se, muitas vezes, a catalogar, pelos tipos de desencarnações, os desvios cometidos em existências passadas. Afirma-se, também, que a Espiritualidade está de ‘prontidão’ para promover tais acidentes, esquecendo-se de que eles têm, geralmente, como causa falha ou erro humano. A nosso ver, os flagelos são movimentos naturais que trazem, como consequência, mortes coletivas, atingindo e modificando, por vezes, regiões inteiras. Kardec em “*O Livro dos Espíritos*” entende que muitos desses flagelos resultam, também, da imprevidência do homem.

Em se tratando desses fatos naturais, é bom que se esclareça que a ciência e a tecnologia têm avançado muito a ponto de acusar, com dias ou

meses de antecedência, a eclosão desses acontecimentos. Sabe-se que no Japão e nos Estados Unidos já se conseguem construir prédios que não são comprometidos com esses flagelos destruidores. Muitas dessas tragédias estão associadas à invigilância do próprio homem, sendo, quase sempre, indiretamente, coparticipe para essas ocorrências, consideradas naturais. A reencarnação existe como Lei Universal, mas não de forma 'simplista' como tentam apregoar. Alguns laboratórios do mundo tiveram registros do acontecimento em tempo suficiente para avisar outras nações, evitando a morte coletiva. Não se pode atribuir a responsabilidade, de forma alguma, aos Poderes Espirituais. Se há um responsável, e há, é este: o homem, que vive fora das Leis de Deus. Assim, essas tragédias não podem ser consideradas "castigo de Deus".

Gostamos da preciosa lição dada por Medran, sobre a posição religiosa da reencarnação: "Até poucas décadas atrás, o momento da morte era definido pela cessação dos batimentos cardíacos. Muitos religiosos ainda se apegam a esse conceito. Ele impossibilita uma das mais edificantes ações de caridade que uma família enlutada pode praticar: permitir que órgãos como o coração, o pâncreas, o fígado e as córneas da pessoa falecida sejam transplantados, desde que a destruição da massa encefálica haja tornado irreversível a vida do doador. Isso permitirá que outras tantas vidas sejam salvas, prolongadas e ganhem a qualidade que perderam ou que nunca chegaram a ter nessa encarnação. Uma postura **eminentemente religiosa da reencarnação (grifos nossos)** sugeriria que se alguém nasceu cego é porque cometera, em vida pretérita, um ato gravíssimo que lhe atraiu essa deficiência. Implantar-lhe uma córnea capaz de lhe permitir ver será, assim, uma indevida interferência no projeto divino. Há ainda quem insista no velho bordão de que o momento da morte é decisão pessoal de Deus (olha aí o deus pessoal do Cristianismo, se contrapondo ao conceito espírita da 'inteligência suprema e causa primária') e que ninguém pode interferir nesse projeto".<sup>77</sup>

Temos nos posicionado em nosso entendimento atual no conceito de

que Deus se expressa por Sua Lei Universal e, jamais como pessoa. E sendo assim, não existe castigo do 'deus-pessoa'. As nossas atitudes boas ou más nos acarretam consequências... Como resultado de posturas contrárias à ética e à moral, somos levados a *sofrer* os efeitos de nossas imperfeições. Se boas, no entanto, ampliaremos o raio de felicidade, não importa onde estejamos, seja no físico seja fora dele. Esclareça-se, todavia, que não se trata de Deus impondo o 'sofrimento' como *castigo*, mas são os próprios mecanismos de Suas Leis que estão programados para avisar, pela dor, na intimidade de cada um, os desvios do roteiro evolutivo.<sup>78</sup> Entendamos que não reencarnamos para 'sofrer', mas, sim, para 'evoluir'.

Muitos estão presos à ideia de que estamos reencarnados, resgatando a dor e o sofrimento sobre a culpa de dívidas passadas. Os eventuais sofrimentos advêm de nossas escolhas. É bem verdade que temos também os sofrimentos inerentes ao próprio mundo em que vivemos, comuns a todos que habitam o planeta.

Assim, quando estamos sofrendo, estamos aprendendo. Entendamos, não obstante, que não é o sofrimento que redime o homem, mas sua atitude diante dos problemas, que poderá modificá-lo para pior ou para melhor. Tudo depende do estágio de maturidade espiritual. Diz-se que a dor ensina, pois, sua função é pedagógica, despertando o ser para mudanças. Quando se diz que 'nada é por acaso', leva-se esse jargão para o sentido místico. Se desencarnou na infância, sofreu uma seqüela, perdeu um ente querido, decepcionou um dedo num desastre e tantos outros casos, dizem 'é que tudo estava programado!'.

No entanto, o que se quer expressar é que todo sofrimento tem uma história; ele é consequência de uma escolha mal feita, mas nunca como sentença de Deus. Em razão do livre-arbítrio, ora escolhemos certo, ora escolhemos errado. Então, se a escolha foi correta, também teremos

resultados no sentido de solidificação da aprendizagem e ampliação da felicidade relativa. Quando aprendemos o caminho certo, há enriquecimentos, com os devidos acréscimos.

Ao recomendar “vai e não peques mais, para que não te suceda coisa pior...” Jesus associa o *erro* (pecado) com a *dor* (sofrimento). “O perdão está implícito na Lei, mas esta não dispensa a reparação. Mais que isso: põe à nossa disposição todos os recursos para a recomposição do equilíbrio que os atos ilícitos perturbaram”.<sup>79</sup> Assim, fora aqueles vinculados ao chamado ‘sofrimento evolutivo’ – próprios do mundo – independente de nossa vontade, os demais estão relacionados às nossas escolhas. Mas não têm o sentido de pena de talião: ‘olho por olho’, ou ‘dente por dente’. “O amor cobre uma multidão de pecados”. (cf. I Pedro, 4:7). As ações positivas realizadas posteriormente, no decorrer do processo evolutivo, amainam ou erradicam de vez esses efeitos negativos.<sup>80</sup>

As causas dos sofrimentos são as mais variadas. No entanto, para melhor entendimento didático, podemos separá-las em duas: *sofrimento evolutivo* – aqueles oriundos do mundo em que vivemos e, portanto, independentes de nossa vontade – “No mundo tereis aflições”, disse Jesus –, e o *sofrimento punitivo* – aqueles originários de nós mesmos, ao fazermos escolhas erradas. Saliente-se, todavia, que os sofrimentos advindos destes últimos representam o maior percentual. Como exemplo dos primeiros, temos a dor causada no parto; a dor de dente, a picada de um mosquito ou de uma agulha. Todos estão sujeitos a eles, e são próprios do mundo em que vivemos, atingindo, indistintamente, todos os seres vivos no planeta. Quanto aos segundos, estes estão relacionados à luta necessária da vida para as conquistas dos nossos desejos. Em função de nossas ações, fazemos escolhas e, obviamente, colhemos resultados, bons ou maus...

Para a conclusão destas reflexões sobre este *logion*, entendemos que,

quando Jesus diz a Tomé “Feliz do homem que foi submetido ao sofrimento – porque ele achou a Vida”. (*logion* 58), está nos alertando para que não haja revolta e que saibamos tirar do sofrimento aprendizagem. Quem descobre a Vida, conscientiza-se da presença do Cristo em si, e luta ardorosamente para sintonizar com sua Perfeição. *O Evangelho gnóstico de Tomé*, ao contrário dos canônicos, não coloca o sofrimento como punição de Deus, mas como resultado necessário à evolução. Concordamos com ROHDEN, quando ele diz que, “Se, além do sofrimento evolutivo, há ‘sofrimento punitivo’, nada tem a ver com Deus; foi o homem que desequilibrou as leis cósmicas, e ele é que tem que reequilibrar-se com essas leis. Todo débito gera sofrimento”.<sup>81</sup> O sentido do sofrimento punitivo está relacionado com tomada de consciência do erro cometido. O arrependimento e o remorso levam o ser à autopunição.

---

77 MOREIRA, Medran, Milton. *Jornal Abertura*, novembro/2008.

78 Ler nosso livro *O Código Penal dos Espíritos – a Justiça do Tribunal da Consciência*.

79 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 206.

80 Ler nosso livro *O Código Penal dos Espíritos – A Justiça do Tribunal da Consciência*, p. 167.

81 ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho - O Apostolo Tomé*, p. 86.

# 13. PEDRA ANGULAR

Disse Jesus: “Mostra-me a pedra rejeitada pelos construtores; é a pedra angular”. (*Logion 66*).

Nos tempos iniciais do Cristianismo não se utilizavam tijolos nas construções, como hoje conhecemos. Elas eram de pedras umas sobrepostas às outras. Apesar de usarem na junção delas uma massa, nem sempre se impermeabiliza eficientemente para conter a passagem da água da chuva. “O construtor devia ter especial competência no fechamento dos arcos e abóbadas, encaixando bem a pedra, até que o último espaço no ângulo superior fosse ocupado pela pedra-chave”.<sup>82</sup> Por ser tão importante era a primeira pedra a ser escolhida. As outras sempre dependiam do seu encaixe, já que suportava as demais, dividindo com elas o peso e as resistências mútuas que sustentavam o arco ou o teto. As pedras que não se adequavam eram rejeitadas e, por isso, desprezadas na construção.

Segundo informações, nos textos evangélicos, Jesus utilizava parábolas, como recurso didático, para que os seus ouvintes assimilassem a mensagem. E, para isso, entre tantos recursos, procurava ligar o conteúdo teórico que pretendia ensinar com fatos da vida real. Assim é que se utilizou da simbologia do *grão de mostarda*, do *fermento*, da *pérola escondida*, do *tesouro oculto*, o *joio* e o *trigo* e tantas outras.

Neste *logion* em questão, fez uso de algo familiar à população da época: a pedra angular. Esta pedra-chave simboliza a formulação do

conhecimento, sem a exclusão de algo fundamental, de tal forma que a elaboração da estrutura, sem ele, fica comprometida, podendo com o tempo, cair. É a comparação que se faz com a casa construída sobre rocha e a casa construída sobre areia. Só permanece aquela que tem base sólida, enquanto a outra, com o tempo ruirá. Assim são os sistemas teológicos construídos apenas com objetivos de ampliar *quantitativamente* o seu rebanho. Um dia, com a maturidade de seus filiados, começa a debandada, pela falta de sustentação lógica. Os questionamentos são inevitáveis e as respostas jamais satisfazem. Ou procuram outra religião ou entram para o rol dos chamados “sem crença!”

A Igreja, na disputa pelo poder temporal, ao elaborar sua complexa estrutura teológica, montou-a com base nos supostos ensinamentos de Jesus. Dizemos ‘supostos’ porque o Cristianismo foi uma construção gradativa desde o Concílio de Niceia em 325, acrescidos dos outros que vieram posteriormente, de acordo com as conveniências das decisões eclesiásticas. Estes escritos foram inseridos muito tempo depois dos supostos acontecimentos e repletos de tentativas improvisadas para fundamentar as mudanças decididas nos Concílios, para fazer as coisas parecerem certas. No entanto, a construção teológica abandonou o ponto nevrálgico da evolução, que é a ‘realidade espiritual’ e todas as suas implicações. Dizemos que, ao abandonar a pré-existência e a continuidade do Espírito, num processo infinito, por meio das várias experiências reencarnatórias, a teologia rejeitou a *pedra angular*, um dos pontos fundamentais do *elo perdido*.

Sabe-se que a doutrina da reencarnação fazia parte do Cristianismo inicial, mas por se tornar incômoda à Igreja, no processo da constituição da teologia, o melhor caminho foi determinar sua eliminação. Para aumentar o seu poder, não poderia essa lei continuar a reinar, pois a autossuficiência do crente prejudicava os propósitos da igreja nascente com dogmas, ritos e liturgias. Enquanto a Igreja interessava pela *quantidade* para aumentar o seu poderio, os gnósticos se preocupavam com *qualidade*. Tudo deveria

passar por ela, a única detentora do poder de conduzir as criaturas para o Reino de Deus e da chave que, segundo os textos canônicos, foi dada por Jesus a Pedro e, por consequência, aos seus sucessores: papas, bispos e padres. Em verdade, os textos tidos como de Evangelhos *gnósticos*, em vez de iniciar com a biografia de Jesus, do nascimento à crucificação, começam onde os demais terminam, ou seja, com os relatos das aparições e colóquios de Jesus depois de morto, com os seus discípulos.

Com relação à aceitação comum da comunicação entre os Espíritos com aqueles dotados de percepção mediúnica, “logo após a crucificação, os verdadeiros orientadores da comunidade nascente eram o próprio Cristo e outros seres de elevada condição, habitantes do mundo invisível. Ao extinguirem drasticamente o intercâmbio com o mundo espiritual, os sacerdotes que, até então, se conservavam na relativa obscuridade do segundo plano, assumiram os controles, para nunca mais abandoná-los. Condição vital para essa permanência no poder, que se transferia das regiões espirituais para a Terra, foi a sistemática negação das oportunidades de intercâmbio mediúnico. Começara o processo de *materialização* da doutrina cristã”, no dizer de Hermínio C. Miranda, Cap. V – Diálogo com os Mortos). Os construtores da nascente teologia cristã abandonaram a *pedra angular* que, se anexada aos canônicos, daria um acabamento lógico à obra.

No entanto, o que se vê hoje é a tremenda dificuldade para se explicarem em fatos simples; mas, para voltar atrás, deixaria em descrédito, o que foi formatado durante todos esses séculos, e o edifício teológico construído sobre dogmas poderia desabar. O tempo, no entanto, encarrega de colocar nos eixos o que é Lei Universal, pois, ‘toda planta que meu Pai não plantou, será arrancada pela raiz’ (Mateus, 15:13). Apela-se para o dogma e a crença pela fé, que apenas crê. Lembremo-nos da imposição do texto de João: “aquele que crê será salvo, aquele que não crê será condenado”.

Uma das primeiras consequências da materialização do Cristianismo foi

a inserção do episódio da *ressurreição* de Jesus, retornando ao próprio corpo, já morto e, fazendo em seguida, aparições aos seus seguidores. Não seria muito mais simples dizer que o Espírito – este sim, imortal – aparecera depois de sua morte, com o corpo perispiritual, trazendo a prova da sobrevivência da alma? No entanto, ‘encaixaram’ na estrutura da construção teológica a ingênua ressurreição do corpo, com a impossível volta à vida em um cadáver. Depois, ainda, para completar a incongruência da esdrúxula afirmação, construíram cenas de Jesus ‘comendo’ com os apóstolos para provar que ele estava mesmo no corpo de carne; a montagem da ‘história’ de Tomé ‘colocando os dedos em suas chagas’ e, por fim, sua subida definitiva aos céus de corpo e alma!

Reafirmamos, essa ideia da ressurreição, conquanto tenha passado por várias gerações, não tem qualquer respaldo científico. Pode-se aceitar, e até defender, mas, como dogma de fé. E a fé que crê sem aval da ciência um dia se desmorona. Kardec afirma que “Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade”. Mesmo aqueles que advogam a ressurreição da carne, no fundo, no fundo, têm dúvidas. Afinal, você já viu alguém ressuscitar depois de efetivamente morto fisicamente? Trata-se de lenda e, como tal, não merece credo. A Igreja adicionou esse mito no Evangelho canônico e insiste em suas pregações, como algo que realmente aconteceu. A maioria dos estudiosos não o aceita literalmente. Os textos canônicos foram adulterados, acrescentados, cortados, de acordo com a conveniência da Igreja primitiva.

Uma das descobertas mais impressionantes do Prof. Bart D. Ehrman é a de que o relato da ressurreição de Jesus no Evangelho de Marcos só foi acrescentado muitos anos depois de sua morte. Em oposição à Igreja, os *gnósticos* não estavam interessados em atrair *quantidade* de adeptos, mas sim, *qualidade*. Preferiam que o adepto aderisse ao movimento por uma disposição consciente e um melhor entendimento da realidade espiritual. O que distinguia uma comunicação falsa de uma autêntica, para os *gnósticos*, não era o bom relacionamento com o clero, a marca da servidão obediente, mas o nível de compreensão dos seus membros e a qualidade do relacionamento entre eles, segundo a avaliação feita pela Dra. Pagels.

Assim, o que era normal entre o povo, como a comunicabilidade do Espírito desencarnado com os encarnados, foi substituído pelo corpo físico que ressuscita. Muda-se o foco da doutrina nascente. Com a proibição da manifestação mediúnica, deslocou-se o centro essencial dos ensinamentos de Jesus – o Espírito – para enaltecer o corpo. Somos Espíritos autônomos, ocupamos ‘transitoriamente’ (somos transeuntes, *logion* 42) um corpo e, não somente, um espírito condicionado, que só podia viver, integralmente, atrelado a um organismo físico. Uma vez fixadas essas incongruências, tornou-se fácil introduzir a ressurreição da carne, o juízo final, nascimento virginal por obra do Espírito Santo, e tantas outras fantasias incompatíveis com os ensinamentos reais de Jesus. A pedra angular da doutrina cristã foi rejeitada e seus adeptos foram perseguidos, muitos levados à fogueira pela ‘Santa Inquisição’, em notório sacrifício da realidade espiritual.

A partir do momento em que a teologia cristã anulou a reencarnação – como se uma lei natural pudesse ser extinta por decisão humana! –, a formatação do sistema teológico rejeitou um dos pontos nevrálgicos da realidade do Espírito – *a pedra angular* –, que daria subsídios para que seus idealizadores explicassem de forma racional, e não resposta dogmática, sobre questões importantes que incomodam até hoje. A maturidade espiritual faz com que as criaturas não aceitem respostas sem fundamento, com base tão-somente na fé sem provas. Assim, como explicar o problema do mal e da dor, de aparente injustiça das Leis Cósmicas? As diferenças individuais que se salientam, desde o nascimento, em membros da mesma família? Como entender o “a cada um segundo suas obras, sem a oportunidade de múltiplas existências?” Como explicar o imbróglio da ressurreição, sem aceitar a sobrevivência do Espírito e suas faculdades de manifestação com os que estão na carne? Sem a presença do espírito, como *individualização do princípio inteligente*, fica difícil qualquer acabamento lógico da história, pois a pedra-chave, no término do edifício, foi deixada de lado.

Este *logion* de Jesus, em Tomé, apesar da distância em que foi

pronunciado, em comparação com os tempos atuais, continua atualizado. O Cristianismo ortodoxo, ao rejeitar os ensinamentos gnósticos, perdeu a oportunidade de construir uma estrutura sólida na arquitetura do pensamento, que evitasse tantas dúvidas e questionamentos. Parece-nos que Jesus, como conhecedor da realidade espiritual nas mais variadas implicações, percebia que os idealizadores da estrutura de seus ensinamentos iriam modificar a essência do que pregava à população, deixando um vácuo insustentável. E, sendo assim, alertou para o que iria acontecer no futuro, dizendo: “Mostra-me a pedra rejeitada pelos construtores; é a pedra angular”. Segundo o entendimento dos *gnósticos*, a criatura aqui estava de passagem, com o objetivo maior da religação com Deus. E, para isso acontecer, só em Espírito.

Assim, o projeto do Jesus de Tomé era ensinar às criaturas o encontro com Deus, num processo imortal de conquista pessoal, sem intermediação de quem quer que fosse. Conhecer a si mesmo é, ao mesmo tempo, conhecer a Deus: eis o segredo da *gnosis*.

---

<sup>82</sup> MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 213.

# 14. REFORMA ÍNTIMA

Jesus disse: “Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, será estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado - e então terá domínio sobre o Universo”. (*Logion 2*).

O filósofo Aristóteles divide o ser em dois princípios constitutivos intrínsecos: *Ato e potência*. *Potência* é aquilo que ainda não é, mas preexiste realmente como possibilidade de vir a ser. Diz-se ato, quando o ser já é. Das coisas não existentes, algumas existem em potência, por não existirem em ato. Neste entendimento, podemos dizer que a semente é um exemplo de ser parcialmente em ato, contendo toda potencialidade para se transformar em ato, ou seja, ‘atualizar’ o que possui em estado dormente; pode ou não, no entanto, transformar-se num vegetal de sua espécie, dependendo das condições propícias para o seu desenvolvimento. Podemos ainda, a título de melhor ilustração, dizer que a terra possui muitas riquezas em potencial, mas que só se transformarão em ato, quando o homem as explorar.

Também, nesta linha de raciocínio, o homem é potencialmente Deus. “Vós sois deuses”, repetiu Jesus, referindo-se ao salmo 82:6. Possuímos todas as possibilidades para ‘vir a ser’, desenvolvendo paulatinamente os nossos potenciais divinos. Se o homem não fosse potencialmente Deus, não poderia ‘atualmente’ (no sentido de atualizar) encontrar Deus. “Entretanto, todo o ser humano normal é ‘potencialmente’ livre – mas poucos são ‘atualmente’ livres. A liberdade potencial é um presente de berço, faz parte da natureza humana – mas a liberdade atual é uma conquista da consciência, que nem todos fizeram. Quem não conquistou a

liberdade pela consciência é apenas ‘potencialmente’ livre, mas ‘atualmente’ escravizado pelas circunstâncias”.<sup>83</sup>

Há nos Evangelhos inúmeras parábolas que objetivam incentivar o homem a despertar, desenvolver em si, este potencial. O Nazareno incentivava seus seguidores a atualizarem seus potenciais em estado dormente. Assim é que, usando de analogias e comparações, ensinou que este potencial (Reino de Deus, dentro de si) é semelhante a um *grão de mostarda*, a um *fermento*, a uma *rede de pescar*, a uma *pérola preciosa*, entre outras. Em todas essas parábolas, o ensino coloca o ser humano como responsável por esta conquista, sem qualquer intermediário. Trata-se de uma tomada de decisão, por força da liberdade de escolha de fazer ou não fazer. Não estabelece tempo nem local, cabendo a cada um, no momento do despertar da consciência, proceder a essa atualização. É óbvio que isto seria inviável e, até mesmo, ‘uma bela mentira’, se tivéssemos como parâmetro apenas uma existência.

É por isso que este *logion* coloca como condição *sine qua non* a ‘busca constante até encontrar’. Não deve se desanimar, pois a única forma de alcançar o que buscamos é trabalhar incessantemente para esse fim. Persistência é o mote deste ensinamento. O texto deixa claro que, cada um – conforme o estágio de maturidade –, encontrará dificuldade, pois mudar é encarar o novo<sup>84</sup>, que desequilibra as estruturas psíquicas com que enfrentávamos as situações, até então.

Daí por que adverte Jesus de Tomé que o autoconhecimento envolve uma perturbação interior, expressando: ‘quando encontrar ficará perturbado’. Trata-se de uma ‘perturbação’ apenas provisória, até a readaptação das estruturas antigas com o novo modelo. Entraremos depois em equilíbrio, ficando maravilhados pelo estado de consciência cósmica que nos coloca em harmonia com o Todo; posteriormente,

desequilibrarmos novamente, diante de outras ‘buscas’ e, assim, sucessivamente num *continuum* infinito. Neste mesmo sentido, comenta Marvin Meyer: “aqueles que buscam a palavra de Jesus e não param de buscar encontrarão, mas o que encontrar pode ser perturbador. Ainda assim, se persistirem na sua busca pelo sentido e compreensão, ficarão impressionados com o que descobrirem, e farão parte do Reino de Deus”.<sup>85</sup> Este é o “repouso” – quer dizer, repouso de paz de toda incerteza da vida no mundo.

Na versão canônica, encontra-se no Evangelho de Mateus, 24:13, “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”. Não se trata evidentemente de uma ‘salvação’ mística, que ocorrerá no chamado Dia do Juízo, quando serão apartados os bons e os maus. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o Juízo Final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda”. A doutrina de um Juízo final único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição.

Entendamos, na visão *gnóstica* o ‘perseverar até o fim’ não como um fim que simbolize término da vida, e sim, como objetivo a ser alcançado em qualquer empreendimento. Aqui entra em ação o ‘perseverar’, a não desistência diante dos obstáculos. É a firmeza ou constância num sentimento, numa resolução, num trabalho, apesar das dificuldades e dos incômodos. É a virtude que contribui para o êxito na vida humana. Mesmo porque é repugnante a ideia de um julgamento externo que fixa definitivamente a sorte da criatura. Cada um é o seu próprio juiz, no momento em que a consciência for despertada.

Em nosso livro *Prontidão para Mudança*, abordamos o assunto sob o título Perseverança (7.4), p. 94-98. Inserimos a história de autoajuda sobre o ‘bambu chinês’ para que possamos meditar sobre o hábito de perseverança, que cada um deve perseguir para vencer a si mesmo e

crescer em Espírito e Verdade:

*Depois de plantada a semente deste incrível arbusto, não se vê nada por aproximadamente cinco anos, exceto um lento desabrochar de um diminuto broto a partir do bulbo. Durante cinco anos, todo o crescimento é subterrâneo, invisível a olho nu, mas... Uma maciça e fibrosa estrutura de raiz que se estende vertical e horizontalmente pela terra está sendo construída. Então, no **final do quinto ano, o bambu chinês cresce até atingir a altura de 25 metros**. Muitas coisas na vida pessoal e profissional são iguais ao bambu chinês. Você trabalha, investe tempo, esforço, faz tudo o que pode para nutrir seu crescimento, e às vezes não vê nada por semanas, meses ou anos. Mas se tiver paciência para continuar trabalhando, persistindo e nutrindo, o seu quinto ano chegará, e com ele virão um crescimento e mudanças que você jamais esperava. Especialmente em nosso trabalho, que é um projeto fabuloso que envolve mudanças de comportamento, de pensamento, de cultura e de sensibilização, devemos sempre lembrar do bambu chinês para não desistirmos facilmente diante das dificuldades que surgirão.*

Importante refletirmos que, para os *gnósticos*, esta reforma íntima é sempre um processo de autoconhecimento, acima de qualquer conhecimento externo. É uma conquista íntima, personalíssima, sem fórmulas preestabelecidas. Trata-se de uma experiência subjetiva que diverge diametralmente do ensino ortodoxo cuja ‘salvação’ depende de eventos externos. Para a tradição ortodoxa tudo está vinculado à História de Israel e às previsões dos profetas, tanto que Mateus – o Evangelho que procura ‘amarrar’ Jesus ao Velho Testamento – repete continuamente o refrão: “Isso realizou para consumir as palavras dos profetas”. Para Jesus, no Evangelho de Tomé, é irrelevante o que os profetas prognosticaram. Quando no logion 52, os discípulos disseram que vinte e quatro profetas falaram em Israel e todos falaram dele, Jesus repreende-os, dizendo que eles ignoraram o que vive presentemente e falam apenas dos mortos. Quer com isso dizer que se busque ‘aqui’ e ‘agora’, no próprio Eu, sem se

prender ao que os profetas do passado disseram.

Os Espíritos, nesta mesma linha gnóstica, fizeram elucidativas abordagens a Kardec, sobre a necessidade do progresso individual, afirmando em *O Livro dos Espíritos*<sup>86</sup>, que: “O homem, pois ele desenvolve-se por si mesmo”, “(...) nem todos progridem ao mesmo tempo e da mesma maneira”, “(...) os mais adiantados ajudam os outros a progredir pelo contato social”; O progresso moral é uma consequência do intelectual, “mas não o segue imediatamente”; “(...) o desenvolvimento do livre-arbítrio segue ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do homem pelos seus atos”. Para o Espiritismo o progresso individual é dependente do próprio ser em crescimento, pois ele ‘desenvolve-se por si mesmo’.

Ao iniciar a trajetória, depois de passar pela fase inferior da evolução – mineral, vegetal e animal – o homem, revestido de seu corpo físico e de posse do livre-arbítrio, começa a adquirir experiência, partindo de um ponto zero. É dotado, conforme já expusemos, de potencialidades divinas, e deve, à medida da maturidade espiritual, dar o pleno desenvolvimento no fragmento em que estagia em relação ao Todo, já que “a integridade só pode ser vivida na condição de fragmento”.<sup>87</sup> À cada atualização, cresce o Espírito e aproxima-se da Lei Universal.

Encaixa-se, neste contexto, a Parábola dos Talentos, inserida no texto de Mateus (25:14-29), que retrata a história de um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um ‘deu’ cinco talentos; a outro, dois e a outro, um. Do ponto de vista espiritual, ninguém ‘dá nada’, tudo é conquista própria; cada um traz ao aportar-se em novo corpo físico, o produto da “atualização” das potencialidades em existências anteriores. E todos nós temos a obrigação de ‘atualizar’ sempre mais as nossas possibilidades *in potênci*a, fazendo-as

frutificar.

Assim, essa chamada ‘reforma íntima’ foi formatada pela igreja nascente, como algo feito apenas por ela. “Fora da Igreja Católica não há salvação”. Era preciso ser intermediada por ela. Batizar, seguir seus cânones e tudo estaria resolvido.

Kardec, no entanto, substitui o “fora da Igreja”, por “fora da caridade”. E para isso não é preciso ser espírita, se repararem a frase não é “fora do Espiritismo não há salvação”, mas sim, “fora da caridade não há salvação”, independentemente de se ser espírita, budista, católico, evangélico ou até ateu. A hierarquia sacerdotal era a dispensadora dessa salvação. No Evangelho de João, Jesus arroga para si, único caminho de chegar a Deus, ao dizer: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém chega ao Pai senão por mim”. O propósito é claro: a criatura só encontrará Deus através de Jesus que, por consequência, só através da Igreja.

Ocorre que muitos discípulos – como até hoje acontece com a grande maioria –, confundiam o ‘Eu’ maior com o ‘eu’ menor; confundiam o Cristo com Jesus. Quando Tomé pergunta a Jesus, no Evangelho de João (14:5-6): “Senhor, não sabemos para onde vais; como poderemos saber o caminho?” Como não se tratava de um caminho físico-geográfico, a resposta mais lúcida de Jesus é: O Eu é o caminho da Verdade e da vida. Ninguém vem a este Pai senão pelo Eu!<sup>83</sup> Outra é, todavia, a versão de Jesus, no Evangelho de Tomé, logion, 24: “Existe luz em um homem iluminado e ele ilumina o mundo inteiro. Se ele não brilhar, ele é a escuridão”. Nesta ótica, a reforma íntima é uma realização individual, incessante, numa descoberta contínua, sem a necessidade de filiação a uma instituição religiosa e à prática de seus rituais litúrgicos.

---

<sup>83</sup> ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho* – Apóstolo Tomé, p. 94.

<sup>84</sup> Ler Nosso Livro *Prontidão para Mudança*.

85 MEYER, Marvin. *Mistérios Gnósticos: As Novas Descobertas*, p. 69.

86 KARDEC, Allan. Questões 779-780 e 780-a.

87 BONDER, Nilton. *Código Penal Celeste*, p. 22.

88 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do Evangelho*, vol. 8, p. 6.

# 15. O JOIO E O TRIGO

Jesus disse: “O Reino do Pai é semelhante ao homem que tem [boa] semente. Seu inimigo veio durante a noite e semeou joio por cima da boa semente. O homem não deixou que arrancassem o joio, dizendo: temo que acabeis arrancando o joio e também o trigo junto com ele. No dia da colheita as ervas daninhas estarão bem visíveis e serão, então, arrancadas e queimadas”. (*logion 57*).

Esta parábola do ‘joio e do trigo’, já nossa conhecida, consta também do Evangelho de Mateus cuja essência é a mesma. Jesus diz que o Reino de Deus é semelhante ao homem que semeia boa semente em seu campo. Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo e semeou joio no meio do trigo e retirou-se. Quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, – Não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: – “Um inimigo é quem fez isso”. E os servos lhe disseram: “Queres, pois que vamos arrancá-lo?” Ele, porém, lhes disse: – Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: – “Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas, o trigo, ajuntai-o no meu celeiro”.<sup>89</sup>

A advertência presente em ambos os textos é a mesma: Deus não quer que os bons e os maus cresçam separados durante o processo evolutivo. A Lei Universal - expressão de Deus - , “não faz acepção de pessoas”. (Atos, 10:34). Isto quer dizer: não se protegem uns, em detrimento de outros. Daí ser despida de qualquer lógica, devendo ser adotada como mera lenda, a abertura do Mar Vermelho e a subsequente fuga dos judeus da escravatura

no Egito faraônico descritas na Bíblia, no livro do Êxodo (capítulo 14), e, depois, fez fechar as águas, afogando os 'inimigos'. Ou, ainda, que existe o "Deus dos Exércitos" que estava sempre a favor do povo judeu contra os adversários. Esse era deus particular do povo judeu que protegia Israel contra os outros povos, não o Deus Universal que é Energia Maior, que está disponível a todos. Somos filhos e, como tais, devemos crescer espiritualmente juntos. Ser bom ou mau é condição inerente ao estágio em que a criatura se encontra no processo evolutivo, não havendo qualquer separação por parte da Lei Cósmica. A Lei "não leva em conta os nossos tempos de ignorância", pois estas representam apenas etapas do aprendizado necessário à perfeição relativa no fragmento em que nos encontramos.

Na versão canônica do Evangelho de Mateus, a parábola serviu para sustentar dogmas, como o Juízo Final, a presença do demônio, a ideia de Inferno. Aliás, uma das peças mais importantes do imaginário humano é o julgamento final, ou seja, a contabilidade do que fizemos, quando iremos prestar contas diante Deus. A colheita (final dos tempos) seria o momento oportuno para a separação dos bons (trigo) e os maus (joio). Estes são maus porque foram ludibriados pelo demônio e, no Juízo final, arderiam no fogo do inferno por toda a eternidade. Nesta ótica, a criatura é sempre 'vítima' de algo externo, não tendo culpa de nada. Só erra por influência do inimigo. Hoje essa ideia amedrontadora do demônio ainda sustenta a grande massa nas igrejas. Os líderes religiosos são os "únicos" detentores do poder de afastar essa 'coisa ruim', figura perturbadora da paz! E com isso, as pessoas algemadas a essas crenças paralisam o crescimento de seus potenciais divinos, deixando de confiar em Deus e em si mesmas, para se entregarem ao canto das sereias dos 'pseudorrepresentantes' de Deus. Para o Espiritismo, o "Juízo Final" é uma alegoria das religiões tradicionais. Não há julgamento final, mas julgamento pela própria criatura, no momento do despertar da consciência. E isto pode ocorrer a qualquer momento, dependendo da maturidade de cada um. Paulo (9:27), em sua carta aos Hebreus, a isto se refere.

A visão *gnóstica*, no entanto, não se prende à ideia dualista de que existe um Deus externo manipulando tudo, como um verdadeiro fiscal policalesco de nossas ações. Deus é o nosso próprio ser e talvez a melhor forma de experimentá-lo é internamente. A separação entre os ‘bons’ e ‘maus’ é feita pela própria criatura como consequência da evolução. À medida que se adquire maturidade, surge espontaneamente a separação dos bons dos maus. Não existe um Deus que separa os bons e maus, nem manda ninguém para o céu ou para o inferno. Céu e inferno são produtos de nossa criação mental, em locais definidos fora da criatura. “A separação entre os bons e dos maus resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos. O pensamento maldoso carrega em si mesmo uma corrente fluídica que causa má influência. O pensamento benevolente nos envolve com uma agradável impressão; daí a diferença de sensações que experimentamos ao nos aproximar de um amigo ou de um inimigo”.<sup>90</sup> “É da natureza do fórum celeste não interferir na realidade. É a realidade e suas intrincadas leis que mantém tutela sobre si mesma. Um criador que interfere garantindo a justiça ou mesmo a Sua vontade não seria capaz de criar. É a natureza ou a realidade que pune – elas é que indeferem nossas pretensões ilusórias ou destrutivas. Colocado de outra forma, a indiferença às causas entre dois ou mais seres vivos não se dá por falta de mérito a essas ações. É que elas estão sempre contidas nas escolhas feitas para si, para o próprio indivíduo”.<sup>91</sup>

Há necessidade de o homem conviver com os bons e com os maus para que, pela experiência, possa, por si mesmo, discernir entre o certo e o errado. Em alguns casos, os bons conseguem influenciar os maus. Se, no entanto, os maus persistirem nos seus propósitos, há uma natural separação; e, no devido tempo, eles crescerão por si mesmos e tornar-se-ão, também relativamente melhores. Na realidade, ninguém é bom ou mau de forma absoluta, pois o que existe são os estádios que levam à evolução de cada um. Todos, desde a condição de *simples e ignorantes*, caminham por esse roteiro. Se fôssemos teleguiados por forças externas, seríamos meras ‘marionetes’ e não, donos do próprio destino. O Espírito é imortal e na condição de ‘individualização de princípio inteligente’ tem

todo o potencial, como criador com Deus, de buscar sua felicidade ou infelicidade por esforços próprios.

Assim, você é o autor de sua vida! Nada acontece sem que você seja o protagonista. Se errar, corrija-se. Procure, com base nesse erro, não cair mais nos mesmos equívocos. Mas entenda que isto é processo pessoal, sem qualquer interferência de Deus externo. Ficar retido no passado é dar oportunidade para que o sofrimento continue. Vamos olhar para o futuro e reparar as nossas faltas, com o trabalho edificante. Jesus dizia: “Vai e não peques mais!”.<sup>92</sup> Dito de outro modo, mude de sintonia! Saiba que errar faz parte do jogo da aprendizagem. O direito de escolher o bem ou o mal é prerrogativa do Espírito, já que o livre-arbítrio, que é sua maior conquista, lhe faculta escolher livremente caminhos.

Assim, a separação não deve ser feita externamente, pois ela é consequência do processo evolutivo. Aliás, todas as escolhas são legítimas, mesmo as ilícitas porque derivam do livre-arbítrio. Por isso é que crescem juntos o joio (inimigo) e o trigo (boa semente), pois assim, se fortalece o crescimento espiritual. Não queiramos ser como flor de estufa que, levada ao sol, não suporta as intempéries.

Entendamos que o inimigo, a que se refere o texto de Tomé, é criação mental e está relacionado às nossas imperfeições. Sempre temos que brigar conosco diante de situações adversas entre o fazer ou não fazer, seguir o caminho certo ou errado. Você até pode ter influências negativas de Espíritos através da emanção mental, mas o ponto nevrálgico está em você mesmo!... As nossas tendências instintivas instigam-nos a agir desta ou daquela maneira. Somos assediados pela espiritualidade por aquilo que trazemos no ímo da alma. Por isso, costumamos dizer: “Digam-me quais são os seus pensamentos e dir-lhes-ei quais são as suas companhias espirituais”. Em última análise, quem decide somos nós mesmos, pela

criação mental dos nossos desejos. Daí, segundo Kardec, “a necessidade de fazemos esforços para domar as nossas más inclinações”.

Os interesses falam mais alto. Vejam que uma simples parábola como esta, a *do joio e do trigo*, contada por Jesus a Tomé, que tem apenas um sentido simbólico, do qual deveremos extrair lições éticas e morais, transforma-se, por interesse do grupo vencedor, em ensinamento dogmático. Os maus simbolizados pelo joio serão afastados sem remissão para sempre, quando do Juízo Final e arderão nas fornalhas do inferno. Os bons, após o julgamento de um Deus externo, descansariam eternamente nos ‘céus’. Ora, não existe julgamento externo, nem final, nem céu e inferno exteriores. A Lei não julga ninguém; cada um julga a si mesmo e não precisa ser no final dos tempos. O Julgamento não ocorre, tão-só, no final da existência terrena e, sim, em nível de consciência, a cada momento em que a criatura ‘acorda’ para seus equívocos e se corrige.

Nesta visão, Emmanuel ensina que: “Não é preciso atravessar a sombra do túmulo para encontrar a justiça face a face. Nos princípios de causa e efeito, achamo-nos incessantemente sob a orientação dela, em todos os instantes da vida”.<sup>93</sup> O que importa é que a justiça funciona sempre, sem qualquer relação com o prêmio-castigo.

O ensinamento *gnóstico* enfatiza a simbologia de ‘joio e do trigo’ de que viemos de Deus e a Ele voltaremos, em oposição à doutrina dogmática criada pela teologia da Igreja, de separação dos bons e dos maus, por parte de um ente superior, chamado Deus. O que se ensina, todavia, é o ‘conhecer a si mesmo’, pois quem conhece a si mesmo, conhece a Deus. Daí a necessidade de dar elasticidade à interpretação teológica do Jesus de Mateus, quando afirma: “Muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos” (Mateus, 22:14), numa alusão àqueles que são catalogados como ‘bons’ e ‘maus’. A escolha, aqui, é feita externamente por Deus, e os

‘escolhidos’ irão para o “céu”, enquanto os maus, para o “inferno”. Na verdade, não existe nenhum fator externo que intervenha, mandando uns para o “céu” e, outros, para o “inferno”. Todos, no seu devido tempo, segundo a maturidade adquirida, sintonizarão com a frequência divina, dentro dos próprios aposentos mentais.

Desta forma, todos nós atingiremos, gradativamente, níveis maiores de elevação espiritual, fruto de nosso esforço. *O Bhagavad-Gita*, 9:17, diz que: “Quando o discípulo está pronto, então o Mestre aparece!”. Isto quer dizer que, quando desobstruímos dos canais mentais os detritos psíquicos – mágoa, ressentimento, ansiedade, angústia, entre outros –, a Fonte Divina, presente em nossa intimidade, flui naturalmente, revelando-se ao homem na proporção da eliminação de suas impurezas. A Lei, verdadeira fonte da Água Viva, está sempre disponível a todos, no entanto, é preciso tornar-se receptivo para a revelação de Deus. Quem separa o joio do trigo, na linguagem sinótica é Deus externo; na linguagem *gnóstica*, é você mesmo!

---

89 Mateus, 13:24-30.

90 KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XII, item 3.

91 BONDER, Nilton. *Código Penal Celeste*, p. 113.

92 Trecho extraído do livro "*Saúde e Espiritismo*", pela Associação Médico-Espírita do Brasil.

93 XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. *Fonte Viva*, lição 160.

# 16. EM SINTONIA COM O CRISTO

Jesus disse: “Quem que beber de minha boca tornar-se-á como eu. E eu serei o que ele é. E as coisas ocultas serão reveladas”. (*logion*, 108).

Há um alerta no Jesus do Evangelho de João,14:12, “Vós sois deuses, podeis fazer o que faço e muito mais”. Com isso, incentivam-se os seus seguidores à busca incessante de experiências, ao invés de as copiarem dos outros, para que, por méritos próprios, desenvolvam valores que os coloquem em sintonia com o *Cristo Interno*. Quem colocar em prática os seus ensinamentos, buscando por si mesmo as verdades daquele que já desenvolvera a chama divina do Cristo, poderá alcançar-lhe o patamar evolutivo, sendo igual a ele.

À primeira vista, isso pode parecer um absurdo. As igrejas denominadas cristãs o têm como o filho unigênito, que saiu puro do seio do Criador, e cujos valores manifestados não eram conquista pessoal, mas uma graça doada por Deus. Será que Jesus, para chegar à posição de ‘guia e modelo’ para a Humanidade – conforme afirmaram os Espíritos –, não enfrentou, em várias existências, as mais diversas situações e os mais variados obstáculos? Como pode alguém servir de ‘modelo’ se não desenvolveu a Luz por méritos próprios? A lógica nos leva ao entendimento de que todos os Espíritos de escol que atingiram importantes conquistas espirituais e que servem como parâmetros à Humanidade aprenderam com as lições da vida. Nada foi dado, mas conquistado! E com Jesus não aconteceu diferente. Essa ideia messiânica foi uma invenção das Escrituras.

O pensamento *gnóstico*, neste *logion*, aproxima-se do padrão psicoterápico. A *gnose* é, indubitavelmente, um conhecimento psicológico, cujos conteúdos provêm do inconsciente. Tanto o pensamento *gnóstico*, como o pensamento psicológico, ensinam que todos necessitam, inicialmente, de uma diretriz, porém, apenas, como ‘recurso provisório’. Caso contrário, não haveria crescimento algum, pois todos seriam meras cópias de alguém, limitados por algum paradigma adotado, e não desenvolveriam a inteligência. Aliás, este o grande perigo dos paradigmas, pois eles retratam ‘verdades’ consideradas permanentes e que são aceitas sem testes. Quando a realidade é edificada tão-somente com o estoque com que construímos nossa mente, tais como lembranças, emoções e associações, como perceberemos o novo? Temos que sempre adquirir novos conhecimentos, ampliando o nosso paradigma. Só saberemos que uma maçã é saborosa se a experimentarmos, não bastando apenas ter conhecimento sobre ela. Daí dizer-se que o conhecimento completo exige compreensão e experiência.

Nesta questão dos paradigmas, as religiões baseiam-se em ‘verdades reveladas’ e que, nem sempre, são contestadas. Os crentes aceitam, como ‘Palavras de Deus’, ensinamentos por mais absurdos que sejam. Praticam-nos, até certo momento da vida, sem questionamento. No entanto, o grande objetivo de nossa estada na Terra não é aceitar eternamente o ensino desta ou daquela autoridade ou as regras deste ou daquele paradigma, mas lutar para a superação daquilo que, até então, serviu de parâmetro. Kardec ensina que tudo deve ser passado pelo crivo da razão, venha de quem vier a informação. Quando alguém se torna maduro, não mais precisa de autoridade externa.

Na linguagem esotérica do gnosticismo, ser “irmão gêmeo” é alcançar as mesmas condições do seu Mestre. Tomé seria um discípulo que havia alcançado um estado de realização interior que o tornava um ‘gêmeo’ espiritual de Jesus. Neste sentido, Tomé, também chamado de “Dídimo” – que quer dizer ‘gêmeo’ –, é aquele que alcançou o padrão vibratório

semelhante ao de Jesus. O antigo discípulo se reconhece como o ‘irmão gêmeo’ de Jesus.

Ideia parecida está expressa no texto de João, em que Jesus afirma que todos poderiam fazer (ou alcançar) o que ele fazia (havia conquistado) e muito mais (ir adiante dele, pelo esforço próprio). Na verdade, o progresso é um *continuum* infinito e, quando se diz que um Espírito atingiu a perfeição, ou que o objetivo da encarnação é a Perfeição, tenhamos-la como ‘relativa’. “Só Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas.

Assim, a proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. O Mestre postula o máximo para que façamos o mínimo, pois Ele sabia que o ser humano se deixa levar pela “lei do menor esforço”. Mas os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem para alcançar. Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade”.<sup>94</sup> Pode-se atingir o máximo dentro do limite de nosso fragmento. A integridade só pode ser atingida na condição de partes, mesmo assim, nem sempre damos conta deste fragmento.

O sentido esotérico do Evangelho de Tomé se faz transparecer logo na sua abertura, ou mais precisamente no *logion* n.º 1, quando Jesus expressa: “Quem descobrir o sentido destas palavras não provará a morte”. Como já elucidamos, na lição n.º 8, não se trata da morte física, mas a morte espiritual, retratada naqueles que ainda se encontram nas fases iniciais do aprendizado e, por isso, apresentam-se como ‘mortos-vivos’. Trata-se de uma condição transitória pela qual todos os seres estagiam,

pois o objetivo maior é a perfeição. Aprender nos coloca, inicialmente em 'desequilíbrio', para depois atingirmos o 'equilíbrio' novamente, mas sempre 'provisório. Assim, toda vez que alguém se encontra fora do alinhamento dos valores espirituais, está, na linguagem gnóstica, 'morta'. Esta postura da época, em que fora pronunciado este 'dito', continua válida para todos os tempos. Como Jesus alcançou a condição *crística*, ou seja, desenvolveu o Cristo interno, você também, ou, qualquer um de nós, tem iguais possibilidades de tornar-se – na linguagem simbólica do gnosticismo – o seu irmão gêmeo, ou seja, poderá atingir o mesmo padrão vibratório.

Essas mudanças não ocorrerão, obviamente, da noite para o dia, mas serão frutos de muitas experiências, como ocorreu com Jesus, e tantos outros Espíritos luminosos da Humanidade. Para que o discípulo alcance a gnosis, ou seja, o conhecimento da verdade diretamente, sem intermediários, e capte as verdades espirituais elevadas, deverá criar condições de limpeza consciencial para sintonia com o seu Eu maior – o *Cristo interno*. Entra, assim, num estado de identificação com o Todo; o Espírito como “a individualização do princípio inteligente”, conforme transmitiram os Espíritos a Kardec, na questão n.º 1, de *O Livro dos Espíritos*, não experimentará a 'morte', mesmo que o corpo físico venha a perecer. O Espírito é manifestação de Deus e, como tal, não morre jamais.

A bem da verdade, como já expusemos, nem mesmo o corpo físico morre, pois tudo é energia. E a matéria é uma forma de energia, que descondensa e volta à terra, havendo uma reciclagem de seus componentes, que serão reutilizados na formação de outros corpos, o que levou a dedução de Lavoisier, baseado em reações químicas, da célebre lei da conservação da matéria: “Em a natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Quando Jesus diz: “quem beber da minha boca poderá tornar-se como

eu”, está usando uma linguagem simbólica, própria do gnosticismo. Marvin Meyer, interpretando esse discurso de Jesus, expressa que: “Assim como a literatura de sabedoria judaica recomenda que as pessoas bebam de sabedoria, também Jesus no Evangelho de Tomé convida as pessoas a beber dele. Quando as pessoas bebem da boca de Jesus, unindo-se misticamente com ele, chegam ao conhecimento e compreensão”.<sup>95</sup> Sob nossa ótica, este dito procura despertar nas criaturas a responsabilidade de alinhar-se com o Cristo, que se expressava através do canal (Jesus), que já atingira o mais elevado grau de pureza, no fragmento em que se encontrava. Não propunha que ninguém fosse cópia sua, mas que cada um criasse condições de vacuidade necessária para que o Mestre – Deus – fluísse através delas.

Nesta linha de raciocínio, o discípulo também pode, no tempo próprio, dizer como Jesus: “As obras que eu faço é o Mestre que faz em mim”. Quem sintoniza com as Leis Cósmicas, se unifica com Deus. Na realidade, ao despertar este Cristo na consciência, o ser usufrui da plenitude do Todo, porém, na proporção de sua vacuidade conquistada. “E eu serei o que ele é. E as coisas ocultas serão reveladas”, ensina Jesus, neste *Evangelho Gnóstico de Tomé*.

Quanto mais eliminamos as imperfeições da alma, mais revelações, mais espaço abrimos para que a “Água da Vida – Leis divinas em nós – corra por nossos canais. A plenitude do Todo é sempre relativa à vacuidade criada pelo ser. Tudo brota de um reservatório subjacente de nossa consciência, onde construímos o nosso Reino de Deus. Por isso encontramos nos textos bíblicos expressões simbólicas como ‘água da vida’, ‘um rio que alegra a cidade de Deus’, dar um ‘copo de água fresca’, o ‘segredo em si mesmo’, todas expressando a presença deste reservatório íntimo, que nada mais simboliza, que a Potência Divina, o Eu maior, o *Cristo Interno*, entre outras expressões, presente em forma dormente em todos os seres. Não nos iludamos: Ninguém, mas ninguém mesmo, pode fazer isso por nós! Esta é a grande revelação do pensamento gnóstico. Bem

diferente ensinam os Evangelhos canônicos, construídos através dos tempos pela Teologia: Só há 'salvação' através da Igreja! O gnosticismo ensina libertação e não dependência de qualquer instituição religiosa que se arroga como único caminho de salvação. "Salvar" tem sentido de 'educar-se', e nesta ótica, somos os construtores de nosso progresso...

Assim, não é destituído de lógica o sentido com que os escritores do Evangelho de João colocaram como expressão de Jesus: "Tudo que eu faço, vós também podeis fazer e muito mais". Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece. Dito de outro modo, quando o discípulo, por méritos próprios, 'esvazia-se' dos detritos mentais, limpando o seu recipiente mental, a Luz penetra na mesma proporção do espaço criado.

Assim sendo, o crescimento espiritual infinito, pelo autoconhecimento, pode cada ser descobrir o que até mesmo Jesus não pode ensinar. Este é o sentido de que "podeis fazer o que eu faço e muito mais", no dizer de Jesus. Em *O Testemunho da Verdade*, o autor inicia o texto, dizendo que o autoconhecimento se desenvolve quando se torna um "discípulo da sua própria mente", ao descobrir que sua mente é o 'pai da verdade'. É neste sentido que, no texto de João, Jesus diz que "vós podeis fazer tudo o que eu faço e muito mais". Coloca no próprio homem a força do crescimento. Ele aprende o de que necessita saber por si mesmo, em silêncio meditativo. Por conseguinte, considera-se igual a todos, mantendo a sua independência diante de qualquer autoridade: "E ele é paciente com todos; iguala-se aos demais e também se mantém isolado deles".

Em outro livro da biblioteca de Nag Hammadi, *Silvano*, do mesmo modo, julga a 'mente' como 'um princípio condutor'. Quem quer que siga a direção da própria mente não precisa aceitar o conselho alheio.

---

<sup>94</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 2.

<sup>95</sup> MEYER, Marvin. *Mistérios Gnósticos: As Novas Descobertas*, p. 73.

# 17. REVELANDO O QUE TEM DENTRO DE SI

“Aquele que tem algo na mão, mais lhe será dado; aquele que nada tem, mesmo o pouco que tem lhe será tomado”. (*Logion 41*).

O sentido espiritual do pensamento gnóstico, deste logion, mais uma vez, enfatiza o ‘conhecimento’. Se nos prendermos ao aspecto externo do conteúdo, ligamo-nos, de imediato, à ideia do ter mais, ou seja, o crescimento dos bens materiais. No entanto, não é esse o foco da Doutrina de Jesus, segundo os *gnósticos*; têm eles a estada na Terra, como estádio transitório, onde o Espírito, ‘sempre transeunte’, está em constante busca do aperfeiçoamento, com o objetivo de retornar à Fonte Eterna. Aquele que é dotado de maior grau de conhecimento tem melhores condições de ampliar o que possui, pois, afinal, já construiu estruturas mentais, que servem de subsídios para novas aprendizagens; enquanto que o ignorante, sem qualquer base sólida, em razão do pouco esclarecimento adquirido, pode perder até o pouco que possui, pela falta de uso, caindo no esquecimento, além de poderem ser facilmente ludibriados pelos pseudossábios.

Sabe-se, hoje, que as redes neurais, quando acionadas repetidamente, tendem a cristalizarem-se, formando hábitos; por outro lado, o reverso também existe: as células nervosas, quando não acionadas juntas, tendem a enfraquecer as redes neurais. Assim, também, um hábito não ativado tende, com o tempo, a um desfazimento desta rede.

O *logion* n.º 1, abrindo o Evangelho de Tomé, promete Vida para aqueles que estiverem maduros para interpretar as palavras de Jesus, em contraposição aos que se encontram ainda insensíveis aos bens espirituais, que permanecem ‘mortos’, até que, no tempo próprio, desvistam-se do marasmo e também descubram em si a Vida. Para a consecução deste objetivo, o ser deve envidar os melhores esforços a fim de que este *insight* ocorra, porém, a procura tem que ser incessante ‘até achar’, como prescreve o *logion* n.º 2. O teor do *logion* em epígrafe é semelhante à *parábola dos talentos*, inserida nos canônicos, mas, na visão *gnóstica*, tem um enfoque mais inteligente. Na história, vista pelo Jesus dos canônicos, o primeiro, recebedor de cinco talentos, e, o segundo, de dois, duplicaram o que receberam; no entanto, o terceiro que recebera apenas um talento, nada produziu, enterrando o que possuía, perdendo até o que possuía, por falta de vontade. Os primeiros, pela ação, formaram novas redes neurais (mais lhes foi dado), e, o último, pelo desuso, interrompeu as ligações (o pouco que tinha lhe foi tomado), entrando no esquecimento.

Na versão *gnóstica*, Deus se revelará, não para ‘os escolhidos’, mas para aqueles que já ‘têm algo na mão’, ou seja, já adquiriram experiências para avançar no processo evolutivo. Trabalhando com perseverança, outras conquistas alcançarão. A esses, a aprendizagem tornar-se-á mais fácil, pois, já detentores de prerrequisitos (redes neurais solidificadas), terão maior facilidade de duplicar, acrescentando ligações. Aprender é um ato de integrar redes neurais para formar novas conexões nervosas. Para explicar a duplicação no aspecto espiritual, Emmanuel, ao comentar o texto de Marcos (8:5) sobre a parábola da “multiplicação dos pães”,<sup>96</sup> quando os discípulos questionaram Jesus: – o que fazer com a multidão faminta? Ele contrapergunta: – Quantos pães tendes? Eles responderam: – Sete. Muitos esperavam um ‘milagre’ de Jesus, mas ele insiste: – *Que tendes?* A indagação procurava verificar quais as *bases* que possuíam, a fim de orientá-los no processo de se acionarem os próprios recursos. A solução, obviamente, deveria surgir deles mesmos, com alicerce nas conquistas já realizadas.

Dá-se o nome, modernamente, de 'neuroplasticidade' a esta capacidade natural de os neurônios se conectarem com outros neurônios, ampliando-se em novas redes (novos talentos). Em sentido oposto, no entanto, pelo desuso, 'perde-se até o que tinha'. Com base nas estruturas mentais já solidificadas, poderá o Espírito multiplicar essas conquistas. Quem tem mais condições (dois, cinco talentos), poderá ampliar o que já possui, se assim o desejar. Entretanto, se é detentor de apenas uma migalha (um talento), poderão ocorrer duas situações: colocar em ação as redes neurais já formatadas, multiplicando-as, ou, então, deixar em desuso, levando, assim, ao enfraquecimento, até o total desaparecimento. Eis o sentido simbólico daquele que recebeu apenas um talento (na realidade, trouxe ao renascer), em que, 'mesmo o pouco, que tem, lhe será tomado', ou seja, haverá o desfazimento da conexão neurônica, pelo desuso.

Assim, o sentido de que será 'tomado' ao que recebeu um único talento, nada tem com o de castigo de Deus. É a própria criatura que desfaz a conexão, nervosa em razão do desuso.

Entendamos assim, que Deus não dá 'talentos' a uns poucos 'escolhidos', como a interpretação que se faz desta parábola, na visão dos canônicos. A Lei é igual para todos, sem distinção de qualquer natureza. Os talentos são conquistas do ser nas múltiplas experiências existenciais. Somos dotados, no início, de igual potencialidade, pois o Universo disponibiliza tudo, em equanimidade. Iniciamos a caminhada de experiências de forma 'simples e ignorante', isto é, sem qualquer conhecimento. A atualização deste potencial vai depender da persistência de cada um. No caso citado, os dois primeiros servos atualizaram o potencial que trouxeram ao aportarem na Terra, duplicando-os. Já o terceiro servo, do pouco que trouxera, preferiu a inação, não atualizando o que adquirira. Ora, quando se deixa em desuso um hábito, cai-se no esquecimento, apagando o que foi formatado em redes neurais.

Dessa forma, entregar nas 'mãos de Deus' os seus problemas,

permanecendo no ilusório doce far niente, (trata-se de um expressão italiana muito utilizada que quer dizer: “doce fazer nada”). Em outras palavras, viver uma vida improdutiva, ociosa. é viver em oposição aos objetivos do Universo! É preciso perseverar até o fim em nossos objetivos, pois, é assim que vencemos os óbices naturais da evolução. Nada será “dado” gratuitamente como pretendem os ociosos. O aforismo “Trabalha que o céu te ajudará” retrata bem o raciocínio de Jesus, sob a ótica do pensamento gnóstico. O céu é simbolizado nas Leis divinas esculpidas na consciência, razão pela qual, cada um deve dar o melhor de si para colher, na mesma proporção, as dádivas da Fonte Eterna.

O ensino *gnóstico* enfatiza o ‘conhecimento de si mesmo’, como a chave imprescindível para a sincronia com Deus. Encontrando-nos, ainda, distantes do entendimento de que Ele está dentro de nós, e cientes de que o seu reino é um processo de construção pessoal, ficamos, muitas vezes na periferia desse entendimento, buscando respostas para os nossos problemas no exterior. É mais fácil terceirizar a salvação (educação da alma) para algo no exterior, do que construir o patrimônio espiritual, por méritos próprios. O gnosticismo ensina que a salvação se dá pela busca do conhecimento dentro de si mesmo, num esforço individual e incessante. “Aquele que não conhece a si mesmo – ensina Jesus póstumo a Judas – nada conhece, mas aquele que se conhece já adquiriu, ao mesmo tempo, conhecimento sobre a profundidade do Todo”.

Com respeito aos que estacionam na periferia do conhecimento sobre o que Jesus de Tomé (*logion* 74) disse: “Senhor, muitos rodeiam a fonte, mas ninguém entra na fonte”. A fonte é o poder crístico dentro de cada um, independente de crença. Quantos pregam o Cristo, mas em si mesmos, não se cristificaram, isto é, muitas pessoas até sabem, teoricamente, pelos ensinamentos bíblicos, que a fonte das ‘águas vivas’ está presente em todas as criaturas; mas pensam que isto é mera teoria e não saciam a sede nessas águas.

Na expressão *gnóstica* do Evangelho de João – considerado o mais

espiritual dos canônicos –, Jesus diz à Samaritana: “Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der, será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (4:13-14). “É fácil andar ao redor da fonte, espelhar-se em suas águas, contemplar a sua limpidez – sem beber uma gotinha das suas ‘águas vivas’. Difícil é descer às profundezas da fonte, beber de sua vida e vitalizar com ela todos os setores da vida”.<sup>97</sup> O texto refere-se à fonte da água viva que todos detêm, em estado potencial. É preciso “furar o poço”, pelo trabalho e persistência para que essa água imanente em todos, flua em abundância na mesma proporção do espaço que criamos.

Nesta linha de raciocínio, o Jesus no *Evangelho Gnóstico de Tomé* revela que “Quando vocês revelarem o que está em cada um, o que possuírem os salvará. “Se não o tiverem em si mesmos, o que não possuem os matará” (*logion* 70). Segundo esse dito, o ser, que conseguir revelar em si mesmo a sua realidade imanente, está salvo, no sentido de reintegração com Deus; mas não porque seja um enviado divino que teria implantado na Terra o Reino de Deus e resgatado os pecados dos que nele creram. Aqueles que não conseguirem tal realização, continuarão ‘mortos’, isto é, sujeitos ao envolvimento com a matéria e às consequências que a ignorância acarreta”.<sup>98</sup>

Insistamos, mais uma vez, que o binômio ‘morte-vida’ tem para os *gnósticos* sentido metafísico, e não representa os períodos em que o Espírito vive alternadamente na carne ou na dimensão espiritual. Quem nada realiza, não aproveitando as oportunidades da reencarnação, permanece anestesiado pelos atrativos da *porta larga* do mundo, e, por ignorância (falta de conhecimento), encontra a morte espiritual, mesmo estando encarnado. Trata-se de uma alienação, por desconhecimento, dessa fonte de água viva.

Vale salientar que ninguém será excluído do processo de atualização dessa potencialidade divina, pois não se trata de “escolha” de fora para dentro, em que alguns serão privilegiados em detrimento de outros. O texto canônico prescreve que “Deus não faz distinção de pessoas”, o que, na linguagem *gnóstica*, entendemos que a “Lei não diferencia ninguém”. Assim, a pregação canônica de que “muitos são os chamados e poucos os escolhidos” não se pactua com a livre disponibilidade da fonte da Água da Vida para todos. Não se trata de mera *possibilidade*, mas de *certeza*.

Assim, no devido tempo, todos alcançarão a perfeição no estágio evolutivo, não se importando se, em determinada fase, estiveram ‘mortos’ para a realidade espiritual. No entanto, se nos prendermos ao conceito de *unicidade* de existência, fica difícil o entendimento de que “todos são chamados e poucos serão escolhidos”. Ora, ninguém desenvolve o Reino de Deus, se não nascer de novo. Nascer com novo corpo, mas também, psicologicamente, todos os dias, eis o grande objetivo para se alcançar a perfeição, num trabalho pessoal e intransferível.

O ‘conhecimento de si mesmo’ já era ponto nevrálgico da filosofia socrática, quatro séculos antes de Jesus. Platão, seu discípulo, anotou entre os ensinamentos de Sócrates – tal como Jesus, nada deixou escrito –, a célebre frase “conhece-te a ti mesmo”, como meio de se alcançar a Verdade. Quem já possui, terá condições de ter mais, se assim trabalhar para a ampliação das redes neurais. É preciso, no entanto, buscar incessantemente até encontrar o Todo, e, uma vez alinhado com Ele, ficará maravilhado. Mas o recipiente tem que criar a vacuidade, que representa a eliminação das imperfeições, com a conseqüente abertura de espaço para o fluxo de Deus.

São neste sentido as expressões: *é dando que se recebe; amar o próximo como a si mesmo; quem o bem faz, o bem recebe*; entre outras

congêneres. Todas elas expressam a necessidade de primeiro 'fazer', criando vacuidade, para, automaticamente, 'receber'. Ninguém pode ser beneficente antes de ser benevolente. Ninguém pode fazer o Bem, se não o desenvolveu em si mesmo. Ninguém dá o que não tem. Em matéria de conquistas de valores espirituais, não nos iludamos, nada é gratuito, mas, sim, fruto do esforço inabalável de cada um. Para revelar Deus dentro de si mesmo, é preciso mergulhar nas águas profundas da Fonte, não perdendo tempo em permanecer na periferia do 'poço'.

---

96 XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito Emmanuel. *Fonte Viva*, lição 134.

97 ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho – Apóstolo Tomé*, p. 103.

98 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 193.

# 18. O JEJUM DO MUNDO

“Se não jejuardes em face do mundo, não achareis o Reino; se não guardardes o sábado como sábado, não vereis o Pai”. (*Logion 27*).

Em primeiro lugar, precisamos definir o conceito de ‘jejum’, usualmente empregado. Sugerimos a leitura, em nosso livro *O Segredo das Bem-aventuranças*, 5.<sup>a</sup> parte, em que desenvolvemos uma lição sobre o assunto. Lá dissemos que *jejuar* “é um ato de abstinência total ou parcial de alimentação em determinados dias, por penitência, prescrição religiosa ou recomendação médica. Em linguagem figurada, define-se como a abstenção ou privação de alguma coisa, agora de ordem espiritual. Tudo de que você abrir mão, temporariamente, para que melhor se concentre em Deus, pode ser considerado um jejum (I Coríntios, 7:1-5). Hoje, é comum o interesse cada vez maior, pelo cuidado do corpo, como veículo de manifestação do Espírito. Não só cuidar do Espírito, mas também do corpo, que, segundo a linguagem bíblica, é o templo da alma. Assim, também, é o nosso entendimento, daí o valor sempre atual da famosa citação latina de Juvenal *mens sana in corpore sano* (uma mente sã em corpo são).

Com base nos ensinamentos dos Evangelhos canônicos por ocasião da formação do Cristianismo nascente, por influência judaica, o jejum tinha, praticamente por base, um preceito religioso. Assim é que, segundo as anotações dos escritores de Mateus, Jesus expressa: “E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram os seus rostos, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Tu, porém, quando jejuares, unge a tua

cabeça, e lava o teu rosto, para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente”. (Mateus, 6:16-18). A conotação do jejum é, segundo o conceito dos escritores do Evangelho de Mateus, totalmente uma abstenção de alimentos, como recurso para contatar com o Todo.

Esse conceito constante dos Evangelhos canônicos persiste até hoje, como prática religiosa comum nas igrejas judaico-cristãs. É com frequência que se assiste pelos canais de televisão, a líderes religiosos cristãos que insistem com seu rebanho sobre essas práticas, abstendo-se de certos alimentos por determinado tempo e em determinada época, como forma de purificação e respostas de revelação de Deus. Isto seria, segundo esse entendimento, agradável aos olhos de Deus. Na versão gnóstica, todavia, o jejum não tem esta conotação de abstenção de alimentos. O texto de Tomé foca o ‘jejum do mundo’. O que há de diferença entre ‘jejum de alimentos’, defendido nos textos canônicos e o ‘jejum do mundo’, defendido pelos gnósticos? O objetivo parece, à primeira vista, o mesmo, que é preparar para ouvir alguma revelação de Deus. Na prática, todavia, os objetos são diferentes.

O jejum defendido pelos canônicos é abster-se de ingerir ‘certos alimentos’, como forma de purificação da alma. Jejuar em ‘face do mundo’, segundo os *gnósticos*, é abster-se de certas atitudes negativas em ‘relação ao mundo’, como forma de desapego das coisas materiais que algemam a criatura à prisão terrena, mantendo-as afastadas de Deus. O ideal é possuir, sem ser possuído, ou seja, não ser escravo do que possui. O jejum não é, no entanto, algo que Deus peça ou exija das criaturas, pois, afinal, as Leis do Universo, as quais chamamos de Deus, nada impõem, estando sempre liberadas. O jejum não tem o poder de mudar a Lei, para que Ela se apiade de nós; quem muda somos nós, adaptando-nos a Ela.

Jesus, na versão gnóstica de Tomé, coloca como propósito para a sincronia com a Lei, o ‘jejum do mundo’, abstendo-se de certas atitudes perniciosas que impedem a criatura ‘beber água pura’ na Fonte Maior. Para

esta corrente do pensamento, o mundo é considerado uma prisão e, por essa razão, o quanto mais rápido a criatura conseguir se desvencilhar de seus atrativos, mais rápido poderá voltar à sintonia vibratória com Deus, nos escaninhos da alma, donde partiu, um dia, em busca de experiência. E o texto sob análise complementa, como condição para encontrar o Reino de Deus, esse 'jejum do mundo'. Sendo o Reino de Deus, não um local físico, como ensinam os canônicos, para onde as criaturas serão levadas, os gnósticos advogam que esse reino é um processo em construção num eterno *continuum* na intimidade.

Embora haja um certo exagero por parte dos gnósticos quanto o tachar o mundo, como algo ruím e pernicioso e o corpo físico como 'cadáver', de maneira alguma podemos banalizar a vida corpórea. Não obstante funcione como veículo transitório, ele é necessário para a evolução do Espírito. Somos Espíritos imortais, que preexistem e sobrevivem ao corpo. Devemos usufruir, com felicidade, a nossa existência corporal, tendo sempre em mente que somos imortais, (perdão pela repetição necessária)... O Espírito pode estar no mundo sem prender-se ao mundo. Isto quer dizer, ao encarnar-se, não é proibido a ele usufruir das coisas do mundo. Aliás, seria contrário à Lei de Progresso, uma das Leis Divinas ou Naturais, constante de *O Livro dos Espíritos*, na Parte 3, se nos abstivéssemos de possuir bens materiais necessários à nossa sobrevivência e à de nossa família. A questão de se saber discernir o que é necessário e o que é supérfluo vai depender do estágio de maturidade no qual todos nós estamos inseridos.

Tudo que conquistamos honestamente pelo trabalho é louvável e não há qualquer recriminação. Levar na literalidade a ideia de que "é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que o rico entrar no reino dos céus" é um erro. Trata-se de apenas a uma expressão simbólica da época, e que requer análise apropriada no contexto daquele tempo. Na literalidade do texto, isto é pura fantasia. Tudo vai depender do que o ser faz de suas conquistas materiais. Há tantos 'pobres ricos' quantos 'ricos

pobres'. E aí havia o suborno, o que não existe na Lei Divina, inserida na consciência profunda. Estamos no mundo e precisamos das coisas do mundo. É comum ouvirmos religiosos dizerem que temos de cuidar é do Espírito e não nos preocuparmos com os bens do mundo. Isto é uma bela mentira! O problema não é o *ter*, mas saber usá-lo convenientemente. Cada um de nós será cobrado pela consciência, se 'desprezarmos o tempo', voluntariamente. Essa cobrança só ocorrerá no momento do despertar, cada qual a seu tempo.

O Evangelho segundo o Espiritismo nos traz interessante ensinamento sobre essa falsa ideia de que o homem deve 'abster-se do mundo' como condição *sine qua non* de elevação espiritual, dizendo: "Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai as necessidades, mesmo as frivolidades do dia, mas sacrificai-a com um sentimento de pureza que as possa santificar".<sup>99</sup>

Assim, não é afastando-se do mundo, como fazem os ascetas, que o ser purifica a alma, mas no enfrentamento dos problemas que o mundo oferece como testes necessários para aferir, constantemente, valores espirituais. Se o homem viver insulado, perde a oportunidade de aprender, mesmo enfrentando os mais diversos sacrifícios inerentes à estada na Terra. Aquele, pois, que se isola, priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta.

Entre tantos textos irrealis e místicos que viajam pela Internet, com interpretação dos textos bíblicos em sua literalidade, sem qualquer margem à explicação mais elástica e racional, de vez em quando surgem

pérolas preciosas. Assim, entendemos ser o texto abaixo, *Se você quer jejuar...*, uma dessas jóias, e que reflete exatamente o conceito gnóstico, sobre o 'jejum do mundo'.

Jejue de julgar os outros e descubra o Cristo que vive neles.

Jejue de palavras que ferem e farte-se das palavras que purificam.

Jejue de descontentamento e viva cheio de gratidão.

Jejue de ofensas e injúrias e farte-se de mansidão e paciência.

Jejue de pessimismo e encha-se de esperança e otimismo.

Jejue de preocupações e satisfaça-se com coisas simples da vida.

Jejue de pressões e farte-se de oração.

Jejue de tristeza e amargura e encha o seu coração de alegria.

Jejue de egoísmo e encha-se de compaixão pelos outros.

Jejue de rancores e encha-se de atitudes de reconciliação.

Jejue de palavras e viva de silêncios para escutar os outros.

Jejue de pensamentos de fraqueza e encha-se de romessas que inspiram.

Jejue de tudo o que o afaste do Cristo e procure o que dele aproximar.

A vivência desse jejum é muito mais importante do que qualquer abstenção de alimentos. Esclareça-se, contudo, que, do ponto de vista de *evolução* espiritual, abster-se deste ou daquele alimento, pouco vai resolver. "Pode-se atingir a integridade na condição de fragmento"<sup>100</sup>, no estágio evolutivo em que se encontra, sem que isto seja vinculado à abstenção de comida ou bebida. Ratificamos, há jejuns a que, por recomendação médica, devemos nos submeter por necessidade passageira, ou mesmo durante a vida toda, sem que seja condição para a perfeição.

Hoje, para se ter uma vida física saudável, além do exercício físico, recomenda-se dieta alimentar, que o corpo físico se mantenha em condições ideais para a saúde. Muitas vezes, abstemo-nos de certos alimentos, do uso de certos vestuários, certas distrações, ou de quaisquer outros dos chamados prazeres, perfeitamente lícitos, mas que, a longo

prazo, não serão benéficos a nós próprios. “Tudo me é licito, mas nem tudo me convém...” proclamou Paulo. Façamos tudo com naturalidade, sem qualquer reclamação, procurando tirar o máximo de proveito de nosso estágio de aprendizagem, auferindo lucros eternos de perdas temporárias.<sup>101</sup>

Este *logion* em epígrafe, além de dizer que, “se não fizerdes ‘jejum do mundo’, não encontrareis o Reino”, traz, em sua segunda parte, outra recomendação interessante de que “se não guardardes o Sabbath (sábado) como Sabbath (sábado), não vereis o Pai”. O Sabbath é uma tradição religiosa dos judeus, que advém das leis de Moisés, no 4º mandamento: “Guarde o sábado, que é um dia santo. Faça todo o seu trabalho durante seis dias da semana, mas o sétimo dia é o dia do descanso, dedicado a mim, o seu Deus. Não faça nenhum trabalho nesse dia, nem você, nem os seus filhos, nem os seus escravos, nem os seus animais, nem os estrangeiros que vivem na terra de vocês”. (Êxodo, 20:8). Pelo teor desta lei, os judeus, no sábado, devem permanecer sem fazer trabalho algum.

Esta tradição foi, inclusive, o motivo da maior acusação que os judeus fizeram contra Jesus: praticar cura no sábado. Jesus ensina que: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2.27). Este aforismo acaba com os conceitos errados sobre a função do sábado. O que importa é o descanso, ou a pausa necessária de refazimento, e não que seja especificamente no dia do sábado, pelo contrário, o que se deve levar em conta é reserva de um espaço para as coisas espirituais. A Constituição brasileira, art. 7, XV, sob a ótica da saúde do trabalhador, estabelece o “repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos.”

Como podemos entender sob a visão *gnóstica* o sentido de ‘guardar o sábado?’ Será que é não trabalhar neste dia, literalmente? O que que dizer

‘não verá o Pai?’ O sentido é mais amplo, embora tenha sido interpretado por muitas linhas do pensamento cristão, que têm a Bíblia como sendo ‘Palavra de Deus’, como um dia específico em que não se pode trabalhar. Respeitamos todas as religiões e seus praticantes. Mas a orientação tem por base a necessidade de dar pausa ao trabalho da busca aos bens do mundo, para reservar um espaço para o descanso. Isto é até necessário por questão de saúde. Quem não dá trégua ao corpo acaba adoecendo. “Quem não guarda o dia de descanso para dar descanso ao ego e ativar o Eu, esse não celebra devidamente o dia de descanso”, ensina Rohden.<sup>102</sup> Dizendo de outro modo: precisamos de um espaço no lufalufa do cotidiano para reabastecer do alimento espiritual, e isto requer na expressão de Bonder: “guardar uma pausa na dinâmica e o vazio no pleno”<sup>103</sup>, para que possamos meditar. Então, só veremos o Pai, isto é, sintonizaremos com Ele – dentro de nós – quando criarmos espaço para Sua presença.

Entendamos, portanto, que *jejuar* e descansar (guardar o sábado) não é fugir das tribulações do mundo, mas libertar-se do seu domínio, mesmo nele vivendo. Enquanto totalmente material, o ser está vinculado às injunções do meio social. Não desenvolve potenciais, não faz o que deseja, vive pelo que o mundo impõe, obstando o seu crescimento espiritual. À medida que o Espírito amadurece, gradativamente, entende que jejuar ‘perante o mundo’ é viver no mundo, sem algemar-se a ele. Assim, o descanso é necessário e o tempo será proporcional à necessidade de cada um. Façamos pois, o jejum espiritual, criando condição receptiva a fim de melhor alinhamento com o *Cristo interno*.

---

<sup>99</sup> *O homem no mundo*, capítulo XVII.

<sup>100</sup> BONDER, Nilton. *Código Penal Celeste*, p. 22.

<sup>101</sup> Recomendamos a leitura de nosso livro *O Segredo das Bem-aventuranças*.

<sup>102</sup> *O Quinto Evangelho* – Apóstolo Tomé, p. 50.

<sup>103</sup> Idem, *Código Penal Celeste*, p. 22.

# 19. ALIMENTAÇÃO ESPIRITUAL

Ele disse: “o homem é como o pescador sábio que joga sua rede no mar, e a puxa, cheia de pequenos peixes; no meio deles, acha um peixe tão grande e bom que o pescador sábio devolve todos os pequenos peixes, escolhe o peixe grande sem remorsos. Quem tem ouvidos que ouça”. (*Logion*, 8).

Embora a redação deste *logion* tenha semelhança com a *parábola da rede*, inserida no Evangelho canônico de Mateus, a interpretação gnóstica tem objetivo diferente, já que a história de Jesus em Tomé não está a serviço de nenhuma organização religiosa. Aliás, os *gnósticos* nunca pretenderam instituir igreja alguma. O texto canônico está assim construído: “Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia; e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora. Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos, e separarão os maus de entre os justos, E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. E disse-lhes Jesus: Entendestes todas estas coisas? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor”. (13:47-51).

Para dar sustentação à doutrina do inferno, tudo leva a crer que os instituidores do Cristianismo colocaram na boca de Jesus, como acréscimo, os versículos 49 a 51 do capítulo 13. Afora essas inserções, constantes no Evangelho de Mateus, a mensagem é análoga tanto do *Evangelho Gnóstico de Tomé*, quanto no canônico. No entanto, a parábola é aproveitada pela Teologia da Igreja nascente para fortalecer o dogma da punição de Deus aos seus filhos rebeldes, com o encaminhamento ao inferno. Infere-se

disso que a adição desses versículos tem finalidade escatológica.<sup>104</sup>

Analisemos, por parte, esses versículos, para que percebamos os objetivos dos acréscimos finais, com intuito de dar autenticidade ao dogma criado pela Igreja:

**1. “Assim será no fim do mundo”.** A expressão “fim do mundo” não deve ser tomada em sentido absoluto, porquanto, segundo o ensinamento espírita, os mundos estão sujeitos à Lei do Progresso, subindo na escala evolutiva. Por outro lado, a Ciência tem demonstrado a constante transformação dos sistemas planetários através de morte e renovação das estrelas, e que, para o futuro (milhares ou milhões de anos), o superaquecimento do sol queimará literalmente os planetas à sua volta.<sup>105</sup> Segundo a Lei de Lavoisier, “Em a natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. *Assim será no fim do mundo* é expressão muito utilizada pelas igrejas cristãs, como meio de ‘prender’ o crente à organização religiosa, pelo medo, diante do fatal julgamento final. Também não existe Juízo Final, pois o Espírito está em constante evolução, passando pelas feiras das reencarnações, sempre, em cada uma delas, atingindo degraus diferentes da perfeição. É muito comum ouvir no seio das religiões, inclusive no Espiritismo, esta expressão ‘os tempos são chegados’. É um lema antigo, repetido sempre e até Kardec acatou essa ideia. Em todas as épocas se utilizou deste artifício para colocar a população de sobreaviso. É um alerta místico, como se houvesse uma mudança coletiva, abruptamente. Ora, a mudança é individual e dependente do tempo de cada um. O despertar da consciência eclode individualmente pela maturidade espiritual.

**2. “Virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão na fornalha ardente”.** Trata-se de apenas uma alegoria criada pelos homens. Certa vez, escreveu um escritor oriental: “indagado quando seria

o Juízo Final, Deus respondeu: pergunte-o aos homens!” Precisamos nos liberar da propaganda enganosa que se faz do paraíso e do inferno, um verdadeiro repositório de fantasias criadas pelas criaturas humanas que ainda não entenderam a Lei do Progresso. O sentido do texto é que alguém de fora fará o julgamento, separando os maus dos justos, lançando-os impiedosamente nas chamas ardentes do inferno. Isto é pura alegoria!

**3. “Ali haverá choro e ranger de dentes”.** Esta é outra expressão que tem sentido alegórico tanto no Velho, como no Novo Testamento. O texto de Mateus foi elaborado para apresentar Jesus ao povo judeu, como um enviado, tanto que inúmeras vezes se repetem a frase: “isto aconteceu para que se cumprissem as escrituras”. Precisamos renovar esse paradigma judaico-cristão, de que Deus está de ‘olho em você’ para julgá-lo. E para confirmar se estavam cômnicos da punibilidade, Jesus teria perguntado:

**4. “Entendestes todas estas coisas? Disseram-lhe eles: Sim, Senhor”.** (13:47-51). O texto, obviamente, tenciona com esta pergunta e respectiva resposta, influenciar todos os crentes e que as aceitem como verdade, sem qualquer contestação.

Assim, entendamos que não haverá punição externa de Deus em local ou época alguma. Tudo ocorre no ‘plano da consciência’. Cada um é seu próprio juiz, e o julgamento não está atrelado à necessidade de se aguardar o ‘fim dos tempos’. Na verdade, cada um tem o próprio tempo, de acordo com a maturidade espiritual. O julgamento coletivo, defendido pelo texto canônico (Mateus, 13:47-51) em determinada época, em que Jesus voltaria à Terra para julgar as criaturas, de forma definitiva, selando o destino para toda a eternidade, é uma alegoria miraculosa. O julgamento no sentido *gnóstico* é realizado no foro íntimo, em que as Leis de Deus estão esculpidas, no momento do despertar da consciência. É o mesmo ensinamento constante da Questão 621, de *O Livro dos Espíritos*. Não é

preciso morrer para ser julgado. Ele se dá no ‘aqui/agora’ do despertar, e isto pode ocorrer no plano físico ou espiritual, mas sempre como um ato pessoal. Nada de um Deus julgador, mesmo porque Ele (o uso de Ele é apenas força de expressão) não é pessoa, e sim, Lei Universal.

Atente para o que fizeram os construtores do Cristianismo inicial, na elaboração dos Evangelhos canônicos. De uma história, atribuída a Jesus, tão lógica e singela, cujo objetivo é, sob a ótica *gnóstica*, ensinar aos homens a necessidade de priorizar os problemas, atendo-se aos mais importantes, abstendo-se da perda de tempo com as coisas supérfluas e irrelevantes. Os legisladores canônicos aproveitaram a história para solidificar a doutrina do Juízo Final, com o inferno escaldante e todas as suas criações estapafúrdias. E se existe peça mais aterrorizadora do imaginário humano é o julgamento final, com a contabilidade do que prestamos ao término de nossas vidas. E o pior é que transmitiram isso à massa como ‘Palavra de Deus’, impingindo medo e terror, quando, na realidade, são criações humanas com ares de ‘legislação divina’ que, de tanto se repetirem, acabam-se cristalizando como se fossem verdade divina, com aceitação pela fé que apenas crê, e não pela fé que sabe.

Os interlocutores de Kardec abordaram a questão de o Espírito saber distinguir entre o *necessário* e o *supérfluo*, no capítulo V, do livro III de *O Livro dos Espíritos*. O Codificador, ao expender comentários sobre o assunto, ensina que o limite do *necessário* e do *supérfluo* é relativo, cabendo à razão colocar cada coisa em seu devido lugar. O que é *supérfluo* para um pode ser *necessário* para o outro, ou vice-versa. Daí que, simbolicamente, o homem, ao colher na sua rede as sugestões do mundo, não irá, de uma hora para outra, só colher os grandes peixes (o *necessário*), devolvendo os menores (*supérfluo*). No tempo de cada um, à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo, apura o discernimento, e, ao torná-lo, gradativamente mais apurado, fará melhores escolhas.

Dessa forma, na mesma proporção que o homem vai conquistando maior nível de consciência, também, gradativamente, aprende a lidar com todas as coisas, discernindo pequenas coisas do mundo material, mental e social. É capaz assim, de triar tudo que lhe surge na vida, estabelecendo valores diferentes. Ele vai, paulatinamente, ampliando a percepção, num processo contínuo, distinguindo o que entra na 'rede' de sua vida diária. Muitas vezes, as pessoas fogem de enfrentar certas situações para não se conspurcarem. Perdem, assim, a oportunidade de aprender, pois, são exatamente esses os desafios que se transformam em testes para a aprendizagem. O homem de um patamar mais elevado de consciência recebe na 'rede da sua vida' coisas de toda a espécie, e, depois de joeirá-las, retém, em consonância com seus 'olhos de ver', o que há de mais importante. Aquilo que não mais lhe preenche os interesses, em razão do estágio em que se encontra, deixa de lado, priorizando o que é mais importante. Examinai todas as coisas, disse Paulo de Tarso, e "fikai com aquilo que é bom".

Quando vemos organizações religiosas proibindo os profíctes de lerem determinados livros, ou assistirem a determinados filmes por serem contrários aos seus paradigmas, analiso, do ponto de vista pedagógico, o quanto estão na contramão do processo de aprendizagem. Há, inclusive, algumas que, em nome de seus princípios doutrinários, criam conselhos de 'especialistas' para dizer o que é aconselhável ou não, em termos de leitura, estabelecendo aquilo que a Igreja utilizou por muito tempo, o catálogo do *Índex librorum prohibitorum* (índice dos livros proibidos). Ninguém pode escolher por ninguém. A aprendizagem é um processo pessoal e intransferível, que só acontece quando o sujeito a descobre por si mesmo. As redes neurais só se fortalecem quando o próprio ser experimenta, compara, seleciona e, por fim, se acomoda, reestruturando com os prerequisites já solidificados, acomodando-se. Este é o grande trunfo do livre-arbítrio, que se fortalece nas empreitadas que enfrenta, ao longo das experiências, já que grande parte da aprendizagem ocorre pelo que se chama de ensaio e erro.

Não nos esqueçamos, assim, de que todas as ações são legítimas,

mesmo quando erradas, porque são frutos do livre-arbítrio. Sob essa ótica, afirma Jung: “Erros são, no final das contas, fundamentos da verdade. Se um homem não sabe o que uma coisa é, já é um avanço do conhecimento saber o que ela não é”.

Neste ponto, embora muitos dos seguidores não pensem assim, Kardec, pela formação pedagógica com que fora educado pelo mestre Pestalozzi, é totalmente liberal. Sabe que aprender é um ato personalíssimo e que, na verdade, ‘o professor não ensina, mas ajuda o educando a aprender’. Assim, pelo livre-arbítrio, temos o direito de fazer escolhas, certas ou erradas, pois ninguém aprende pelas experiências dos outros. Aliás, no dizer do psicólogo Carl Roger, ‘experiência não se transfere’. Por isso, o Codificador da Doutrina Espírita recomenda a leitura de tudo, a fim de termos, nossos próprios julgamentos, inclusive de autores contrários ao Espiritismo: “Só os fanáticos leem apenas o que acreditam ser verdade. Para melhorar a nossa lucidez, devemos ler bons textos materialistas também, pois eles nos defrontam com questionamentos críticos muito lúcidos. Devem ler os prós e os contras, as críticas e as apologias, iniciar-se nos diferentes sistemas a fim de poder julgar por comparação”.<sup>106</sup> Para saber escolher o ‘melhor peixe’, excluindo os pequenos, ou seja, para priorizar o que é necessário, abstendo do que é supérfluo, é preciso que se tenha plena liberdade de escolha. A única pessoa que pode decidir se você pode ler ou não, determinado livro, é você mesmo! Quem tem ouvidos, ouça, alertava Jesus.

---

<sup>104</sup> Escatologia – doutrina que procura induzir as criaturas sobre as coisas que devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo.

<sup>105</sup> Informações do *Discovery Channel* e *National Geographic*.

<sup>106</sup> MASSI Cosme, *Jornal Mundo Espírita*, março de 2009, Seminário Sobre a Doutrina Espírita, em 5/3/2009, citando Kardec, *O Livro dos Médiuns*, no capítulo *Do método*.

## 20. EU SOU O TODO

“Disse Jesus: Eu sou a luz, que está acima de todos. Eu sou o “Todo”. O Todo saiu de mim, e o Todo voltou a mim. Rachai a madeira – lá estou eu. Erguei a pedra – lá me achareis.”. (*Logion*, 77).

Eis um *logion* que se destaca de maneira singular dos demais, dando-nos a entender que, segundo os estudos *gnósticos*, não só neste Evangelho, mas também em muitas passagens de João – considerado pelos estudiosos o mais gnóstico entre os canônicos – não é Jesus humano que parece transmitir o ensinamento, mas sim, Deus (Cristo interno, Eu divino) que se expressa através dele. Temos insistido, em comentários anteriores que é preciso distinguir o ‘Jesus humano’, do ‘Cristo interno’ – este, semente em potência imanente em todos os seres. Neste *logion*, Deus (Força Cósmica) flui por Jesus, dizendo: “Sou a luz que está sobre todos. Eu sou o Todo”. Jesus, como ser humano, não poderia afirmar que ele é a origem, mas, em plena sintonia com Deus, poderia perfeitamente ser canal puro de comunicação com o Todo, afinal ele dizia: “Eu e o Pai (Deus) somos um”.

Entendamos, assim, tratar-se de uma declaração da divindade, informando “ser origem e a destinação de tudo quanto existe, num fluxo e refluxo permanente e eterno”.<sup>107</sup> Completando a essência desse *dito*, expressa essa Energia Maior, por meio Jesus, dizendo: “Rachem um pedaço de madeira; lá estou eu; levantem a pedra e me encontrarão ali”. Assim, desde uma simples pedra, ou num pedaço de madeira, Deus, está presente –, passando pelos vegetais, animais e culminando com o homem, Deus está presente. Léon Denis, grande filósofo do Espiritismo, em *o Problema*

*do Ser, do Destino e da Dor*, usa uma forma poética para passar aos seus leitores essa ideia da evolução do Espírito – individualização do princípio inteligente –, lecionando: “o Espírito dorme no mineral, sonha no vegetal, agita-se no animal e desperta no homem”. Entendamos, porém, que antes de atingir a condição de Espírito (escala hominal), a Essência divina manifesta-se nos seres inferiores da criação como princípio inteligente.

Quanto à hipótese de Jesus falar em nome de Deus, temos vários precedentes na linguagem bíblica, tanto no Antigo, como no Novo Testamento. Inúmeras citações no Velho Testamento registram os profetas falando em nome de *Javé*: “Deus disse”, o “Senhor falou”, “Eu sou o Senhor Teu Deus”, e tantas outras alusões de que Deus falara através dos médiuns. Os profetas eram médiuns. Também, em passagens do Evangelho de João, encontramos frases como, *Eu sou a luz do mundo, Eu sou o Pão da Vida, Eu sou a videira*, dentre outras, que nos levam a perceber que não é Jesus que está falando, mas, naquele momento de êxtase e integração, é o Pai (Deus, força cósmica) que, pelas condições de pureza do canal mental de Jesus, é que propiciava plena sintonia para expressar-se. Há confirmação dessa comunicação, quando diz: “Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? **A palavra que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras (Grifamos)**. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras”. (João, 14:10-11). Neste texto, Jesus deixa patente que o que ele faz é obra do Pai, sendo ele um canal de comunicação.

Assim, nós também – tais como Jesus – temos as mesmas potencialidades para nos constituirmos em canal da divindade. Não é uma prerrogativa tão-somente de Jesus, pois afinal, somos todos parte do Todo. É óbvio que esta construção é um processo individual, dependente do tempo de evolução cada um. As Leis Universais (que chamamos de Deus) estão sempre conosco, mesmo que as ignoremos. A sintonia com essas Leis, gravadas na consciência, conforme informaram os Espíritos, na Questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, é captada, pouco a pouco, num

*continuum* ascendente, de tal forma que, na proporção da maturidade adquirida, maiores serão as conquistas em termos de compreensão, paz e harmonia. Nesta mesma linha de raciocínio, Rohden ensina que a presença cósmica (Leis Universais) na criatura só ocorre quando o homem cria em si ‘abertura’ por onde a alma do Universo o possa invadir. O esvaziamento de nossas imperfeições é condição indispensável para que aconteça o preenchimento do espaço íntimo pela Vida em abundância. A abundância, é claro, é proporcional a essa ‘abertura’, individualmente.

Levando-se em consideração que essas Leis estão, ininterruptamente, disponíveis, pois elas são eternas e imutáveis, Jesus mostra que sua missão era ensinar as criaturas a sintonizar-se com Elas, para que tenham ‘Vida em abundância’. (João, 10:10). No entanto – entendamos –, isto não vem de fora, gratuitamente, porque ‘oramos’ mais, ou cumprimos com os dogmas, desta ou daquela crença religiosa.

Jesus alerta: “Trabalha que o céu te ajudará”, ou seja, prepare as condições espirituais, que esta Energia Divina fluirá por você. Esta abundância está na dependência das condições espirituais conquistadas pela própria criatura. Jesus – dizem os Espíritos (Questão 625 de *O Livro dos Espíritos*), é um “guia e modelo”. Só isto. Não irá, portanto, pegar ninguém no colo, como aquela história da ‘Pegadas na areia’, não vai fazer por mim, nem por você e por ninguém o trabalho que cabe a cada um desenvolver. Por isso, trabalhe por sua melhoria íntima, que o céu (Deus) o ajudará. ‘Quem mais tem, mais lhe será dado’. É ele quem diz: “Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas”. (João, 14:12). O Espírito da verdade – Deus em nós – que o homem não conhece e não o vê (afinal, ninguém nunca viu Deus!), mas que, cada um poderá senti-Lo no secreto de si mesmo, *porque habita convosco*, e estará em vós. (João, 14:17).

O Todo não está separado de nós, como já está cristalizado, há vários séculos na memória do espírito, no sentido dualista, em que há uma individualidade enérgica, exigente, monitorando todo o tempo a vida dos “pecadores”, aqui embaixo. Embora seja esse o entendimento da grande maioria, em razão do paradigma adotado, principalmente pelas religiões consideradas abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, não é esse o pensamento atual dos grandes filósofos. “Enquanto as principais religiões ocidentais são construídas sobre um único Deus Todo-Poderoso, as religiões orientais em geral têm muitos deuses, e em algumas, como o Budismo e o Taoísmo, a palavra deus nunca chega a ser usada. As tradições religiosas orientais ensinam que Deus (ou Tao, Brahman, a consciência pura, o Nada etc.) está em toda parte, e a melhor maneira de ‘experimentá-lo’ é *internamente*.”

De fato, a afirmativa implícita é de que Deus é o nosso próprio ser – ou talvez seja melhor dizer que nosso próprio ser é Deus”.<sup>108</sup> Vale repetir o pensamento dos Espíritos coadjuvantes de Kardec de que “Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente”. (Q. 79). Dito de outro modo, o Espírito é Deus presente no homem.

Diferente desse Deus ciumento, colérico do Velho Testamento, que mandava matar primogênitos, seres humanos, cabras, gado, surge a mensagem de Jesus: Deus é amor! Repete ele ainda no Livro de Salmos, insistindo que “Vós sois Deuses”. Temos, assim, a potencialidade divina, um Deus imanente, cuja construção interna fica a cargo de cada um, sem qualquer interferência desse Deus-pessoa. Exclui-se, portanto, essa força externa preconizada pelo pensamento judaico, do deus particular, que protegia o seu povo contra os demais, sempre chamados de adversários. E apresentava, sim, um Deus universal que se manifesta através de Leis Cósmicas idênticas a todos, sem prêmio ou castigo.

É sob esta ótica que o judeu famoso, o físico Albert Einstein, se considerava profundamente religioso, mas em sentido diferente da ideia que se faz de Deus. Dizia ele: “Esqueçam esse senhor de barbas brancas sentado num trono no céu que castiga ou premia nossas ações e responde a cada oração que enviamos da Terra”. E arremata dizendo: “Não creio em um Deus pessoal”. Para ele, “só os ingênuos são capazes de aceitar a ideia do Criador de características humanas, onipotente e onisciente, comum às grandes religiões monoteístas”. E disse mais; “Acredito em Deus que se revela na harmonia de tudo o que existe, não num Deus atento ao destino e às ações da Humanidade”. Pregava ele, assim, a religiosidade cósmica.

Parece-nos que as ideias expressas por Einstein, ao retratar Deus, assemelham-se ao que Jesus ensina no texto do Evangelho gnóstico de Tomé: “Sou a luz que está sobre todos. Eu sou o Todo. O Todo saiu de mim e o Todo retornou a mim. Rachem um pedaço de madeira; lá estou eu; levantem a pedra e me encontrarão ali”. Não se trata de um Deus-pessoa, que interfere no livre-arbítrio das criaturas, impondo sua força, distribuindo sua ira, castigando não só suas criaturas, mas os adversários! Já imaginou Deus ter adversários? Que absurdo! É mais lógico tê-Lo como a Energia Cósmica Universal, expressa por Lei imutável, presente em toda parte, e que, para experimentá-Lo, o melhor caminho é dentro de si mesmo. Deixar, assim, de ver o céu como um lugar, mas considerá-lo com um estado mental. Conforme Jesus, em Lucas e Tomé: “O Reino de Deus está dentro de vós”.

---

107 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 220.

108 ARNTZ, William, CHASSE, Betsy e VICENTE, Mark, *Quem somos nós?* p. 199.

# 21. RENUNCIAR

“Quem ficou rico, saiba dominar-se; quem ficou poderoso, saiba renunciar”.  
(*logion 81*).

Um dos capítulos de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cujos ‘ditos’ teriam sido pronunciados por Jesus, e por se tratar de certas palavras estranhas, contrariando diametralmente a essência de sua filosofia de amor, foi denominado por Kardec de *Moral estranha*. Certas palavras, aliás, muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem tão singular contraste com o seu modo habitual de falar que, instintivamente, se lhes repele o sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto ele vivia, lícito é acreditar-se que, em casos como este, a essência do seu pensamento não foi bem expressa, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter experimentado alguma alteração. Basta que se tenha um erro cometido, uma vez só, para que os copiadoreos o tenham repetido, como se dá frequentemente com relação aos fatos históricos.

Particularmente, acreditamos, diante das ações políticas na formatação do Evangelho, atendendo, prioritariamente, aos interesses da Igreja nascente, que colocaram na ‘boca de Jesus’ o que lhes convinha, como meio de manipular a massa, inclusive analfabeta, que não sabia o latim. Foi Lutero quem traduziu a Bíblia para o Alemão.

A expressão “Quem ficou rico, saiba dominar-se” pode ser interpretada sob dois sentidos: material, baseado nos domínios do mundo, e, no sentido

gnóstico, pela conquista dos bens espirituais. Quem adquiriu conhecimento, tornou-se rico, e sua felicidade não está na medida do seu poder, mas na limitação voluntária do poder, na renúncia àquilo que o poder lhe facultava fazer, e que a consciência manda limitar o mais possível. Renunciar quer dizer restrição voluntária. Quem verdadeiramente sabe, deve sempre servir. Jesus, neste sentido disse: “Eu vim para servir e não para ser servido” e, ainda “Quem quiser ser o maior, há de se fazer o servo do irmão”. O professor para ensinar aos alunos precisa descer de cátedra, para atingir ao nível do entendimento deles.

Destaque-se que muitas palavras e expressões utilizadas há dezesseis séculos – interregno em que o Evangelho de Tomé permaneceu virginal –, não têm o mesmo sentido para nós, no dia de hoje. Este é o caso da palavra ‘renúncia’ empregada tanto nos gnósticos, quanto nos canônicos. “Renunciar Pai e Mãe”, “Renunciar as riquezas”, “Quem encontrou o mundo e ficou rico, que renuncie o mundo” e, no *logion* sob análise, “Quem ficou poderoso saiba renunciar”, entre tantas outras. Não se trata de renunciar, no sentido literal da palavra. Entre tantas frases estranhas que teriam sido pronunciadas por Jesus, que, se aceitas em sua literalidade, jogariam por terra toda a beleza de seu ensinamento moral, citamos, para efeito de embasamento no texto sob análise, a frase: “Aquele que não **renunciar** ao seu pai e à sua mãe não é digno de ser meu discípulo. Nesta frase, o “renunciar pai e mãe” não tem o objetivo de aconselhar o filho a deixar ao abandono aqueles que nos trouxeram ao mundo. Renúncia à família seria a negação da doutrina de amor, ensinada por Jesus.

No entanto, considerando-se que aprender é um ato pessoal e que se realiza na ação, o filho, para alcançar a perfeição, tem que buscar os próprios caminhos. Aquele que não desenvolve o seu crescimento, colocando em ação os próprios potenciais, permanecendo na dependência de terceiros, não evolui.

Assim, renunciar (afastar, temporariamente) pai e mãe, em

determinado momento da vida, é condição necessária para que cada um desenvolva seus valores. Conta-se que a águia, quando o filhote já atingiu determinada idade, empurra-o do ninho, ribanceira abaixo, para que comece a viver por si mesmo. Não levemos ao exagero, mas, aprender é preciso. E o filho precisa andar sozinho, para que construa a sua vida. Veja o que aconteceu com o Filho Pródigo, na Parábola de Lucas, que deixa a casa do pai, para voltar um dia, mais fortalecido pelas experiências adquiridas. A felicidade amplia-se à medida que o ser se depura, integrando-se, por consequência, espiritualmente ao Pai. É bom que se frise que integração é contínua, sendo, assim, relativa. As coisas do mundo por mais importantes que sejam, não se comparam ao êxtase que a alma alcança pelo alinhamento com o Todo.

Quando o Espírito atingir a percepção intuitiva de que ele é a ‘individualização do princípio inteligente’, e que este princípio está nele desde o início, jamais provará a morte. Esta condição se expressa em profunda felicidade, porque o ser compreende que a morte não existe, mas apenas a Vida. Paulo de Tarso soube proclamar essa posição mística, escrevendo: “Nem os olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus (a Lei) preparou para aqueles que o amam”. (Coríntios, 2:9-10). A frase pode ser entendida assim: Mesmo que os olhos não vejam, os ouvidos não ouçam e o coração não perceba, a Lei Universal, contendo Vida em abundância em tudo (saúde, felicidade, amor etc.) está livre como Fonte Eterna, aguardando tão-somente que se alinhem com ela. Usufruir de menor ou maior grau dessa disponibilidade depende proporcionalmente da abertura que cada um cria dentro de si, para o fluxo divino. “Todas as alegrias e delícias terrestres, todo o amor humano, de esposo e esposa, de pais e filhos, de amigos, não passa de vago reflexo e longínqua reminiscência daquela felicidade que a alma saboreia, quando ela se integra totalmente no espírito divino do qual emanou”.<sup>109</sup>

Neste *logion*, sob análise gnóstica, a palavra riqueza não tem conotação

de domínio de bens materiais. É no sentido figurado que riqueza está sendo empregada. Em diversos *logions* (3, 29, 67, 81, 110, combinando com os de número 2 e 80), a temática básica é a abordagem do binômio riqueza/pobreza. Puech lembra que “a palavra *riqueza* está ligada à aquisição e posse de conhecimento (da *gnose*) e *pobreza*, sinônimo de *agnoia* ou *agnosia*, de “perda” ou de “obnubilação da consciência de si mesmo”, de *ignorância* ou de “desconhecimento de si” ou para dizê-lo de outra maneira: de alienação, anoia (anoia = inconsciência, desposseção de si mesmo)”.<sup>110</sup> Sintetizando: *Riqueza* é empregada como sinônimo de conhecimento e *pobreza*, no sentido de ausência de conhecimento.

Nesta linha de raciocínio, encontramos o *logion* 110 que diz: “Aquele que encontrou o mundo e ficou rico, que **renuncie** ao mundo”. Podemos pela ótica gnóstica traduzir este dito da seguinte forma: “Aquele que encontrou o mundo e enriqueceu de ‘conhecimento’, que **renuncie** ao mundo”. Como o objetivo do gnosticismo é a busca do conhecimento, e quem conhece a si mesmo, conhece Deus, o ser, ao atingir estágio de integração, dá importância relativa aos bens do mundo. Não se trata de renúncia do mundo, ‘mas viver no mundo sem ser do mundo’ como asseverou Jesus, ou seja, viver sem se corromper ao poder, ao *status*, ao egoísmo, à violência.

Entendamos, repetindo mais uma vez, não se trata de ‘renunciar’ no sentido literal da palavra, mas de dar importância relativa aos bens do mundo. O mundo é nossa escola de aprendizagem, e, sem ele, não poderíamos fazer as experiências necessárias para a evolução.

Podemos ainda usar a palavra ‘renunciar’ quando já adquirimos a maturidade de saber perdoar. Renunciar ao revide ante ofensa é não ‘passar recibo’ a insultos e provocações com os quais nada temos que ver. Quem já tem o espírito pacificado no dever cumprido, por que entrar em

confronto com aqueles que se encontram na sombra do desespero? Não é justo agravar a situação do ofensor que, geralmente, pode ser portador naquele momento dos mais variados graus de dificuldade, perturbação e doença. Jesus ensina que os 'sãos são chamados a socorrer os doentes!' Esta é uma 'renúncia' de revide que só consegue quem já dispõe de condições de compreender e servir, aliviar e auxiliar. A renúncia no sentido aplicado neste *logion* não se refere a um abandono, mas deixar de 'fazer algo', voluntariamente, por maturidade espiritual, expressando compreensão como ato de amor ao próximo.

Dessa maneira, mesmo que a riqueza fosse interpretada como conquista de bens materiais, nada tem de absurdo ou de pecaminoso. Tudo depende do objetivo que cada um dá à sua vida. Para atingirmos a condição de *estar no mundo, sem ser do mundo*, muitos caminhos temos que percorrer. Nada acontece sem prerequisites, conquistados ao longo da caminhada. Como a natureza não dá saltos, estagiamos, muitas vezes, apegados aos bens materiais, como se fossem o fim único. Aquele que conquista bens, como fruto de seu trabalho, está sendo copartícipe com Deus em suas obras.

Pergunta o moço rico (Marcos, 10:17): "Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Depois de receber como resposta que era necessário cumprir a Lei de Deus, e o moço ter afirmado que sempre fizera isto em toda sua vida, o Mestre aditou: "Falta-te uma coisa, vai, vende tudo o que tens, dá o fruto da venda aos pobres, vem, e segue-me". Conta o texto que, diante dessa última recomendação, o moço abaixou a cabeça e afastou-se muito triste.

O texto deixa a forte impressão de que é condenável ter riqueza material. Ser rico ou pobre é questão de escolha. Você abandonaria os bens conquistados com luta, sacrifício e honestidade? É óbvio que não. O

sentido é outro. Renunciar aos seus bens não é para abandoná-los. Isto não tem sentido e contraria a Lei do Progresso – Terceiro livro de *O Livro dos Espíritos* – à qual todos estamos submetidos. A riqueza é necessária para propiciar bens duráveis para a Humanidade. Quando bem aplicada, contribui para o progresso, para a educação, para a saúde e o bem-estar do povo.

As palavras de Jesus, quando ponderou sobre as dificuldades com que se deparam os maus ricos, referem-se, evidentemente, aos avarentos, aos perdulários, aos egoístas e aos homens duros de coração, que não praticam boas obras e são indiferentes à sorte das massas sofredoras, tão aferradamente estão ainda arraigados aos bens materiais, como terras, casas, dinheiro, objetos etc... do mundo terreno... O homem pode “Ter” e “Ser” ao mesmo tempo, dependendo do seu estágio de compreensão. Isto ocorrerá a todos nós, à medida que alcançarmos o entendimento, pouco importando se estivermos no corpo ou fora dele.

---

<sup>109</sup> ROHDEN, Huberto, *O Quinto Evangelho* – Apóstolo Tomé, p. 113.

<sup>110</sup> PUECH, Henri Charles. *En quête de la gnose apud. Hermínio. C. Miranda, O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 225.

## 22. MORADA DE DEUS

Seus discípulos pediram: Mostra-nos o lugar onde tu estás, pois precisamos procurá-lo. Respondeu-lhes ele: Quem tem ouvidos, ouça! Há luz dentro dum ser luminoso, e ele ilumina o mundo inteiro. Se não o iluminar, ele é escuridão”. (*Logion 24*).

O diálogo que os discípulos mantêm com Jesus, ao que parece, trata-se de uma comunicação mediúnica. Se a conversa é apenas criada pela ‘imaginação’ ou é ‘autêntica’, obviamente, não se sabe. Ao dizer ‘mostra-nos o lugar onde estás’, o que nos transparece é que Jesus – Espírito – falava realmente, de outra dimensão, com seus discípulos. São preocupações deles que permanecem no mundo físico, pedindo informação ao Mestre, após a sua morte. Atentemos para a pergunta: “Mostra-nos o lugar em que estás, pois é necessário que o busquemos”. Essa possibilidade de comunicação direta de Jesus com os seus discípulos está fartamente registrada nos textos canônicos, sem que isso possa se constituir em algo inédito. Segundo os relatos dos textos, Maria Madalena e Pedro eram médiuns e sempre entravam em ‘transe’ para receber informações do mundo espiritual. No caso, nada mais justo, que eles quisessem continuar recebendo instruções que eram dadas, anteriormente, no convívio diário com o **Mestre**.

Saliente-se que os textos de Nag Hammadi nos mostram que a comunicação mediúnica era algo comum entre os *gnósticos*. Ora, não

haveria qualquer despropósito à comunicação de Jesus, que transmitira as bases de seus ensinamentos, quando de sua estada física, que viesse em socorro de seus seguidores, através de médiuns, para dar continuidade às orientações sobre sua doutrina. Para nós, isto é ponto pacífico, a sobrevivência de Jesus na condição espiritual – não o resurreto no corpo de um cadáver –, movimentando em corpo sutil e mantendo-se ao lado de seus discípulos, em intercâmbio mediúnico. Com a codificação do Espiritismo por Kardec, percebe-se que o Espiritismo, com algumas divergências e umas poucas discordâncias nos conteúdos, muito se assemelha às ideias *gnósticas*.

Os textos de Nag Hammadi, assim como os Evangelhos canônicos, destacam em inúmeros apontamentos as faculdades mediúnicas de Pedro. Numa das citações do Texto Gnóstico, na *Carta de Pedro a Filipe* registra-se que Pedro dialogava com alguns discípulos, quando é tomado por um ‘espírito santo’, que transmite mensagem aos circunstantes. Ainda o mesmo texto aborda que Jesus se apresentou numa visão – certamente pelo fenômeno da materialização – a Pedro e a todos os discípulos, e todos ficaram cheios de ‘um espírito santo’ e começaram a promover curas. Informe-se aqui que a expressão Espírito Santo nada tem com a Trindade. Segundo Pastorino, “trata-se de um infeliz entendimento: Em vez de ‘um espírito santo ou santificado (digamos Espírito Puro) a manifestar-se por meio do profeta (médium), passou a ser o Espírito Santo uma das pessoas da Trindade – manifestação do próprio Deus –, criada pela Igreja, na construção do Cristianismo”.<sup>111</sup>

No Livro *Apocalipse de Pedro*, também encontrado na mesma biblioteca, há um trecho que caracteriza a manifestação da mediunidade de Pedro, em que, no encerramento da frase, está assim registrado: “Assim que ele (Jesus) disse estas coisas, ele (Pedro) voltou a si”. A conclusão que se extrai é que Jesus estava transmitindo orientações aos discípulos e ao desligar-se, Pedro voltou a si, após o ‘transe’ mediúnico.

Também não se destacam as faculdades mediúnicas de Maria Madalena que, tal como Pedro, tem seu nome citado várias vezes nos textos canônicos, em que suas faculdades psíquicas são enaltecidas pelos poderes de comunicação com os Espíritos. No caso de Maria Madalena, cita-se, em primeiro, lugar a expulsão de demônios (Espíritos inferiores, mas não demônios, na acepção das igrejas tradicionais) que a assediavam e que foram afastados por Jesus (Lucas, 8:1-3). Depois, temos o caso da aparição de Jesus em Espírito, após a sua morte – que os canônicos anotam como ressurreição da carne –, em que é descrito, com minúcias, o diálogo mantido entre ela e o Mestre. É de supor que ele tenha utilizado dessas faculdades junto aos apóstolos e com as pessoas que eram atendidas por ela no decorrer de seu apostolado.

O que importa ressaltar é que a mediunidade era largamente utilizada nos primórdios do Cristianismo e que os documentos tanto canônicos como *gnósticos* registraram. Não obstante, os cristãos queiram dar outras conotações, afirmando que os diálogos são obras dos demônios, rechaçando toda comunicação mediúnica, nos canônicos encontramos essas manifestações em *Atos dos Apóstolos* e nas *Epístolas de Paulo*. Quando ocorrem manifestações espirituais nas igrejas, se ruins, são obras dos ‘demônios’ e, se boas, do ‘Espírito Santo’ – uma das pessoas da Trindade –, que estão se comunicando. É óbvio que isto não interessa aos profissionais da religião, porque a salvação tem que, obrigatoriamente, vir por meio da igreja!

Voltando à questão sob enfoque, quando os discípulos questionam Jesus, que certamente está utilizando um dos membros, dotado de percepção mediúnica, não responde sobre o local em que se encontrava, mas prefere devolver a eles mesmos a descoberta dizendo: “Dentro de um homem iluminado há luz e ele ilumina o mundo todo. Quando ele não brilha, há trevas”. Essa é a ideia básica do *gnosticismo*, cada um deve buscar por si a luz que traz na intimidade. Como isso é um processo pessoal, a expansão dessa luz ocorrerá de forma normal e gradativa, à

medida que o ser amadurece espiritualmente. Trata-se, assim, de uma ligação individual com Deus, sem a necessidade de igrejas organizadas, padres e bispos. A luz divina está em estado potencial, imanente em todas as criaturas, mas na proporção da evolução, refulge na intimidade da pessoa, e, por consequência, projeta-se em todos os circunstantes.

Mas alerta Jesus que, enquanto essa luz não está desenvolvida, haverá ‘trevas’, quer dizer escuridão, no sentido da ignorância das coisas espirituais. O Reino de Deus na intimidade de cada um é um processo que se amplia pelo trabalho de cada Espírito, na sua caminhada evolutiva. Jesus se utilizou várias vezes, como informam os textos, de linguagem figurada para ensinar aos homens como era esse Reino.

Os Evangelhos destacam várias parábolas, cujo objetivo é ensinar o homem a desenvolver esse Reino, não no exterior, mas dentro de si mesmo. A ideia do *Reino de Deus* já fora alcançada por Jesus, sendo considerado pela espiritualidade como “guia e modelo”. Mas, como transmitir ou despertar nas pessoas rudes e simples, que o seguiam, esses ensinamentos? Era preciso contar parábolas, fazendo comparações com os fatos do dia a dia, para facilitar o entendimento. Assim, dizia: *O Reino de Deus é semelhante: a um grão de mostarda, a um fermento, a uma rede de pescar, a uma criança, a ‘dez virgens’, a uma ‘pérola preciosa’ etc.*<sup>112</sup>

“No entender dos gnósticos, o objetivo final era a reunião com Deus, uma volta às origens, um retorno à remota condição primária de paz e harmonia, em dimensão onde, no poético dizer do Evangelho de Tomé, *a luz nasce de si mesma*, (*logion* 50), ou seja, é incriada. Dali partira o ser humano, portador da fagulha divina, mas, de certa forma, separando-se de Deus, ao passo que antes era um com Ele. Uma vez dividido e aprisionado na matéria, todo o seu esforço deveria concentrar-se em recuperar o estado primitivo de felicidade. Para isso, muito mais importante do que

conhecer o mundo era “conhecer a si mesmo”, dado que é por aí que se aprende a conhecer Deus”.<sup>113</sup> No final deste texto, e em nosso livro *Filhos de Deus – O amor incondicional* exemplificamos, de forma didática, como funciona o mecanismo de crescimento do homem, portador da fagulha divina, rumo ao Infinito.

Analisemos agora mais uma parte deste *logion*, em que Jesus afirma: “Nós viemos da luz, lá onde a luz nasce de si mesma, surge e se manifesta em sua imagem”. Ele é também mencionado no *logion* 50. É uma afirmação de grande profundidade, que requer seja desvelada para que entendamos os conceitos de *luz criada*, ou seja, a *luz que nasce de si mesma*.

Ao golpear com toda força, com pesado martelo, um pedaço de uma pedra até quebrá-la, a pedra inteira resultará em pedaços de pedra. O mesmo ocorreria se fosse quebrada uma jarra de vidro, obter-se-iam pedaços de vidro, e assim também com a madeira, o ferro, o barro, etc. Tudo aquilo que se quebra produz pedaços de si mesmos e torna-se algo menor do que era antes. Mas se tivéssemos que quebrar uma partícula, obteríamos um pedaço de partícula? Os cientistas descobriram que, ao quebrar sucessivamente essas partículas, obter-se-iam outras partículas, porém instáveis, de tal sorte que, com curtíssimo tempo, elas desapareciam (decaíam) em forma de luz ou fóton! As partículas atômicas são feitas de luz ou fóton. Assim qualquer coisa que existe em forma de matéria, necessariamente, é feita de luz ou fóton, e toda realidade física é feita de fótons; nós, as pedras, as árvores, os bichos, a água, o fogo, os planetas, as estrelas, as galáxias, o cérebro humano. O fóton, primário, em sua energia, torna-se partícula elementar do universo, no quantum de energia, que é a menor quantidade de energia existente na realidade física.<sup>114</sup>

Assim, tudo que existe, origina-se na Luz, não a luz criada, mas a *Luz criada*. O princípio inteligente (Luz) projeta-se em tudo. Assim é que, no homem, o Espírito é *individualização* desse princípio inteligente, uma

projeção da luz incriada, causa primeira de todas as coisas, como afirmam os Espíritos, na questão n.º 1, de *O Livro dos Espíritos*. Essa luz incriada é a gênese da vida, energia pura, inteligente e criadora de tudo. Essa luz é invisível na sua origem, mas se manifesta a sua imagem. Podemos entender essa luz primeira, incriada, como o Pai vivo que manifesta sua essência em tudo que existe. Em outras palavras, tudo existe n'Ele, ou ainda, no dizer de Paulo: Nele vivemos, nos movemos e existimos. (Atos, 17:28). É neste sentido que Jesus, repetindo o salmista diz: 'Vós sois deuses'. Podemos, por analogia, acrescentar: 'Vós sois luzes' ou, 'Vós sois fótons'. Somos projeções, em forma de fagulhas, dessa Energia incriada.

No Livro de Gênese, do Velho Testamento, os escritos atribuídos a Moisés, quando se referem simbolicamente à criação, dizem que, a princípio Deus criou a luz, dizendo *Fiat Lux*. Rohden refere-se a esta percepção do escritor com um ato de grandiosa intuição cósmica. Essa luz criada é a projeção da luz incriada em tudo que existe. Assim, tudo é lucigênito. Isto quer dizer tudo tem gênese na luz. No homem, a mais alta emanção da luz divina, é o Cristo que está presente em todas as criaturas. Assim, todos independentemente de crença, trazem em si o *Cristo interno*, que é a imagem, ou a semente de Deus. Todos somos potencialmente luzes, mas nem todos estão plenamente atualizados. Essa atualização manifesta-se num *continuum* infinito, pois encontramos, gradativamente, removendo a luz escondida debaixo do velador do corpo material.

O título deste capítulo está nominado como Morada de Deus e, na conclusão do *logion* 50, analisado em conjunto com o n.º 24, Jesus arremata: Se lhe perguntam: - Qual o sinal do Pai que está em você? (Faz morada, acrescentamos). Digam-lhes: - é um *movimento* e um *repouso*, ao mesmo tempo. Ancoramos aqui, mais uma vez, em nosso livro *Filhos de Deus*, em que filosofamos sobre a Parábola do Filho Pródigo. O Filho mais moço estava no repouso, ou seja, integrado no fragmento (etapa) do Todo com o Pai (Lei Divina). Em relação ao crescimento infinito, precisava colocar

em *movimento* seus potenciais e sair da Casa do Pai (sintonia com o Cristo interno) e percorrer nova etapa evolutiva, aprender por ensaio e *erro* e voltar para o *repouso* novamente. “O processo evolucionar do homem pode ser comparado a uma espiral. A cada retorno à Casa do Pai, sob a égide da Lei Divina, aprende-se um pouco mais. Há um estado de acomodação (repouso) por um determinado tempo, para, logo em seguida, incursionarmos em novos desafios (movimento), num processo infinito.

Afinal, haverá sempre pequenos acréscimos no patrimônio espiritual nesses *retornos*. Aliás, é esse o roteiro comum a todos os seres, sem quaisquer privilégios. Todos, para desenvolver seus potenciais, passam pelas mesmas estradas. O homem Jesus, para alcançar o estágio de *modelo* e *guia*, andou pelos mesmos caminhos”.<sup>115</sup> Piaget, psicólogo, explica o processo de aprender, através de um *continuum* de equilíbrio (repouso) e desequilíbrio (*movimento*).

---

<sup>111</sup> PASTORINO, Torres. *Sabedoria do Evangelho*, Vol. 8.

<sup>112</sup> BOBERG, José Lázaro, *Nascer de Novo Para ser Feliz*.

<sup>113</sup> MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 51.

<sup>114</sup> RAMOS, Osny. *A Física Quântica em Nossa Vida*, pp. 45-46.

<sup>115</sup> BOBERG, José Lázaro. *Filhos de Deus*, p. 47.

## 23. A VIDEIRA

Disse Jesus: “Uma videira foi plantada fora daquilo que é do Pai; e, como não tem vitalidade, será extirpada pela raiz e perecerá”. (*Logion 40*).

A videira quem planta é o Pai, não somente em Jesus, mas em todas as criaturas. Na Carta aos Hebreus, atribuída a Paulo, Deus o teria inspirado, dizendo: “Porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei”. Dito de outra forma, é do mesmo teor a resposta dos interlocutores espirituais de Kardec, quando questionados. A Lei de Deus está gravada na consciência (Questão, 621). Os textos bíblicos usam ‘coração’ como sinônimos de ‘consciência’. Há certo interesse em dizer que o tronco da videira é Jesus e os ramos os homens, no sentido de conduzirem os filiados a aceitarem que é somente através de Jesus, como o ‘único’ caminho que ‘salva’, e, por consequência, através dela, a Igreja. Na verdade, é preciso refletir sobre o texto criado pelos teólogos. Apenas, a título de curiosidade, são 33% da população mundial, segundo as últimas estatísticas, dos que se declaram cristãos. E o resto da população, a grande maioria, não irá se salvar? Isto requer maiores reflexões.

Após pesquisa minuciosa sobre o assunto, Marvin Meyer, no documentário do *Discovery Channel*, afirma: “No Evangelho de Tomé, Jesus parece transmitir uma estranha mensagem, um ensinamento secreto, muito diferente do contido nos Evangelhos tradicionais. Eles ensinam que Jesus é o único filho de Deus e o Evangelho de Tomé sugere que todos nós somos filhos de Deus. Ele diz: “Quando conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos e entenderéis que sois filhos do Pai Vivo”. Essa ideia de

que Jesus é o único filho de Deus é, apenas, uma montagem para dar sustentação à doutrina da Trindade. “Em outras palavras, se Jesus pode ser aceito como o filho de Deus, todos nós também somos filhos de Deus. Ele não tem nada do que não podemos ter. Nós podemos ter o mesmo tipo de relacionamento com a divindade, o mesmo tipo de relação com Deus”.<sup>116</sup>

Nesse entendimento, ratificamos o sentido de que a gênese de tudo está em Deus, ou outro nome que se quer dar. O certo é que ‘do nada não surge nada’. Tem que existir o primeiro motor, como conceituou Aristóteles. Entendemos que as concepções de Darwin sobre a origem das espécies e sua evolução não excluem um princípio inicial. Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, segundo os Espíritos. Em linguagem simbólica, Jesus ensina, entre tantas outras comparações, que o Reino de Deus é semelhante a um *grão de mostarda*, uma pequenina semente, que é a projeção da *luz incriada* nos seres da criação.

Assim, a videira é o reflexo da semente inicial que se desenvolveu, criando ramos que também se utilizaram da seiva divina para o crescimento. Neste sentido, Jesus pela sua condição de Espírito mais evoluído, por seus próprios méritos, através de inúmeras experiências, ensinava que todos poderiam, igualmente, sintonizar com Deus. É óbvio, cada um a seu tempo.

Ao comparar-se com o tronco da videira e os homens aos ramos, Jesus não quer, com isso, dizer que seja ele somente o Filho, muito pelo contrário, mostra-nos que a Fonte primeira é igual para todos, já que a vitalidade parte de Deus e flui pelo *Cristo interno* (semente d’Ele) em cada criatura. Então, se Ele flui em Jesus, flui também em mim, em você. A única diferença, é a condição de recepção individual. O texto alerta de forma apocalíptica as consequências aos ramos (nós, as pobres criaturas), se não

produzirem nada: serão ‘arrancadas por suas próprias raízes e serão destruídas’, sem pena! Que coisa horrível e apavorante, se a Lei de Deus agisse dessa forma. Vejamos a interpretação *gnóstica* do texto: Somos dotados de livre-arbítrio, e, portanto, com direito de errar, quantas vezes forem necessárias, sem qualquer condenação externa. A correção é feita por nós mesmos e, o importante, quando entendermos como errado o ato praticado.

Muita gente pensa que Deus – (o Deus pessoal, claro) está à cata dos filhos que erraram, pronto para punir os faltosos. Essa a ideia do Deus pessoal, severo, surgida do deus particular judaico, acabou, por consequência, contaminando os ensinamentos de Jesus, cuja doutrina foi “criada” pelos teólogos, após o Concílio de Niceia. Repetimos uma vez mais, o Cristianismo que temos não reflete os princípios dos ensinamentos de Jesus; foi construído pela Igreja, com respaldo dos Imperadores, para dar sustentação política ao Estado Romano. A Lei Divina não está estruturada para dar combate ao mal; ao contrário, sua abordagem é sempre positiva, no sentido do aperfeiçoamento do ser. Assim, quando atritamos com Ela, isto é, atuamos em sentido contrário, não haverá nunca um Juiz severo pronto a nos punir, mas a própria consciência – quando for despertada – entender como ilícito; o ato praticado sugere mudanças para encontrar o equilíbrio.

Assim, você não precisa, quando detectar um equívoco cometido, cair em lamentação como se o mundo fosse acabar. Isto faz parte do jogo da aprendizagem. Errar não é pecado, aliás, é através do erro que se desperta quando se está em dissonância com a Lei. “Todas as ações são legítimas, mesmo que ilícitas porque derivam-se do uso do livre-arbítrio”.<sup>117</sup> Exclua, portanto, a ideia que as religiões lhe colocaram na cabeça, de que ‘você é um pecador’ e que por isso será punido por Deus. Ora, Deus não julga, nem pune ninguém! Entendamos como educativos os momentos do despertar da consciência. Quando somos despertados pela dor, é porque algo errado está se passando conosco e, para ser normalizado o

desequilíbrio, a única coisa que precisa ser feita é corrigi-lo o quanto antes. Então, esse momento é de redenção, de volta ao equilíbrio, de encontro com a paz.

Seria um absurdo, assim pensarmos, que seríamos ‘arrancados’ pelas próprias raízes e, em seguida destruídos. Somos seres imortais e jamais, do ponto de vista espiritual, morremos. Por mais que erremos, a Lei sempre está à nossa disposição, quando mudamos a nossa conduta. Jesus, n’O Evangelho de Tomé, alerta, revelando o seu caráter místico, que “Quem descobrir o sentido destas palavras não provará a morte”. O Evangelho usa de forma simbólica a expressão: ‘Deus está sempre de braços abertos’. Esta expressão está retratada na Parábola do Filho Pródigo, de Lucas, quando o pai do jovem diz que seu filho estava ‘morto’ e reviveu, estava no ‘Ego’ e passa para o ‘Eu’.

O que podemos entender, nesta ótica, que, o Espírito, quando não se alinhar com a Lei, terá suas oportunidades dificultadas e se manifestará como ‘morto’, até que entenda o verdadeiro sentido da vida. São as pessoas que passam pela vida e diante da omissão aos valores maiores, manifestam-se como *mortas-vivas*. Os *gnósticos* usam a palavra ‘morte’ no sentido metafísico, ou seja, o ser permanece no plano do ego humano, ignorando o Eu divino no homem. Também nos canônicos, encontramos essa recomendação gnóstica, dada aos discípulos: “Ide e ressuscitai os mortos”. É claro que é o sentido metafísico, de despertar aqueles que se encontram ‘mortos-vivos’.

No Evangelho de Mateus, 5:24, um dos canônicos, há ainda a ideia da “poda”, tão conhecida pelos agricultores, e que é associada aos galhos produtivos. [...] “e poda (limpa) toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto”. Em considerando o Evangelho de Tomé, mais antigo, conforme já se argumentou, o texto deve ter recebido acréscimo, com esta palavra. Podar

na agricultura quer dizer cortar ramos, galhos pequenos. Então será podado ou purificado, para que produza fruto mais abundante, ainda. Poda na árvore é o corte dos galhos que roubam a seiva do corpo central, dificultando um fluxo maior de energia. No homem, a poda ou limpeza é um processo pessoal, em que se procura, pela maturidade adquirida, eliminar todos os cascos mentais represados pelas emoções desequilibradas – ódios, ressentimentos, mágoa, falta de perdão –, bloqueando a perfeita conexão à Fonte.

Só produz fruto útil quem se purifica das sujidades mentais que retém. Quem mais tem mais lhe será dado e terá em abundância. Quem está produzindo fruto, à medida que continua desfazendo-se das atitudes más, ou seja, podando os pequenos desejos do ego, fortalece-se e canaliza maior quantidade de seiva divina.

---

116 MEYER, Marvin. Discovery Channel - *Mistérios da Bíblia: Os Evangelhos Perdidos*.

117 BONDER, Nilton. *Código Penal Celeste*, p. 16.

## 24. FARDO LEVE E JUGO SUAVE

Jesus disse: “vinde a mim, porque o meu jugo é suave e o meu domínio é agradável – e achareis repouso para vós mesmos”. (*Logion*, 90).

Este é um dos textos já conhecidos pela grande maioria, inserido nos sinóticos, ou mais precisamente, nas anotações atribuídas a Mateus: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (11:29-30). Percebe-se que a construção fraseológica do discurso canônico está vazada em linguagem mais apurada. O nosso objetivo, no entanto, é a análise sob a visão gnóstica, cuja meta do Espírito, uma vez mergulhado na carne é, prioritariamente, o autoconhecimento e a busca incessante na integração do Espírito ao Todo. É o que sugere Jesus “Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, será estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado - e então terá domínio sobre o Universo” (*logion* 2).<sup>118</sup>

Para melhor nos situarmos, vejamos, primeiro, o sentido etimológico da palavra, segundo o Dicionário Houaiss: jugo: Vem do latim *jugu*, *jugum* = jugo (a que se atrelam animais); junta de bois, parelha de cavalos; jugo (símbolo de submissão ou escravidão constituído por uma armação de lanças debaixo da qual os vencidos eram obrigados a passar); sujeição imposta pela força ou autoridade; opressão. Assim, o jugo simboliza a disciplina de duas maneiras: ou ela é sofrida de modo humilhante por imposição do opressor, ou a disciplina é escolhida voluntariamente e conduz ao domínio de si, à unidade interior com Deus.

Em *O Novo Testamento* a palavra 'jugo' aplicada por Jesus tem, obviamente, o sentido figurado, querendo dizer que aqueles que seguissem os seus ensinamentos, mesmo diante das maiores dores e sofrimentos, aceitariam de forma leve. Exemplificando: Conscientizados de que somos transeuntes (*logion*, 43), e de que nossa morada na Terra é transitória, o que **se leva** desta *vida* é a **vida que se leva**, conforme o aforismo popular. A somatória dos valores espirituais conquistados é o que em conta ao desvestirmo-nos do corpo físico. E, assim pensando, o ser vê a vida sob outra ótica, sabendo que a conquista material faz parte do processo evolutivo, mas tem plena ciência, também, de que a morte física não aniquila o espírito, pois somos seres imortais. Na descondensação do corpo molecular, na realidade não existe morte, mas, uma reciclagem, cujos componentes atômicos voltam à terra para a constituição de outros corpos; o Espírito é Vida, e, por este motivo, jamais morre. É o sentido da Lei de Lavoisier: "Em a natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". É óbvio que, com esta visão de futuro, o fardo sempre se tornará mais leve, fazendo-nos caminhar na Terra, mesmo enfrentando todas as agruras, pois, o peso é diminuído pela compreensão.

Todo ser, no seu tempo devido, alcançará esse conhecimento, mas a apreensão dependerá do grau de percepção. A largada, como se fora uma corrida, é igual para todos, no entanto, a chegada ao alvo é fruto da experiência de cada um. Os interlocutores de Kardec ensinam que os Espíritos começam na 'simplicidade e na ignorância', isto é, sem conhecimento. Assim, a maturidade nos conduzirá a ter paciência em relação aos companheiros de jornada, pois cada um se encontra em estágio evolutivo próprio. E todo julgamento nosso está pautado no nosso 'metro', ou seja, em valores conquistados que são, necessariamente, diferentes dos outros, sendo, portanto, temerário, pois a aferição é toda baseada em códigos pessoais. Quando entendemos que o sofrimento é consequência das escolhas erradas, não transferimos a culpa de nossas desditas aos outros ou, quando não, a jogamos nas costas dos Espíritos ou no 'castigo' de Deus! É mais fácil colocar-nos como vítima diante das adversidades, do que assumirmos responsabilidade pelas atitudes tomadas.

Há muita deturpação da doutrina de Jesus, em benefício próprio, transformando os seus ensinamentos em verdadeiros *ditames* que ele mesmo combateu em sua época. São os ‘falsos profetas’, ou, então, os hipócritas os quais o Mestre chamou de “túmulos caiados”, puros por fora e cheio de podridão por dentro...

As religiões têm a responsabilidade de preparar seus filiados para o desenvolvimento dos valores espirituais, de tal sorte que possam eles, com confiança e serenidade, enfrentar os problemas inerentes da encarnação, por mais difíceis que sejam como fardos leves. É trabalho de mudança interior que não ocorrerá jamais, sem o trabalho árduo de cada um. Não é entregando nas mãos de Jesus ou de Deus, *deixando a vida me levar*, como diz a canção popular, sem esforço pessoal, que se conquistam os valores da alma. As recomendações do Mestre: Pedi e vos será dado; buscai e achareis e, batei à porta e vos será aberta, são orientações para que as pessoas coloquem em ação os seus potenciais. Colocar um jugo leve, um domínio suave sobre a vida dos Espíritos, é dar a eles o ensinamento necessário para que consigam atingir a consciência da ação do amor universal, mas respeitando o direito de não aceitar esse sentimento.

É neste sentido que Francisco Cândido Xavier, referindo-se à responsabilidade de cada um, ao envidar os melhores esforços para a conquista dos valores íntimos, ensina:

[...] Muitos ficam na expectativa do socorro do Alto, mas não querem nada com o esforço de renovação; querem que os Espíritos se intrometam na sua vida e resolvam os seus problemas... Ora, nem Jesus, quando veio à Terra, se propôs resolver o problema particular de alguém... Ele se limitou a nos ensinar o caminho, que necessitamos palmilhar por nós mesmos. Muita gente nos procura e pede orientação; a orientação vem, frustrando aqueles que esperavam uma solução acabada para o seu caso... Às vezes, o problema é de perdão, é de ódio. Os Espíritos Amigos nos aconselham o entendimento, o olvido das ofensas recebidas... Se não queremos esquecer, que é que eles poderão fazer?!...<sup>119</sup>

Os que se conscientizam dos ensinamentos de Jesus e os praticam são comparados a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e os que não os praticam serão comparados a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia. (Mateus, 7:24-27). Aqueles que se alinham com o Eu, dentro de si mesmos, são semelhantes aos que construíram casa sobre rocha e já são capazes de encarar o problema como um *jugo suave* e um *domínio agradável* encontrando o *repouso* para suas almas. Encontrar o repouso, em linguagem atual é entrar no estado de *paz que o mundo não pode dar*.

Assim, o que Jesus ensina, na visão gnóstica, não é domínio ou opressão em que a criatura age por um dever, mas, sim, a descoberta por si mesma, um *querer* espontâneo, fruto da maturidade ao longo dos tempos. O ego humano tem sempre essa 'paz do mundo' ligada tão-só aos desejos do *ter*, sem qualquer afinidade com o *ser*. Quando Jesus afirma que está no Pai e o Pai está nele, está em estado de plenitude com o Todo, simbolizando a casa construída sobre rocha.

Então, *jugo* e *domínio* subentendem um dever, pelo qual o homem deve se submeter a alguém relativamente superior. Aceita-se a sujeição por um comando externo, *renunciando-se ao seu querer*, que se identifica com a perda da liberdade. Ora, perder a sagrada liberdade de escolha, certa ou errada, é estacionar no tempo, cerceando o direito de desenvolver os potenciais. O aprender é um ato pessoal não impositivo, que traz ao aprendiz felicidade ao vislumbrar novos horizontes. "E como pode alguém ser feliz e achar repouso, enquanto deve algo a alguém e não goza de liberdade própria? Não implica esse fato uma contradição? O dever, o jugo, a servidão, não destroem a liberdade do homem? E como pode ser feliz quem não é livre?".<sup>120</sup> No entanto, Jesus diz, "Vinde a mim", dando a entender: Eu tenho a chave para que esse jugo seja suave e esse domínio seja agradável.

Só conseguiremos aplicar essa proposição de Jesus pelo autoconhecimento, no encontro com o nosso *Cristo interno*. Quando o homem, no tempo próprio, desperta para o fato que há algo maior do que os atrativos do mundo, conscientiza-se do poder divino dentro de si. Na limpeza interior de seus canais, a Energia flui, e o ser transforma o externo *tu deves* obrigatório, em um íntimo *querer espontâneo*. É neste momento que o jugo deixa de ser imposto e torna-se suave e o domínio coercitivo torna-se agradável. E aí haverá repouso, ou seja, paz interior, manifestado por ato de prazer. Lembremo-nos de que nós também, assim como Jesus, podemos dizer *Eu e o Pai somos um*. Não se trata de jogo de palavras, mas de um processo de conquista, ensinado pelo Mestre, *tudo que eu faço vós também podeis fazer e muito mais*.

---

118 Já comentamos este *logion* 2, na lição, 14, deste livro.

119 BACCELLI, Carlos A. *Evangelho de Chico Xavier*, lição 197.

120 ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho* – Apóstolo Tomé, p. 117.

## 25. SEMELHANTE A UMA CRIANÇA

“Jesus viu crianças de peito mamarem. E ele disse a seus discípulos: essas crianças de peito parecem com aqueles que entram no Reino. Perguntaram-lhe eles: se formos pequenos, entraremos no Reino? Respondeu-lhes Jesus: se reduzirdes de dois um, se fizerdes o interior como o exterior, e o exterior como o interior, se fizerdes o de cima tal como o de baixo, se fizerdes o masculino e o feminino, de maneira que o masculino não seja masculino e o feminino não seja mais feminino – então, entrareis no Reino”. (*Logion 22*).

A recomendação de Jesus de que, para se desenvolver o Reino dos Céus, é preciso ser *semelhante* a uma criança – e não uma criança –, é também citada nos canônicos. “Em verdade vos digo que quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele” (Marcos, 10:14-15). Allan Kardec<sup>121</sup>, referindo-se a essa passagem em que Jesus, diante de algumas crianças, afirma que “o Reino de Deus é para os que se lhe assemelham”, evidencia a importância da pureza de coração, destacando a sintonia necessária entre a simplicidade e a humildade. O Reino de Deus é para aqueles que se *assemelham* à criança, tomando a infância como emblema dessa pureza.

Aparentemente, essa comparação, do ponto de vista da doutrina da reencarnação, poderia estar fora de sentido, porque muitas vezes o Espírito da criança pode estar repleto de imperfeições, em razão das existências passadas, e não teria nada de pureza. No entanto, comparando-se à vida presente, a criança sempre manifesta nas primeiras idades a aparência de inocência, mesmo porque ainda não teve oportunidade de manifestar suas

tendências instintivas. Por essa razão, Jesus, segundo o texto de Marcos, não disse que “o Reino de Deus não era para elas, mas para os que se lhes assemelhassem”. Daí Jesus, sem embargo da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.

E os discípulos, não tendo entendido a comparação feita por Jesus, de que o Reino de Deus é para os que se *assemelham* à criança, perguntam: “se formos pequenos, entraremos no Reino?” Prevalencia, na época, a vaga ideia de que o Céu era um lugar para onde se ia, mediante a filiação a uma instituição religiosa – uma espécie de terceirização –, quando, na realidade, é processo de **trabalho pessoal** e gradativo para o desenvolvimento de Deus na intimidade. E a resposta de Jesus vem acompanhada de uma extensa programação, cujo teor manda que cada um busque o seu autoaperfeiçoamento, numa jornada de profundas e radicais modificações. É preciso que elevemos nossa frequência para sintonizarmos com as Leis do Universo – que chamamos de Deus, porque nossos pensamentos, sentimentos, palavras e atos de baixa densidade nos colocam fora dessa conexão.

Tudo no Universo se move por vibração e ondas de frequência. Eis o programa proposto por Jesus, para que os discípulos desenvolvessem esse Reino de Deus.

### **1. Fazer de dois um**

É neste sentido que no logion 106, Jesus de Tomé ensina: “Quando fizerem de dois, um de vocês se tornarão filhos do homem. E, então, se disserdes a este monte *retira-te daqui* – ele se retirará”. Para se chegar ao estágio da *fé* que *sabe*, o Espírito, obviamente, passa, primeiro, pela *fé* que *crê*; isto é um processo natural da Humanidade que, a princípio aceita o que lhe é transmitido sem passar pelo crivo da razão. Nessa fase, sob o aspecto religioso, o proficiente segue, sem qualquer contestação, os dogmas que os teólogos criaram – por interesse de domínio político –, aceitando tudo na maior naturalidade. Jerônimo Mendonça, *o Gigante Deitado*, dizia-nos que, nesta fase, os homens são ainda ‘crianças

espirituais'. Os dirigentes estabelecem cânones, e, para que sejam aceitos pela fé, dizem ser 'Palavra de Deus'.

O gnosticismo considera que, quando o ser se encontra mergulhado na matéria – encarnado – ainda estagia na fase de afastamento vibratório da Luz geradora, estando em estado de embriaguez, o que o impede de se transformar no canal puro de fruição da Fonte geradora. Há uma espécie de alienação em relação a Deus, o que ocorre com a grande maioria da Humanidade. É em relação a essa faixa de entendimento que Jesus recomendou aos discípulos que, ao pregarem, 'ressuscitassem os mortos'; morto no sentido de alienação, quando o ser permanece ignorando a presença do Eu-divino que é Espírito de Deus individualizado na intimidade. São os chamados *mortos-vivos*: permanecem anestesiados pelos atrativos da *porta larga* do mundo, alheios de sua integração com o Todo.

Chega, não obstante, um momento e, para isso, cada um tem o seu tempo, em que, pela lógica, não dá mais para aceitar sem reflexão. Assim, sem medo, contestam-se os dogmas criados na formatação do Cristianismo – Doutrina da Trindade, céu e inferno com julgamento de Deus, pecado, nascimento pelo Espírito Santo, salvação pela fé, e tantos outros que foram inseridos nos textos canônicos como 'verdades divinas', cujos autores foram os próprios homens. Só chegaremos, no entanto, a essa compreensão, quando fizermos "de dois um". Em outras palavras, enquanto crê, sem raciocínio, o homem sente-se como uma dualidade – corpo e alma. Ao manter viva a consciência de que somos parte integrante de Deus, estamos, passo a passo, fazendo de dois – Deus e a criatura – uma só coisa.

A ideia de estar 'separado de Deus', vem de muitos milênios: "Ele lá em cima e nós aqui embaixo". "Enquanto não houver perfeita unidade e harmonia entre o elemento humano e o elemento divino da natureza humana, não haverá poder espiritual".<sup>122</sup> Ao se integrar com o Eu divino, presente em todas as criaturas, desperta o chamado "Filho do Homem"; a

*Fé* que *sabe* é consequência de um processo evolutivo, em que esse estado crístico se manifestou em Jesus, e em outros Espíritos luminosos. Não se trata de prerrogativa de Jesus, tão-somente: “tudo que eu faço (e, também alcancei) vós também podeis fazer (e alcançar) e muito mais”, disse ele.

Entendamos, todavia, como bem esclareceu Kardec, que essa montanha não se refere a um monte material. “As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má-vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, como nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer”.<sup>123</sup> Assim, ao fazermos ‘dois em um’, harmonizamo-nos com o Todo, usufruindo das forças cósmicas do Infinito, na proporção do volume do recipiente.

## **2. Fazer o interior semelhante ao exterior e vice-versa**

À medida que o homem, no seu processo evolutivo, se integra com as Leis Universais traz para si a ordem, a paz e o equilíbrio. Uma vez harmonizado consigo mesmo, consegue, na mesma proporção, transferir este estado de aprendizagem aos componentes do ambiente em que vive. Isto é verdadeiro, porque ninguém pode dar o que não tem. Só projetamos no exterior o que já conquistamos em valores espirituais. Quando Jesus enfatiza *amar o próximo como a si mesmo*, está, em outras palavras, dizendo que só podemos amar no nível em que desenvolvemos esse amor em nós mesmos. Daí entendermos que o Reino de Deus, dentro de cada um, é um processo contínuo rumo à Perfeição – sempre relativa.

O nível que adquirimos em integração com o Eu é o que exteriorizamos. Muitas vezes, ao adentrar-se nas fileiras do Espiritismo, recebe-se como primeira sugestão que “Fora da caridade não há salvação”. E o neófito, entusiasmado, arregança as mangas e sai à rua em busca do necessitado, mas, se não desenvolveu em si esse amor, será algo frio, mais com a preocupação da chamada ‘salvação’, do que pelo prazer de servir. De um modo geral, depois de algumas experiências, arrefece-se o entusiasmo inicial, prorrogando a maratona da caridade para mais tarde! Fazer o Bem é algo espontâneo, que fazemos sem qualquer intenção calculista. Não estamos com isso incentivando a omissão. Todo ato de doação, mesmo sem a intenção de praticá-lo, é exercício que faz bem ao doador. É preciso começar, e, com o tempo aprenderemos a fazer o bem inconscientemente.

### **3. Fazer o que está em cima igual ao que está em baixo**

Esta recomendação está interligada com a anterior. Na realidade, não existe nem ‘em cima’, nem ‘embaixo’, em relação às Leis Universais. O céu não está em cima, nem o inferno embaixo, como se propaga entre as doutrinas judaico-cristãs, como o julgamento nas fantasiosas credices populares do juízo final. Deus não é julgador. Cada um julga a si mesmo, com base nas Leis Divinas, gravadas na consciência. Céu e inferno são estados de Espírito, quer estejamos encarnados quer desencarnados. A integração com Deus se dá na intimidade, quando o ego se harmoniza com o Eu. Assim, quando nos alinhamos com as Leis universais passamos a sintonizar em frequência com essas leis, e com essa integração, acabam-se as barreiras do ‘em cima’ e do ‘em baixo’.

### **4. Fazer do masculino e do feminino uma só coisa**

Segundo o Gênese, o primeiro homem, Adão, era andrógino, ou seja,

homem e mulher potencial e se bifurcou em macho-fêmea, como é hoje. Quando o homem atingir um estágio evolutivo pleno – embora sempre relativo em relação ao Todo –, deixará a procriação animal e a condição de *filho de mulher*, atingindo uma posição de ‘neutralidade’ em relação à energia sexual, passando, então, a ser “*filho do homem*”, tal como Jesus é identificado nos Evangelhos. O Amor criador substituirá a função da libido (instinto sexual) procriadora. Pagels, ao descrever a Fonte Divina como “poder bissexual”, lembra também o simbolismo bíblico de Adão e Eva, em que Adão revelou ser andrógino, ou seja, revelou ser dois, pois trazia dentro de si o feminino. Tanto que essa alegoria inverte o processo biológico natural de nascimento, e atribui a ele a função criadora da mulher, pois segundo a lenda, Eva teria surgido de sua costela. Isto, obviamente, não é defendido pelos *gnósticos*, pois estes descrevem Deus como uma díade (grupo de dois), cuja natureza inclui elementos masculinos e femininos.<sup>124</sup>

A tradição ortodoxa omitiu, excluindo a imagem feminina para Deus. O Deus judaico que influenciou na elaboração dos canônicos era do sexo masculino. Esta ideia persiste até hoje nos meios religiosos judaico-cristãos. Na linha das Igrejas Reformadas, embora continue a imagem masculina de Deus, elas têm, todavia, nos seus quadros dirigentes de ambos os sexos. A Igreja Católica continua fechada para que a mulher se ordene. No ano de 1977, o Papa Paulo VI, bispo de Roma, declarou “que uma mulher não pode ser padre, porque nosso Senhor era um homem!” Os textos de Nag Hammadi nos desafiam a reinterpretar, quando são inúmeras as análises sobre os papéis sexuais. É preciso reinterpretar, porque os vencedores é que escreveram a História do Cristianismo que chegou até nós, a seu modo, adaptando-a aos interesses políticos da Igreja. O paradigma que temos hoje, através dos canônicos, é colocado sob suspeição, já que sua elaboração não reflete os verdadeiros princípios daquilo que Jesus teria ensinado. Os *gnósticos* que o digam!

Para melhor entendimento da questão da polaridade sexual, vamos

analisar também o logion 114 em conexão com de n.º 22. Está expresso: “Simão Pedro disse: seja Maria afastada de nós, porque as *mulheres não são dignas da vida*. Respondeu Jesus: Eis que a atrairei, para que ela se torne homem, de modo que ela venha a ser um espírito vivente, semelhante a vós homens. Porque *toda mulher, que se fizer homem, entrará no Reino dos Céus*”. Este *logion*, não obstante ser confrontado com 22, não expressa de maneira correta a ideia gnóstica. “Não é que a mulher tenha de *transformar-se* em homem para tornar-se digna da Vida; o que é preciso é que o masculino não seja masculino e o feminino não seja feminino. Em outras palavras: há que superar a fase de polarização sexual. Melhor ainda: que as energias habitualmente canalizadas para a atividade sexual tenham outra destinação”.<sup>125</sup>

Entendamos, assim, que a condição para se tornar *filho do homem* não está vinculada à função biológica dos órgãos sexuais do homem e da mulher, mas sim, a uma conscientização de um estágio superior evolutivo de plenificação da alma, em identificação com a frequência das Leis Universais. Esse ‘acordar’ para o entendimento é fruto de amadurecimento – seja do homem, ou seja, da mulher –, através das experiências adquiridas, ao longo dos milênios, pelo processo da reencarnação. Quando ambos se tornarem iguais em plenitude evolutiva, independentemente de sexo, tornam-se *filhos da Perfeição*, ou, na linguagem esotérica (ensino hermético destinado a discípulos particularmente qualificados), *filhos do homem*.

Assim, o teor deste dito deixa claro, repetindo, que só alcançará o Reino de Deus, ‘quando tornardes o homem e a mulher em um só, de tal forma que o homem não seja homem e a mulher não seja mulher’, em outras palavras, quando se atinge a condição em que masculino não seja masculino e que o feminino não seja feminino. Trata-se de uma realidade neutra, sem qualquer distinção sexual. “Isto nos remete ao conceito de androgenia, também referido com certa insistência nos escritos *gnósticos*, não envolvidos em conotação bissexual ou assexuada, mas naquilo que o

pesquisador Puech considera como sublimação da sexualidade”.<sup>126</sup> Nessa sublimação, o Espírito teria atingido uma situação de pureza tal que manifestaria indiferença quanto aos interesses da sexualidade, e estaria apto ao retorno à Casa do Pai, donde partira um dia.

Mais do que a mera expressão de vulgar ‘machismo’, há que supor no texto um sentido oculto transcendente, mesmo descontando-se o critério vigente à época, que mantinha a mulher em posição subalterna, como se lê com certa insistência em Paulo, por exemplo. Lembra a Dra. Pagels, que, na Epístola aos Gálatas (3,28), o apóstolo escreve que “em Cristo... não há homem nem mulher”. No logion 114 – nesta mesma linha de entendimento –, os textos não devem ser tomados à letra ou seriam incongruentes no âmbito do próprio gnosticismo, que pressupõe para todos, sem exclusão da mulher, um largo ciclo que vai da queda ou separação ao retorno da unidade. Este processo de saída-retorno-saída numa evolução infinita está reportado em nosso livro *Filhos de Deus*, quando comentamos a Parábola do Filho Pródigo, de Lucas, em que comparamos a evolução ao símbolo da espiral, que nunca fecha.

Seja como for, o ideal de castidade ou mesmo de abstinência consolidou-se no gnosticismo e parece ter coincidido com o pensamento de Paulo, quando escreve: “Digo, porém, isto como que por permissão e não por mandamento. Porque quereria que todos os homens fossem como eu mesmo; mas cada um tem de Deus o seu próprio dom, um de uma maneira e outro de outra. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é *melhor casar do que abrasar-se*. Assim, o casamento é admitido como alternativa menos indesejável para aquele que não consegue dominar o impulso animal” (I Cor., 7:6-9).<sup>127</sup>

Interessante analisar que os redatores dos Evangelhos canônicos respaldam o emprego da expressão *Filho do Homem*, no sentido de Messias, baseando-se em Daniel, no Velho Testamento. Vejamos, literalmente, o que o texto de Daniel diz: ‘Eu estava olhando nas minhas

visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um **como** o filho do homem'. Daniel declara simplesmente que teve a missão de alguém **como**, ou seja, na 'aparência de homem', ou seja, uma figura humana, que descia dos céus envoltos em nuvens, não o 'Filho do Homem'. Deste simples texto, numa breve passagem, levou os escritores do Novo Testamento passaram a empregar a expressão como sinônima de Messias. Segundo Guignebert<sup>128</sup>, esta expressão não constou das Epístolas de Paulo, que foram anteriores aos Evangelhos canônicos, o que equivale dizer que foram introduzidas em o Novo Testamento, em algum tempo que vai de Paulo à publicação, em grego, dos sinóticos. Isso leva a concluir-se que a expressão não passa de "um erro piedoso dos cristãos gentios e nada tem a ver com os tempos apostólicos".

Os gnósticos, embora utilizem da expressão, não a empregam com a conotação de Messias que levou todos os pecados da Humanidade, com o derramamento de sangue em sua morte na cruz. Há um detalhe importante, que os escritores do Evangelho de João introduziram, dizendo expressamente que esta salvação só era para aqueles que cressem em Jesus. Pobre Humanidade! E os que não são cristãos? Sabe-se hoje, de acordo com o grupo canadense Religious Tolerance (Revista Superinteressante: Deus o que existe acima de nós)<sup>129</sup>, que apenas 32% de toda a população mundial é cristã. E mesmo aquele que se diz "cristão", muitas vezes não leva a sério sua religião... Como simplesmente o rótulo de cristão nada resolve, muito pouca gente alcançaria essa 'salvação!' Os gnósticos têm Jesus como Salvador, não pela condição messiânica, mas por sua mensagem redentora, já que a salvação (educação da alma) é sempre personalíssima, que ninguém pode fazer por ninguém!

Interessante, para compreender o sentido esotérico de *Filho do Homem e Filho de Mulher*, é classificação de Gillabert que, para efeito didático, divide os seres humanos em três categorias.<sup>130</sup>

1. Hílicos ou materiais – são considerados carnis ou materiais, que ainda não conseguem emergir do mergulho e das severas limitações da matéria densa; nisto comprazem. São os *mortos-vivos*, como sepultados na matéria, adormecidos no torpor que ela impõe, isolando-os da realidade espiritual. Estes estão aprisionados nas malhas da sexualidade e, portanto, “em estado feminino de fraqueza e de passividade, de servidão a carne”. A estes se aplica o rótulo de “Filho de Mulher”.

2. Psíquicos – são pessoas que estão um passo ou dois adiante, ainda presos a certos contingenciamentos da matéria, mas já com aspirações e intuições espirituais.

3. Pneumáticos ou espirituais – são tidos como vivos, despertos, conscientes. Estes já conseguiram “superar a dualidade sexual e, praticamente toda espécie de dualidade, atingindo a unidade, a condição genérica de *homem*”, representante padrão da espécie, no seu sentido espiritual. Seria neste sentido a expressão Filho do Homem que Jesus ‘teria’ se revelado, a ponto de dizer: *Eu e o Pai somos um*. Sem qualquer sentido messiânico, mas alguém que atingira a condição de pneumático ou espiritual; nesta linha Paulo prega a preexistência de Jesus, que tinha a incumbência de ensinar os homens a encontrar estas mesmas condições de espiritualidade.

Não há qualquer superioridade do homem ou da mulher, no que se refere ao aspecto moral ou intelectual, em razão do sexo. Os Espíritos não têm sexo, como o entendemos, nascendo ora em corpo masculino, ora em corpo feminino, reservando-se a expressão das energias sexuais apenas no aspecto biológico. Kardec, complementando o ensino dos coadjuvantes, nas questões de 200 a 202, de *O Livro dos Espíritos*, assevera que “os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição

social, lhes oferecem provações, deveres especiais e novas oportunidades de adquirirem experiência. Aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens”.

No entendimento *gnóstico*, livrar-se do mundo, o quanto antes, é o objetivo de todos, ainda que isto demore muitas encarnações. Estar algemado ao corpo físico é indesejável, não só para os homens como para as mulheres, tanto é que Jesus promete a Madalena libertá-la da sua servidão e torná-la “um homem”, não no sentido biológico, mas seu avanço para posições mais elevadas de Espiritualidade, chegando inclusive a dizer que, “entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista”. (Mateus, 11:11), não sendo, portanto, considerado ainda no patamar dos mais evoluídos. É o dizer de Jesus no *logion* 22, a que já nos reportamos, alertando que somente estariam aptos ao Reino de Deus aqueles que fizessem “do masculino e do feminino uma só coisa, de sorte que o masculino não seja masculino e que o feminino não seja feminino”. Em outras palavras, quer o texto dizer que Jesus assume a responsabilidade de transformá-la em *homem*, não do ponto de vista físico, mas, orientando-a a superar a sua polaridade (masculina/feminina).

---

121 KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VIII, item 3.

122 ROHDEN, Huberto. *O Quinto Evangelho – Apóstolo Tomé*, p. 129.

123 KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIX, item 2.

124 PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*, pp. 62-63.

125 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, pp. 178-179.

126 MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 74.

127 Ibidem, p. 73.

128 GUIGNEBERT, Charles, apud MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 80.

129 Revista Superinteressante: Deus – o que existe acima de nós. Março de 2009 - Edição 263-

A

130 GILLABERT, Emile, apud MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*, p. 83.

# ALGUNS PARALELOS ENTRE CRISTÃOS

## ORTODOXOS E GNÓSTICOS

### DEUS

Deus e a criatura são distintos: a Humanidade está separada do Criador por uma distância inimaginável (Dualismo)	Deus está presente na criatura: o conhecimento de si mesmo é o conhecimento de Deus. (Monismo)
--	--

### SALVAÇÃO

Através da filiação à Igreja. Quem se batiza e segue seus cânones encontrará o caminho para a <i>salvação</i> . A salvação só ocorre através de Jesus, o que implica que só o fazemos através de Igreja. Esta salvação é chamada de 'vicária', isto é, Jesus morreu pelos nossos pecados para nos salvar.	É trabalho pessoal, indelegável a qualquer instituição religiosa. É um processo de <i>libertação</i> . A mensagem de Jesus era libertadora pela aquisição do conhecimento, mas não aceitavam libertação vicária. Cada um salva (liberta) a si mesmo.
---	--

### RESSURREIÇÃO

Jesus ressurrege não como Espírito, mas ressuscita, ou seja, tem o seu corpo restituído por inteiro, a ponto de ‘comer com os discípulos’.	É sempre do Espírito. Crer na volta à vida no mesmo corpo físico (cadáver) é contrariar a Ciência. É considerada como fé do tolos.
--	--

## O REINO DE DEUS

Concebem o Reino de Deus como um lugar específico, exterior, num lugar chamado ‘céu’. É através da Igreja que o filiado “vai” ser conduzido a este Reino.	É conquista do Espírito, num <i>continuum</i> infinito, sem a necessidade de se vincular a qualquer organização religiosa. O Espírito ‘desenvolve’, no Reino, dentro de si mesmo.
---	---

## FUNDAÇÃO DA IGREJA

Jesus entregou a Pedro a responsabilidade de edificar a Igreja, dizendo que daria a ele as chaves do reino dos céus, e disse; ‘Tudo o que ligares na Terra, será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus’ (Mateus, 16:18-19).	Os gnósticos não aceitavam o fato de que Jesus havia investido Pedro da autoridade de seu sucessor, com poderes que conhecemos. Trata-se de acomodação textual para nomear, retroativamente, Pedro como Papa. Jesus não instituiu uma igreja ou igrejas, nos moldes como construíram Paulo e outros apóstolos.
---	--

## CEU E INFERNO

Locais externos para onde a criatura será levada a julgamento, no Juízo Final.	São estados de espírito que cada criatura manifesta em sua atuação na Terra ou alhures.
--	---

## TRINDADE

Concebem o Reino de Deus como um lugar específico, exterior, num lugar chamado 'céu'. É através da Igreja que o filiado "vai" ser conduzido a este Reino.	É conquista do Espírito, num <i>continuum</i> infinito, sem a necessidade de se vincular a qualquer organização religiosa. O Espírito 'desenvolve', no Reino, dentro de si mesmo.
---	---

## FILHOS DE DEUS

Concebem o Reino de Deus como um lugar específico, exterior, num lugar chamado 'céu'. É através da Igreja que o filiado "vai" ser conduzido a este Reino.	É conquista do Espírito, num <i>continuum</i> infinito, sem a necessidade de se vincular a qualquer organização religiosa. O Espírito 'desenvolve', no Reino, dentro de si mesmo.
---	---

## LIGAÇÃO COM DEUS

Para os canônicos a ligação com Deus se faz através de Jesus, ou seja, pela Igreja.	O Evangelho de Tomé prega uma ligação pessoal com Deus, sem a necessidade de igrejas organizadas, padres e bispos.
---	--

## OS EVANGELHOS

Os canônicos foram elaborados pela Igreja a partir do Concílio de Niceia, em 325. Os elementos da narrativa dos evangelhos canônicos foram adiões, posteriores. No início continham apenas 'ditos', tais como o Evangelho de Tomé.	O Evangelho de Tomé só tem os 'ditos' (palavras de Jesus). Não há milagres, não há histórias sobre Jesus. O fato de o Evangelho ser apenas uma reunião das palavras de Jesus pode sugerir que é mais antigo do que os canônicos.
--	--

## JESUS

Faz parte da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Ninguém chega ao Pai senão através de Jesus: 'Eu sou o caminho, a verdade e a Vida'.	Trata-se de um Espírito de elevadíssima posição evolutiva que veio à Terra para ensinar a verdade à Humanidade. Quem conhece a si mesmo, conhece a Deus. Assim, o EU é o caminho de encontro da Verdade e da Vida.
--	--

# O DOCUMENTO: EVANGELHO DE TOMÉ

Estas são as palavras secretas de Jesus, o vivo, que foram escritas por Didymos Tau'ma (Tomé, o gêmeo).

1. Quem descobrir o sentido dessas palavras, não provará a morte.

2. Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, quando achar, será estupefato; e, quando estupefato, ficará maravilhado - e então terá domínio sobre o Universo.

3. Jesus disse: Se vossos guias vos disserem: 'o reino está no céu', então as aves vos precederam; se vos disserem que está no mar, então os peixes vos precederam. Mas o reino está dentro de vós, e também fora de vós. Se vos conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois filhos do Pai Vivo. Mas, se não vos conhecerdes, vivereis em pobreza, e vós mesmos sereis essa pobreza.

4. O homem idoso perguntará, nos seus dias, a uma criança de sete dias pelo lugar da vida - e ele viverá. Porque muitos primeiros serão últimos, e serão unificados.

5. Conhece o que está ante os teus olhos – e o que te é oculto te será revelado; porque nada é oculto que não seja manifestado.

6. Perguntaram os discípulos a Jesus: Queres que jejuemos? Como devemos orar? Como dar esmolas? Que alimentos devemos comer? Respondeu Jesus: Não mintais a vós mesmos, e não façais o que é odioso! Porquanto todas essas coisas são manifestas diante do céu. Não há nada oculto que não seja manifestado, e não há nada velado que, por fim, não seja revelado.

7. Bendito o leão comido pelo homem, porque o leão se torna homem! Maldito o homem comido pelo leão, porque esse homem se torna leão!

8. Ele disse: O homem se parece com um pescador ajuizado, que lançou sua rede ao mar. Puxou para fora a rede cheia de peixes pequenos. Mas entre os pequenos o pescador sensato encontrou um peixe bom e grande. Sem hesitação, escolheu o peixe grande e devolveu ao mar todos os pequenos. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

9. Disse Jesus: Saiu o semeador. Encheu a mão e lançou a semente. Alguns grãos caíram no caminho; vieram as aves e os cataram. Outros caíram sobre os rochedos; não deitaram raízes para dentro da terra nem mandaram brotos para o céu. Outros ainda caíram entre espinhos, que sufocaram a semente e o verme a comeu. Outra parte caiu em terra boa, e produziu fruto bom rumo ao céu; produziu sessenta por uma, e cento e vinte por uma.

10. Disse Jesus: Eu lancei fogo sobre a Terra – e eis que o vigio até que arda.

11. Disse Jesus: Este céu passará, e passará também aquele que está por cima deste. Os mortos não vivem, e os vivos não morrerão. Quando comíeis o que era morto, vós o tornáveis vivo. Quando estiverdes na luz, que fareis? Quando éreis um, vos tornastes dois; mas, quando fordes dois, que fareis?

12. Os discípulos perguntaram a Jesus: Sabemos que nos vais deixar. E quem será então nosso chefe? Respondeu Jesus: No ponto onde estais, ireis ter com Tiago, que está a par das coisas do céu e da terra.

13. Disse Jesus a seus discípulos: Comparai-me e dizei-me com quem me pareço eu. Respondeu Simão Pedro: Tu és semelhante a um anjo justo. Disse Mateus: Tu és semelhante a um homem sábio e compreensivo. Respondeu Tomé: Mestre, minha boca é incapaz de dizer a quem tu és semelhante. Replicou-lhe Jesus: Eu não sou teu Mestre, porque tu bebeste da Fonte borbulhante que te ofereci e nela te inebriaste. Então levou Jesus Tomé à parte e afastou-se com ele; e falou com ele três palavras. E, quando Tomé voltou a ter com seus companheiros, estes lhe perguntaram: Que foi que Jesus te disse? Tomé lhes respondeu: Se eu vos dissesse uma só das palavras que ele me disse, vós havíeis de apedrejar-me - e das pedras romperia fogo para vos incendiar.

14. Jesus disse-lhes: Se jejuardes, cometereis pecado. Se orardes, sereis condenados. Se derdes esmolas, prejudicareis ao espírito. Quando fordes a um lugar onde vos receberem, comei o que vos puserem na mesa e curai os doentes que lá houver. Pois o que entra pela boca não o torna um homem impuro, mas sim o que sai da boca, isto vos tornará impuros.

15. Se virdes alguém que não seja filho de mulher, prostrai-vos de rosto em terra e adorai-o – ele é vosso Pai.

16. Talvez os homens pensem que eu vim para trazer paz a Terra, e não sabem que eu vim para trazer discórdias a terra, fogo, espada e guerra. Haverá cinco numa casa, três contra dois, dois contra três; pai contra filho, e filho contra pai. E serão solitários.

17. Eu vos darei o que nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nenhuma mão tangeu, e que jamais surgiu no coração do homem.

18. Perguntaram os discípulos a Jesus: Como será o nosso fim? Respondeu-lhes Jesus: Descobristes o princípio, para que estejais procurando o fim? Pois onde estiver o princípio ali estará o fim. Feliz de quem está no princípio; também conhecerá o fim - e não provará a morte.

19. Disse Jesus: Feliz daquele que era antes de existir. Se vós fordes meus discípulos e realizardes as minhas palavras, estas pedras vos servirão. Há no vosso paraíso cinco árvores, que permanecem inalteradas no inverno e no verão, e cujas folhas não caem; quem as conhecer, esse não provará a morte.

20. Disseram os discípulos a Jesus: Dize-nos, a que se assemelha o Reino dos céus? Respondeu-lhes ele: Ele é semelhante a um grão de mostarda, que é menor que todas as sementes; mas, quando cai em terra, que o homem trabalha, produz um broto e se transforma num abrigo para as aves do céu.

21. Disse Maria a Jesus: Com quem se parecem os teus discípulos? Respondeu Jesus: Parecem-se com garotos que vivem num campo que não lhes pertence. Quando aparecem os donos do campo, dirão estes: Deixai-nos o nosso campo. E eles desnudam-se diante deles e lhes deixam o

campo. Por isto vos digo eu: Se o dono da casa sabe quando vem o ladrão, vigia antes da sua chegada e não o deixará penetrar na casa do seu reino para lhe roubar os haveres. Vós, porém, vigiai em face do mundo; cingi os vossos quadris com força para que os ladrões não encontrem caminho até vós. E possuireis o tesouro que desejais. Sede como um homem de experiência, que conhece o tempo da colheita, e, de foice na mão, ceifará o trigo. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

22. Jesus viu crianças de peito a mamarem. E ele disse a seus discípulos: Essas crianças de peito se parecem com aqueles que entram no Reino. Perguntaram-lhe eles: Se formos pequenos, entraremos no Reino? Respondeu-lhes Jesus: Se reduzirdes dois a um, se fizerdes o interior como o exterior, e o exterior como o interior, se fizerdes o de cima como o de baixo, se fizerdes um o masculino e o feminino, de maneira que o masculino não seja mais masculino e o feminino não seja mais feminino - então entrareis no Reino.

23. Disse Jesus: Eu vos escolherei, um entre mil, e dois entre dez mil. E eles aparecerão como um só.

24. Seus discípulos pediram: Mostra-nos o lugar onde tu estás, pois precisamos procurá-lo. Respondeu-lhes ele: Quem tem ouvidos, ouça! Há luz dentro dum ser luminoso, e ele ilumina o mundo inteiro. Se não o iluminar, ele é escuridão.

25. Disse Jesus: Ama a teu irmão como a tua própria alma e cuida dele como da pupila dos teus olhos.

26. Jesus disse: Tu vês o cisco no olho do teu irmão, e não vês a trave

no teu próprio olho. Se tirares a trave do teu próprio olho, verás claramente como tirar o cisco do olho do teu irmão.

27. Se não jejuardes em face do mundo, não achareis o Reino; se não guardardes o sábado como sábado, não vereis o Pai.

28. Jesus disse: Eu estava no meio do mundo e me revelei a ele corporalmente. Encontrei todos embriagados, e não encontrei nenhum deles sedento. E minha alma sofria dores pelos filhos dos homens, porque eles são cegos no seu coração e nada enxergam. Assim como entraram no mundo vazios, querem sair do mundo vazios. Agora estão bêbados, e só se converterão se abandonarem o seu vinho.

29. Jesus disse: Se a carne foi feita por causa do espírito, é isto maravilhoso. Mas, se o espírito foi feito por causa do corpo, é isto a maravilha das maravilhas. Eu, porém, estou maravilhado diante do seguinte: Como é que tamanha riqueza foi habitar em tanta pobreza?

30. Jesus disse: Onde há três deuses, eles são deuses. Onde há dois ou um, eu estou com ele.

31. Nenhum profeta é aceito em sua cidade, nem pode um médico curar os que o conhecem.

32. Jesus disse: Uma cidade situada num monte e fortificada, não pode cair, nem pode permanecer oculta.

33. O que ouvirdes com um ouvido, anunciai-o com o outro do alto dos telhados; porque ninguém acende uma lâmpada e a põe debaixo do velador, nem em lugar oculto, mas sim no candelabro, para que todos os que entram e saem vejam a luz.

34. Jesus disse: Quando um cego guia outro cego, ambos cairão na cova.

35. Jesus disse: Ninguém pode penetrar na casa do forte e prendê-lo, se antes não lhe ligar as mãos; só depois pode saquear-lhe a casa. (Nos outros Evangelhos, esse texto é relacionado com o episódio em que Jesus expulsara um demônio, e seus inimigos o acusaram de ser aliado de satanás. Então Jesus faz um paralelo entre “o forte”, que é satanás, e “o mais forte”, que é o Cristo).

36. Jesus disse: Não andeis preocupados, da manhã até a noite, e da noite até a manhã, sobre o que haveis de vestir.

37. Perguntaram os discípulos a Jesus: Em que dia nos aparecerás? Em que dia te veremos? Respondeu Jesus: Se vos despojardes do vosso pudor; se, como crianças, tirardes os vossos vestidos e os colocardes sob os vossos pés, perceberéis o filho do Vivo – e não conhecereis temor.

38. Jesus disse: Muitas vezes desejastes ouvir estas palavras que vos digo, e não achastes ninguém que vo-las pudesse dizer. Virão dias em que me procurareis e não me achareis.

39. Disse Jesus: Os fariseus e os escribas tiraram a chave do conhecimento e a ocultaram. Nem eles entraram nem permitiram entrar os que queriam entrar. Vós, porém, sede inteligentes como as serpentes e simples como as pombas.

40. Jesus disse: Uma videira foi plantada fora daquilo que é do Pai; e, como não tem vitalidade, será extirpada pela raiz e perecerá.

41. Jesus disse: Aquele que tem algo na mão, esse receberá; e aquele que não tem, esse até perderá o pouco que tem.

42. Disse Jesus a seus discípulos: Sede transeuntes!

43. Disseram-lhe seus discípulos: Quem és tu que nos dizes tais coisas? Respondeu-lhes ele: Pelas coisas que vos digo não conheceis quem eu sou? Vós sois como os judeus, que amam a árvore e detestam o seu fruto; ou amam o fruto e detestam a árvore.

44. Disse Jesus: Quem blasfemar contra o Pai receberá a graça; quem blasfemar contra o Filho receberá a graça; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo esse não receberá a graça, nem na terra nem no céu.

45. Disse Jesus: Não se colhem uvas de espinheiros, nem figos de abrolhos, que não produzem frutos. O homem bom tira coisas boas do seu tesouro; o homem mau tira coisas más do tesouro mau do seu coração, fala coisas más da abundância do seu coração.

46. Disse Jesus: Desde Adão até João Batista, não há ninguém maior entre os nascidos de mulher do que João Batista, porque seus olhos não foram violados. Mas eu disse: Aquele que entre vós se tornar pequeno conhecerá o Reino e será maior do que João.

47. Disse Jesus: O homem não pode montar em dois cavalos, nem pode retesar dois arcos. O servo não pode servir a dois senhores, pois ele honra um e ofende o outro. Nenhum homem que bebeu vinho velho deseja beber vinho novo. Não se coloca vinho novo em odres velhos, com medo que se rompam; vinho novo se coloca em odres novos, para que não se perca. Não se cose um remendo velho em roupa nova, para não causar rasgão.

48. Disse Jesus: Se dois viverem em paz e harmonia na mesma casa, dirão a um monte “sai daqui!” – e ele sairá.

49. Disse Jesus: Felizes sois vós, os solitários e os eleitos, porque achareis o Reino. Sendo que vós saístes dele, a ele voltareis.

50. Disse Jesus: Se os homens vos perguntarem donde viestes, respondei-lhes: Nós viemos da luz, lá onde ela nasce de si mesma, surge e se manifesta em sua imagem. E se vos perguntarem: Quem sois vós? Respondei-lhes: Nós somos os filhos eleitos do Pai vivo. Se os homens vos perguntarem: Qual o sinal do Pai em vós? Respondei: É movimento e repouso ao mesmo tempo.

51. Seus discípulos perguntaram: Quando virá o repouso dos mortos e em que dia virá o mundo novo? Respondeu-lhes ele: Aquilo que vós aguardais já veio – mas vós não o conheceis.

52. Disseram-lhe os discípulos: Vinte e quatro profetas falaram em Israel, e todos falaram de ti. Respondeu-lhes ele: Rejeitastes aquele que está vivo diante de vós, e falais dos mortos.

53. Perguntaram-lhe os discípulos: A circuncisão é útil ou não? Respondeu-lhes ele: Se ela fosse útil, o homem já nasceria circuncidado. A verdadeira circuncisão é espiritual, e esta é útil a todos.

54. Disse Jesus: Felizes os pobres, porque vosso é o Reino dos céus.

55. Disse Jesus: Quem não odiar seu pai e sua mãe não pode ser meu discípulo. Quem não odiar seus irmãos e suas irmãs não é digno de mim.

56. Disse Jesus: Quem conhece o mundo, achou um cadáver; e quem achou um cadáver, dele não é digno o mundo.

57. Jesus disse: O Reino do Pai é semelhante a um homem que semeou boa semente em seu campo. De noite, porém, veio seu inimigo e semeou erva má no meio da semente boa. O senhor do campo não permitiu que se arrancasse a erva má, para evitar que, arrancando esta, também fosse arrancada a erva boa. No dia da colheita se manifestará a erva má. Então será ela arrancada e queimada.

58. Feliz do homem que foi submetido à prova – porque ele achou a vida.

59. Disse Jesus: Olhai para o Vivo, enquanto viveis, pra que não morrais e desejeis ver aquele que já não podeis ver.

60. Ao entrarem na Judeia, eles viram um samaritano que carregava uma ovelha. Jesus disse a seus discípulos: Por que a carrega? Responderam eles: Para matá-la e comê-la. Disse-lhes Jesus: Enquanto a ovelha está viva, ele não a poderá comer; só depois de morta e cadáver. Replicaram eles: De outro modo não a pode comer. Respondeu-lhes Jesus: Procurai para vós um lugar de repouso, para que não vos torneis cadáveres e sejais devorados.

61. Jesus disse: Haverá dois na mesma cama: um morrerá, o outro viverá. Salomé disse: Quem és tu, ó homem? Como que saído de um só? Tu que usavas a minha cama e comias à minha mesa? Responde Jesus: Eu vim daquele que é todo um em si; isto me foi dado por meu Pai. Disse Salomé: Eu sou discipula tua. Vem a propósito o dito: Quando o discípulo é vácuo, será repleto de luz; mas quando é dividido, ele será repleto de treva.

62. Eu revelo meus mistérios àqueles que são idôneos para ouvi-los. O que tua mão direita faz não o saiba a tua mão esquerda.

63. Disse Jesus: Um homem rico tinha muitos bens. E disse: Vou aproveitar os meus bens; vou semear, colher, plantar e encher meus armazéns, para que não me venha a faltar nada. Foi isto que ele pensou em seu coração. E nesta noite ele morreu. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

64. Disse Jesus: Um homem fez um banquete e, depois de tudo preparado, enviou seu servo para chamar os convidados. O servo foi ao

primeiro e disse-lhe: Meu senhor te convida para o banquete. O homem respondeu: Uns negociantes me devem dinheiro; eles vêm à minha casa esta noite, e eu tenho de falar com eles; peço-te que me dispenses de comparecer ao jantar. O servo foi até outro e disse: Meu senhor te convidou. Este respondeu: Comprei uma casa, e marcaram um dia para mim; não tenho tempo para vir. O servo foi a outro e disse-lhe: Meu senhor te convida. Este respondeu: Um amigo meu vai casar-se, e eu fui convidado para preparar a refeição; não posso atender; favor dispensar-me. O servo foi a outro ainda e disse-lhe: Meu senhor te convida. Este respondeu: Acabo de comprar uma fazenda e estou saindo para buscar o rendimento. Não poderei ir, por isso me desculpo. O servo retornou e comunicou ao seu senhor: Os convidados ao banquete pedem que os dispenses de comparecerem. Disse o senhor a seu servo: Vai pelos caminhos e traze os que encontrares, para que venham ao meu banquete; mas os compradores e negociantes não entrarão nos lugares de meu Pai.

65. Disse ele: Um homem tinha uma vinha. Arrendou-a a uns colonos para a cultivarem, a fim de receber deles o fruto. Enviou seu servo para receber o fruto da vinha. Os colonos prenderam o servo e o espancaram, deixando-o à beira da morte. O servo voltou e contou a seu senhor o ocorrido. O senhor disse: Talvez não o tenham reconhecido. E enviou-lhes outro servo. Mas os colonos espancaram também este. Então o senhor mandou seu filho, dizendo: Talvez tenham respeito a meu filho. Mas, como os camponeses soubessem que esse era o herdeiro da vinha, prenderam-no e o mataram. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

66. Disse Jesus: Mostrai-me a pedra que os construtores rejeitaram. Ela é a pedra angular.

67. Disse Jesus: Quem conhece o universo, mas não se possui a si mesmo, esse não possui nada.

68. Disse Jesus: Felizes sois vós, se vos rejeitarem e odiarem. E lá onde vos tiraram e odiaram não será encontrado lugar algum.

69. Disse Jesus: Felizes no seu coração são os perseguidos, os que na verdade conhecem o Pai. Felizes são os famintos, porque o corpo dos que sabem querer será saciado.

70. Jesus disse: Se fizerdes nascer em vós aquele que possuis, ele vos salvará; mas, se não possuídes em vós a este, então sereis mortos por aquele que não possuis. (falando do corpo e da alma).

71. Disse Jesus: Destruirei esta casa, e ninguém a poderá reconstruir.

72. Alguém diz a Jesus: Dize a meus irmãos que repartam comigo os bens de meu pai. Respondeu Jesus: Homem, quem me constituiu partidador? E dirigindo-se a seus discípulos, disse-lhes: Será que eu sou um partidador?

73. Disse Jesus: Grande é a safra, e poucos são os operários. Pedi, pois ao Senhor para que mande operários à sua seara.

74. Disse ele: Senhor, muitos rodeiam a fonte, mas ninguém entra na fonte.

75. Disse Jesus: Muitos estão diante da porta – mas somente os solitários é que entram na câmara nupcial.

76. Disse Jesus: O Reino é semelhante a um negociante que possuía um armazém. Achou uma pérola, e, sábio como era, vendeu todo o armazém e comprou essa pérola única. Procurai também vós o tesouro imperecível, que se encontra lá onde as traças não se aproximam para comê-lo nem os vermes o destroem.

77. Disse Jesus: Eu sou a luz, que está acima de todos. Eu sou o “Todo”. O Todo saiu de mim, e o Todo voltou a mim. Rachai a madeira – lá estou eu. Erguei a pedra – lá me achareis.

78. Disse Jesus: Por que saístes ao campo? Para verdes um caniço agitado pelo vento? Ou um homem vestido de roupas macias? Os reis e os grandes vestem roupas macias – e eles não poderão conhecer a verdade.

79. Uma mulher da multidão disse-lhe: Feliz o ventre que te gestou e os seios que te amamentaram. Respondeu ele: Felizes os que ouviram o Verbo do Pai e viveram a Verdade. Porque dias virão em que direis: Feliz o ventre que não concebeu, e felizes os seios que não amamentaram.

80. Disse Jesus: Quem conheceu o mundo encontrou o corpo. Mas quem encontrou o corpo, desse tal não é digno o mundo. (o mundo material é um corpo morto, não digno do homem espiritual).

81. Quem ficou rico, saiba dominar-se; quem ficou poderoso, saiba renunciar.

82. Quem está perto de mim está perto da chama; quem está longe de

mim está longe do Reino.

83. Disse Jesus: As imagens se manifestam ao homem, e a luz que está oculta nelas – na imagem da luz do Pai – se revelará, mas sua imagem permanecerá velada por sua luz.

84. Disse Jesus: Quando virdes a vossa semelhança, alegrai-vos. Mas, quando virdes o vosso modelo, que desde o princípio estava em vós e nunca morrerá, nem jamais se revela plenamente – será que suportareis isto?

85. Disse Jesus: Adão nasceu de um grande poder e de uma grande riqueza. Mas não era digno deles. Se deles fosse digno, não teria morrido.

86. Disse Jesus: As raposas têm as suas tocas; as aves têm os seus ninhos - mas o Filho do Homem não tem onde repousar a sua cabeça.

87. Miserável o corpo que depende de outro corpo, e miserável a alma que depende desses dois.

88. Os arautos e os profetas irão ter convosco e vos darão o que é vosso. Dai-lhes também vós o que é deles.

89. Disse Jesus: Por que lavais o exterior do recipiente? Não sabeis que o mesmo que criou o interior criou também o exterior?

90. Jesus disse: Vinde a mim, porque o meu jugo é suave e o meu domínio é agradável – e encontrareis repouso para vós mesmos.

91. Disseram-lhe eles: Dize-nos quem és tu, para que tenhamos fé em ti. Respondeu-lhes ele: Vós examinais o aspecto do céu e da terra, mas não conheceis aquele que está diante de vós. Não sabeis dar valor ao tempo presente.

92. Disse Jesus: Procurai, e achareis. O que me perguntastes nesses dias, eu não vos disse; agora vos digo – e não me perguntais.

93. Não deis as coisas puras aos cães, para que não as arrastem ao lodo. Nem lanceis as pérolas aos porcos, para que não as conspurquem.

94. Quem procura achará; a quem bate abrir-se-lhe-á.

95. Quando tendes dinheiro, não o empresteis a juros, mas dai-o a quem não vos possa restituir.

96. O Reino do Pai é semelhante a uma mulher que tomou um pouco de fermento, misturou-o com a massa, e fez com ela grandes pães. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!

97. Disse Jesus: O Reino é semelhante a uma mulher que levava por um longo caminho uma vasilha cheia de farinha. Pelo caminho, uma alça da vasilha quebrou e a farinha se espalhou atrás dela sem que ela o

percebesse; e por isto não se afligiu. Chegada em casa, ela colocou a vasilha no chão – e achou-a vazia.

98. Disse Jesus: O Reino do Pai é semelhante a um homem que quis matar um poderoso. Em sua própria casa ele desembainhou a espada e enfiou-a na parede para saber se sua mão era forte o suficiente para realizar a tarefa. Depois foi matar o poderoso.

99. Seus discípulos lhe disseram: Teus irmãos e tua mãe estão aguardando lá fora. Respondeu-lhes ele: Os que, nesses lugares, fazem a vontade de meu Pai são os meus irmãos e minha mãe, e são eles que entrarão no Reino de meu Pai.

100. Mostraram a Jesus uma moeda de ouro e disseram: Os agentes de César exigem de nós o pagamento do imposto. Respondeu ele: Dai a César o que é de César, e dai a Deus o que é de Deus - e dai a mim o que é meu.

101. Quem não abandona seu pai e sua mãe, como eu, não pode ser meu discípulo. E quem não amar a seu Pai e sua Mãe, como eu, esse não pode ser meu discípulo; porque minha mãe me gerou, mas minha Mãe verdadeira me deu a vida.

102. Disse Jesus: Ai dos fariseus! Eles se parecem com um cão deitado no cocho dos bois; não come nem deixa os bois comerem.

103. Disse Jesus: Feliz do homem que sabe por onde penetram os ladrões! Assim pode erguer-se, reunir forças e estar alerta e pronto antes

que eles venham.

104. Disseram-lhe: Vinde, vamos hoje orar e jejuar. Respondeu Jesus: Que falta cometi eu, em que ponto sucumbi? Mas, quando o esposo sair da sua câmara nupcial, então oraremos e jejuaremos.

105. Disse Jesus: Quem conhece o seu pai e sua mãe, porventura será chamado filho de prostituta? (sobre a natureza Divina da alma).

106. Disse Jesus: Se de dois fizerdes um, então vos fareis Filhos do Homem. E então, se disserdes a este monte “retira-te daqui” – ele se retirará.

107. Disse Jesus: O Reino é semelhante a um pastor que tinha cem ovelhas. Uma delas se extraviou, e era a maior de todas. Ele deixou as noventa e nove e foi em busca daquela única até achá-la. E, depois de achá-la, lhe disse: eu te amo mais do que às noventa e nove.

108. Disse Jesus: Quem beber da minha boca se tornará como eu. E eu serei o que ele é. E as coisas ocultas lhe serão reveladas.

109. Disse Jesus: O Reino se parece com um homem que possuía um campo no qual estava oculto um tesouro de que ele nada sabia. Ao morrer, deixou o campo a seu filho, que também não sabia de nada; tomou posse e vendeu o campo – mas o comprador descobriu o tesouro ao arar o campo.

110. Disse Jesus: Quem encontrou o mundo e se enriqueceu, que renuncie ao mundo.

111. Disse Jesus: O céu e a terra se desenrolarão diante de vós, e quem vive do Vivente não verá a morte. Quem se acha a si mesmo, dele não é digno o mundo.

112. Disse Jesus: Deplorável a carne que depende da alma! Deplorável a alma que depende da carne!

113. Os discípulos perguntaram-lhe: Em que dia vem o Reino? Jesus respondeu: Não vem pelo fato de alguém esperar por ele; nem se pode dizer ei-lo aqui! Ei-lo acolá! O Reino está presente no mundo inteiro, mas os homens não o enxergam.

114. Simão Pedro disse: Seja Maria afastada de nós, porque as mulheres não são dignas da vida. Respondeu Jesus: Eis que eu a atrairei, para que ela se torne homem, de modo que também ela venha a ser um espírito vivente, semelhante a vós homens. Porque toda a mulher que se fizer homem, entrará no Reino dos Céus.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON, *Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: VIDA, 1992.

ARNTZ, Willian, CHASSE, Betsy e VICENTE, Mark e outros. *Quem Somos Nós?* Tradução de Doralice Lima. Título original *What the Bleep Do We Know?* 1. Ed. Rio de Janeiro-RJ: Prestígio, 2007.

BACCELLI, Carlos Antonio. *Evangelho de Chico Xavier*. 6. ed., Votuporanga-SP: Didier, 2003.

BOBERG, José Lázaro. *Nascer de Novo para ser feliz*. 4. ed. Capivari-SP: EME, 2005.

\_\_\_\_\_. *Prontidão para Mudança*. 2. ed. Capivari-SP: EME, 2006.

\_\_\_\_\_. *Poder da Fé (O)*. 2. Ed. Capivari-SP: EME, 2005.

\_\_\_\_\_. *Filhos de Deus, o Amor Incondicional*. 2. ed. Capivari-SP: EME, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Código Penal dos Espíritos – A Justiça do Tribunal da*

Consciência. 4. Ed. Capivari-SP: EME, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Segredo das Bem-aventuranças* 1. ed. Capivari-SP: EME, 2009.

BONDER, Nílton. *Código Penal Celeste*. 4. ed., Rio de Janeiro: Campus, 2004.

DISCOVERY Channel: *Mistérios da Bíblia: Evangelhos Perdidos*, 2009.

EHRMAN, Bart D. *Evangelhos Perdidos – As Batalhas pela Escritura e o Cristianismo que não Chegamos a Conhecer*. Tradução de Eliziane Andrade Paiva. São Paulo: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?* Tradução Marcos Marcionilo – e 1.ed. São Paulo-SP, Prestígio, 2006

HITCHENS, Christopher. *deus não é Grande – como a religião envenenou tudo*. Tradução Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário Aurélio*, UOL.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, UOL.

KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Victor Tollendal Pacheco. Apresentação e notas de J. Herculano Pires. 20 ed. São Paulo: LAKE, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de João Teixeira de Paula. Introdução e notas de J. Herculano Pires. 12. ed., São Paulo: LAKE, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de J. Herculano Pires. 73. ed., Rio de Janeiro: LAKE, 1993.

MEYER, Marvin. *Mistérios Gnósticos: As Novas Descobertas – O impacto da Biblioteca de Nag Hammadi*: Tradução Henrique Ama Rego Monteiro – São Paulo: Pensamento, 2007.

MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. 1. ed. Matão-SP: 1988.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho Gnóstico de Tomé*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lachâtre: 1995

PAGELS, Elaine. *Além de Toda Crença*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira – Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Os Evangelhos Gnósticos*. Tradução Marisa Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 1979.

PASTORINO, Carlos Juliano Torres. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 8, Rio de Janeiro: SABEDORIA, 1964.

POSSATTO, Lourdes. *Equilíbrio Emocional*. São Paulo: Lúmen, 2008.

RAMOS, Osny. *A Física Quântica em Nossa Vida*. 1. Ed. Blumenau-SC: Odorizzi, 2008.

ROHDEN, Huberto. *Sabedoria das Parábolas*. 5. ed. São Paulo: MARTIN CLARET, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Quinto Evangelho – Apóstolo Tomé*. 3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cosmoterapia*, 2.ed. São Paulo: Alvorada, 1989.

XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*, pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.

\_\_\_\_\_. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel. 19. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994.

\_\_\_\_\_. *Palavras de Vida Eterna*, pelo Espírito Emmanuel. 16. ed. Uberaba-MG: 1995.



*Chico Xavier*  
EDITORA E DISTRIBUIDORA

Tel: 0800 283 7147 - (31) 3635-2585  
contato@editorachicoxavier.com.br  
www.editorachicoxavier.com.br



**O Livro dos Espíritos**  
Autor: Allan Kardec  
Tradução: José Reis Chaves  
Gênero: Codificação Espírita  
Formato: 14x21  
Páginas: 376  
ISBN 978-85-60451-48-7

**O Evangelho Segundo O Espiritismo**  
Autor: Allan Kardec  
Tradução: José Reis Chaves  
Gênero: Codificação Espírita  
Formato: 14x21  
Páginas: 272  
ISBN 978-85-60451-41-8



# TRILOGIA DA REGENERAÇÃO

## **Estrela de Luz - I**

Psicofonia: Izoldino Resende

Pelo Espírito Ismael

Gênero: Romance

Formato: 16x23

Páginas: 272

ISBN 978-85-60451-04-3



## **Planeta Terra em Transição - II**

Psicofonia: Izoldino Resende

Pelo Espírito Ismael

Gênero: Romance

Formato: 16x23

Páginas: 272

ISBN 978-85-60451-16-6

## **O Despertar de**

## **Uma Nova Era - III**

Psicofonia: Izoldino Resende

Pelo Espírito Ismael

Gênero: Romance

Formato: 16x23

Páginas: 208

ISBN 978-85-60451-37-1





### **Fé e Razão**

Autor: Rossano Sobrinho

Gênero: Doutrinário

Formato: 14x21

Páginas: 224

ISBN 978-85-60451-05-0

### **O Mensageiro da Regeneração**

Autor: Rossano Sobrinho

Gênero: Romance

Formato: 16x23

Páginas: 176

ISBN 978-85-60451-17-3



### **Evolução Pelo Amor**

Autor: Rossano Sobrinho

Gênero: Autoajuda

Formato: 14x21

Páginas: 224

ISBN 978-85-60451-13-5

### **Universo Maravilhoso das Parábolas**

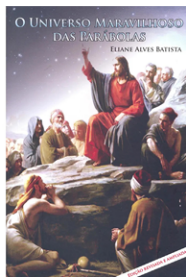
Autora: Eliane Alves Batista

Gênero: Estudo Evangélico

Formato: 16x23

Páginas: 384

ISBN: 978-85-60451-20-3





**Encontros Com a Vida**  
Autor: Rossano Sobrinho  
Gênero: Romance  
Formato: 14x21  
Páginas: 288  
ISBN 978-85-60451-21-0

**Há Solução, Sim!**  
Autor: José Lázaro Boberg  
Gênero: Autoajuda  
Formato: 16x23  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-24-1



**Resgatando o Passado e  
Construindo o Futuro...**  
Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo Espírito Ernesto  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 320  
ISBN 978-85-60451-01-2

**O Poder das Suas Palavras**  
Autor: Celso Batista Inácio  
Gênero: Autoajuda  
Formato: 16x23  
Páginas: 216  
ISBN 978-85-60451-19-7





### **Viver Melhor**

Autor: Celso Batista Inácio  
Gênero: Autoconhecimento  
Formato: 16x23  
Páginas: 160  
ISBN 978-85-60451-14-2

### **O Espiritismo Segundo a Bíblia**

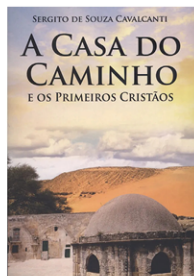
Autor: José Reis Chaves  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 14x21  
Páginas: 224  
ISBN 978-85-60451-12-8



**Renunciando Por Amor**  
Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo espírito Ernesto  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 368  
ISBN 978-85-60451-11-1

**Diretrizes Para Uma Vida Feliz**  
Autor: Sergito de Souza Cavalcanti  
Gênero: Autoconhecimento  
Formato: 16x23  
Páginas: 224  
ISBN 978-85-60451-06-7





**A Casa do Caminho**  
Autor: Sergito de Souza  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 16x23  
Páginas: 240  
ISBN 978-85-60451-02-9



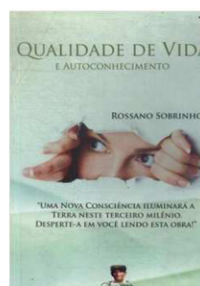
**Sementes de Esperança**  
Psicografia: Wander Cardoso  
Pelo espírito Ignácio de Antioquia  
Gênero: Mensagens  
Formato: 12x17  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-29-6



**Presença Espírita na Bíblia**  
Autor: José Reis Chaves  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 14x21  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-18-0

**Qualidade de Vida e Autoconhecimento**

Autor: Rossano Sobrinho  
Gênero: Autoconhecimento  
Formato: 16x23  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-25-3





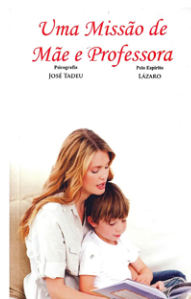
**Horizontes do Espírito**  
Psicografia: Wander Cardoso Campolina  
Pelo espírito Ignácio de Antioquia  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 16x23  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-35-7



**Grilhões de Paixão**  
Psicografia: Norma Jorge Moreira  
Pelo espírito Fernando de O Campello  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 224  
ISBN 978-85-60451-34-0

**Uma Missão de Mãe e Professora**

Psicografia: José Tadeu  
Pelo espírito Lázaro  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 14x21  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-30-2



## MAIS LANÇAMENTOS DA EDITORA CHICO XAVIER...



**Renunciando Por Amor**  
Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo Espírito Ernesto  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 256  
ISBN 978-85-60451-11-1

**Vivendo Um Grande Amor**  
Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo espírito Ernesto  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 224  
ISBN 978-85-60451-40-1



**Há Luz Na Escuridão**  
Psicografia: Denilson de Souza  
Pelo espírito Carlos  
Gênero: Romance Mediúnico  
Formato: 16x23  
Páginas: 192  
ISBN 978-85-60451-36-4

# MOMENTOS DE PAZ



## **Momentos de Paz**

Psicofonia: Izoldino Resende

Pelo Espírito Ernesto

Gênero: Mensagens

Formato: 11x15

Páginas: 272

ISBN 978-85-60451-27-2

Este livro contém mensagens que irá proporcionar a você caro leitor um grande deleito em páginas repletas de ensinamentos, conduzindo-nos a raros e encantadores “Momentos de Paz” em meio a nossa rotineira vida.

### **“Seja Forte”**

Não se sinta derrotado em nenhuma situação seja forte e otimista. Assim, você vencerá qualquer provação.

**UM AMIGO PARA TODA A SUA VIDA!**



### **Isso é Amor**

Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo Espírito Ernesto Macedônio  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 288  
ISBN 978-85-60451-10-4

### **Quem Ama Perdoa!**

Psicofonia: Izoldino Resende  
Pelo Espírito Ernesto Macedônio  
Gênero: Romance  
Formato: 16x23  
Páginas: 272  
ISBN 978-85-60451-41-8



### **Desencarnações Coletivas**

Autor: Izoldino Resende  
Espírito: Jerônimo Mendonça  
Gênero: Romance  
Formato: 16 x23  
Páginas: 272  
ISBN 978-85-60451-39-5



**Sexo, Consciência e Amor**  
Psicografia: Priscila de Faria Gaspar  
Pelo Espírito Carlos  
Gênero: Doutrinário  
Formato: 16x23  
Páginas: 256  
ISBN 978-85-60451-47-0

**Abençoada Gravidez**  
Autor: Luísa Marteleto  
Espírito: Idylla  
Formato: 16x23  
Páginas : 545  
ISBN: 978-85-60451-68-5



**Estudando a Mediunidade  
Consciente**  
Autor: Izoldino Resende  
Espírito: Jerônimo Mendonça  
Gênero: Estudo da Mediunidade  
Formato: 16 x23  
Páginas: 256  
ISBN 978-85-6045159-3

## PROGRAMA ESPÍRITA DE RÁDIO “O CRISTO CONSOLADOR”

Ouçã na rede de rádio Boa Nova às quintas-feiras às 22:00hs. 1450 AM ou na Parabólica através do Canal do Boi (áudio 615).

Prezados Companheiros da Seara Espírita,

Em 1996, pela orientação do Mundo Espiritual, o Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo recebeu através do médium Izoldino Rezende de Moraes, seu fundador e dirigente, a incumbência da divulgação da Doutrina Espírita, pelo rádio, para todo o Brasil, com mensagens diversas e livros da Codificação Espírita, a preços populares para as casas espíritas. Junto dessas atividades, surgiu a doação de livros da Codificação Espírita, que o próprio Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo recebeu de uma editora espírita. Foi feita a distribuição gratuita de 3.000 exemplares do livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

No decorrer desses 14 anos de nosso trabalho, o Grupo Eurípedes Barsanulfo fundou a Editora e Distribuidora de Livros Espíritas Chico Xavier, que edita e distribui livros espíritas para todo o Brasil. Hoje, ela tem o programa espírita “O Cristo Consolador”, que está sendo transmitido por mais de 180 emissoras de rádio, por cidades de todos os estados do Brasil. Temos também um trabalho de divulgação que produzimos e distribuimos gratuitamente cerca de 3.000.000 mensagens espíritas por ano.

Também você pode participar conosco dessa divulgação de nossa querida e consoladora Doutrina Espírita, conseguindo numa rádio de sua cidade um horário para a transmissão do programa “O Cristo Consolador”, cujos programas ser-lhe-ão enviados pela Editora e Distribuidora de Livros Espíritas Chico Xavier sem nenhuma despesa. Para isso, comunique-se conosco pelo e-mail contato@editorachicoxavier.com.br ou o telefone 0800-283-7147. Você poderá escolher entre programas de 15, 30 ou 60 minutos.

**Com os nossos agradecimentos e abraços fraternos.**

**Editora e Distribuidora de Livros Espíritas Chico Xavier**

**Santa Luzia, na Grande Belo Horizonte (MG).**